



**JOYCE SERPA MEDEIROS**

**ENSINO DA LÍNGUA INGLESA COM RECURSOS TECNOLÓGICOS EM  
DISCIPLINA *ONLINE* NA GRADUAÇÃO NA MODALIDADE  
SEMIPRESENCIAL**

Dissertação apresentada à Universidade Estácio de Sá como requisito parcial de obtenção do grau de Mestre em Educação.  
Orientadora: Professora Dra. Estrella Bohadana

Rio de Janeiro

2014

M488e

Medeiros, Joyce Serpa

Ensino da língua inglesa com recursos tecnológicos em disciplina online na graduação na modalidade semipresencial. / Joyce Serpa Medeiros. - Rio de Janeiro, 2014.

151 f.

Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estácio de Sá, 2014.

1. Tecnologia da informação e da comunicação. 2. Ensino à distância. 3. Língua inglesa, ensino e estudo. 4. Ensino superior. I. Título.

CDD: 370

Dedico este trabalho a todos os docentes que com amor, carinho, dedicação e sabedoria ministram aulas presenciais ou *online*, a todos profissionais de educação que trabalham em função da aprendizagem dos alunos e a todos aqueles que acreditam que com a educação transformamos o mundo.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida e através dela a oportunidade de evolução moral e intelectual, pela força, ânimo e coragem.

Ao mestre Jesus por abençoar todo o nosso planeta e por ser nosso modelo de amor e fé.

Aos meus pais Fátima Soares e Jorge Medeiros, principalmente à minha mãe por sempre estar comigo, em todos os momentos, por ser minha amiga e companheira e por ter cuidado de mim e por ainda cuidar, por seu amor e carinho maternais.

À minha avó materna Dalha Soares (*in memoriam*) por ter sempre me incentivado a estudar e pelos seus exemplos de amor à vida, de respeito ao próximo, de resignação, humildade e sabedoria e por ter custeado parte de minha formação no ensino fundamental e médio.

Ao meu primo Rudson Serpa (*in memoriam*) pelo convívio amigável e pelo seu exemplo de vida, pela humildade e força.

Aos demais familiares e amigos, *in memoriam*, com quem tive a oportunidade de conviver, aprender e amar.

Aos familiares e amigos que me apoiaram na vida acadêmica, em especial às minhas amigas Ana Gabriela Ferreira, Annapaula Peçanha, Regina Célia Magalhães e Michelle Brust, principalmente, nesta fase do Mestrado, à amiga Michelle por ter me incentivado nos momentos mais críticos.

Às colegas de trabalho e amigas, Zélia Lubão e Rachel Ciotti que me auxiliaram, apoiando e indicando materiais de apoio para a produção desta dissertação e à Rosane Casas por ter me incentivado diversas vezes.

À professora Estrella Bohadana, pela paciência e pelos “puxões de orelha” que tornaram possível a conclusão desta dissertação.

Aos professores do Mestrado da UNESA, pelo convívio, pelo apoio, pelo conhecimento “transmitido” e pelos exemplos de dedicação e amor, em especial aos professoras Lúcia Vilarinho, Alzira Batalha, Helenice Maia, Laélia Moreira e Luiz Alexandre Rosado .

A todos os professores que fizeram parte de minha vida acadêmica e que me ensinaram.

Aos alunos que responderam de forma voluntária aos questionários e aceitaram a fazer a entrevista para a coleta de dados desta pesquisa.

Aos colegas de classe do Mestrado que me apoiaram e dividiram vários momentos.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.

Paulo Freire

## RESUMO

A inserção de disciplinas *online* em cursos de graduação, sem ultrapassar 20% de sua carga horária total, é uma recente possibilidade permitida pelo Ministério da Educação (MEC) às instituições de ensino superior credenciadas para desenvolver a modalidade da educação a distância (EAD). Cada vez mais presentes nas IES, oferecidas na modalidade semipresencial, essas disciplinas, inclusive as de língua estrangeira, têm sofrido rejeição de significativo número de alunos. Partindo dessa observação, a pesquisa buscou investigar a oferta da disciplina Noções de Inglês na modalidade semipresencial em cursos de graduação de uma Instituição de Ensino Superior Privada, localizada na cidade do Rio de Janeiro. Realizada junto a 21 alunos de distintos cursos de graduação de diferentes turnos, a pesquisa teve as seguintes questões norteadoras: a) que diferenças os alunos estabelecem entre as modalidades presencial e *online*; b) quais as vantagens e dificuldades que os alunos encontram no ensino da disciplina Noções de Inglês na modalidade semipresencial; c) como os alunos se posicionam a respeito da oferta da modalidade semipresencial no seu curso, que é presencial. Os autores que subsidiaram a análise dos dados foram M. Hallida *et al* (1974); J. Moran *et al* (2007); K. Alonso (2010). Os resultados evidenciaram que: a) as reações mais frequentes se manifestam como insatisfações; b) as interações professor-aluno e aluno-aluno foram assinaladas como precárias, quando não, inexistentes; c) a avaliação foi identificada pelos alunos como fraca, descuidada e a aprendizagem foi vista, em geral, como insatisfatória; d) quanto à disposição da interface, os alunos observaram que não estimula a aprendizagem da disciplina.

Palavras-chave: Tecnologia da Informação e Comunicação. Ensino Superior. Modalidade Semipresencial. Ensino do Inglês.

## ABSTRACT

The inclusion of online courses in undergraduate, without exceeding 20% of their total workload, is a recent possibility allowed by the Ministry of Education (MEC) to accredited higher education institutions to develop the modality of distance education (DE). Increasingly present in HEIs, offered in blended mode, these disciplines, including foreign language, have suffered rejection by significant number of students. Based on this observation, the research sought to investigate the provision of discipline Understanding English in blended mode in undergraduate courses of a private higher education institution, located in the city of Rio de Janeiro. Conducted with 21 students from different undergraduate courses in different shifts, the research had the following guiding questions: a) that students establish differences between online and classroom modalities, b) what are the advantages and difficulties that students encounter in teaching Understanding English in blended mode, c) how students position themselves concerning about the supply of blended modality in its course, which is face. Authors who supported the data analysis were M. Halliday *et al* (1974); J. Moran *et al* (2007); K. Alonso (2010). The results showed that: a) the most frequent reactions manifest as dissatisfaction, b) teacher-student interactions and student-student were flagged as poor, if not non-existent, c) evaluation was identified by students as weak, careless and learning was seen generally as unsatisfactory, d) as to the disposition of the interface, students observed that it doesn't stimulate learning discipline.

Keywords: Information and Communication Technologies. Higher Education. Blended mode. Teaching of English.



## Sumário

APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO.....	14
<b>CAPÍTULO 1: A MODALIDADE SEMIPRESENCIAL NO ENSINO DO INGLÊS</b>	
1.1 Problematização.....	16
1.2 Objetivo .....	24
1.3 Questões de estudo .....	24
1.4 Justificativa .....	24
1.5 Procedimentos Metodológicos.....	24
1.5.1 Campo de Pesquisa .....	26
1.5.2 Participantes da Pesquisa.....	28
<b>CAPÍTULO 2: REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>30</b>
2.1 A utilização das TIC no ensino superior .....	30
2.2 A EAD como apoio ao ensino semipresencial .....	34
2.3 O ensino e a aprendizagem de Inglês <i>online</i> .....	42
<b>CAPÍTULO 3: ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA PESQUISA DE CAMPO .....</b>	<b>54</b>
3.1 A análise documental .....	54
3.2 O questionário.....	60
3.2.1 Das questões fechadas do questionário.....	61
3.3 A entrevista .....	69
3.3.1 Das questões abertas e entrevista.....	70
3.3.1.1 Percepção dos alunos em relação às diferenças entre ensino presencial e <i>online</i> .....	70

3.3.1.1.1	Gerenciamento do tempo para estudar .....	70
3.3.1.1.2	A autoaprendizagem - o aluno considerado como ator mais importante da construção de seu conhecimento .....	74
3.3.1.1.3	Avaliação com muitas facilidades e com poucas vantagens para a aprendizagem .....	78
3.3.1.2	Percepção dos alunos sobre o uso das tecnologias no ensino semipresencial .....	80
3.3.1.2.1	Considerações sobre inovação e aprendizagem.....	81
3.3.1.2.2	Feedback imediato e interação com o professor.....	84
3.3.1.3	Percepção dos alunos sobre a oferta da disciplina semipresencial .....	89
3.3.1.3.1	Vantagens e desvantagens para aprendizagem.....	89
3.3.1.3.2	Quem obtém mais vantagens com a oferta da semipresencial.....	91
3.3.1.3.3	Preferência dos alunos em relação às modalidades.....	93
3.3.1.3.4	Sugestões para oferta da disciplina na modalidade <i>online</i> .....	97
CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		101
REFERÊNCIAS .....		111
ANEXOS .....		115
ANEXO I .....		115
ANEXO II .....		117
ANEXO III .....		121
ANEXO IV .....		130
ANEXO V .....		149

## APRESENTAÇÃO

“A alma é uma borboleta...  
há um instante em que uma voz  
nos diz que chegou o momento  
de uma grande metamorfose”.

(Rubem Alves)

No início na vida profissional acadêmica, em 2006, sentia-me impulsionada pelo desejo de realizar grandes atos. Penso que esse é o desejo de muitos iniciantes da carreira. No meu caso iniciei dando aulas de inglês em um curso de idiomas e sentia a vontade de fazer com que todos aprendessem inglês.

Como recursos de ensino utilizava o quadro, o livro didático, DVDs com vídeos sobre alguns dos temas abordados nas aulas, CD com diálogos interpretados por nativos americanos. Não utilizava o computador/Internet em sala de aula, mas o recomendava como apoio às tarefas de casa, sugerindo sua utilização para fins de pesquisas.

Os mesmos recursos também eram utilizados nas aulas que passei a ministrar no ensino superior, em 2009, porém com conteúdos diferenciados, já que as disciplinas não possuíam relação com inglês e sim com conteúdos voltados às práticas docentes, pois ministrava aulas para alunos dos cursos de licenciatura.

Meu contato maior com a Internet usada para fins educacionais mais “práticos”, ou seja, inserida diretamente no processo de ensino e de aprendizagem, teve início no primeiro semestre de 2011 quando fui convidada a elaborar o material de apoio, no caso uma apostila, para a disciplina Noções de Inglês que seria ministrada na modalidade semipresencial.

Enquanto elaborava a apostila, me questionava quais seriam as possibilidades de associar o conteúdo gramatical com a prática de ler, ouvir e falar – três fatores essenciais para o aprendizado de qualquer língua estrangeira.

Percebi que além da elaboração do material de apoio, precisava entender o funcionamento da flexibilização das disciplinas de Ensino Superior, analisando a utilização das TIC no processo de aprendizagem da Língua Inglesa pelos alunos da graduação.

Ministrei aulas na modalidade semipresencial no primeiro e segundo semestres de 2012, mas possuía dúvidas, receios, insegurança no que competia a minha prática docente. Apesar de utilizar constantemente a Internet para trocas de e-mails, pesquisas e lazer, não tinha por hábito ‘ensinar’ por meio deste componente tecnológico.

Com a minha pouca experiência enquanto professora de Inglês na modalidade presencial já havia me confrontado com alguns problemas, como por exemplo, alunos com dificuldades de aprendizagem na língua inglesa, muitas vezes causadas pelas dificuldades que já traziam da aprendizagem da língua materna e não conseguiam se expressar bem por meio da escrita e compreensão da gramática do inglês.

Outro problema com o qual me confrontava era a questão da não liberdade da escolha do material didático, dos conteúdos, das avaliações, pois no curso que ministrava e ainda ministro aulas, tudo é previamente planejado por uma equipe pedagógica “distante”. Os professores apenas têm que seguir com o cronograma estabelecido no prazo estipulado para o início e término de um módulo, independente do grau de dificuldade ou facilidade dos alunos da turma, todos têm que ‘iniciar e terminar juntos’.

Se esses problemas já existiam e existem no presencial o que dizer de uma nova modalidade de ensino? Pensava se encontraria esses problemas mais acentuados na modalidade semipresencial e os encontrei.

Durante os dois semestres que ministrei aulas, concomitante com os dois semestres iniciais do Mestrado, percebia que não explorava o ambiente *online* de uma maneira satisfatória, o explorava de uma maneira muito incipiente. Além dessa observação em relação a minha prática docente, observei que muitos alunos comentavam sobre as disciplinas semipresenciais e nem sempre esses comentários, realizados nos corredores e salas de aula, eram favoráveis.

Com base no anseio de compreender o funcionamento da modalidade semipresencial, suas vantagens e ainda limitações, decidi realizar uma pesquisa voltada para a investigação que envolvesse essa modalidade e por ter ouvido muitos alunos comentarem sobre a mesma. Resolvi ouvi-los mais, de forma a compreender seus anseios, opiniões e sugestões sobre a modalidade e sobre a disciplina Noções de Inglês já que eu havia preparado a apostila e ministrei aulas.

Além disso, ouvir o que alunos tinham a falar sobre a modalidade semipresencial foi uma oportunidade de repensar minha própria prática, a fim de procurar exercer meu papel com base nas necessidades apontadas pelos alunos.

Os dados recolhidos e analisados na pesquisa se encontram nas páginas seguintes após um panorama apresentado sobre nossa realidade no que se refere ao uso de TIC no ensino superior. Espero que o leitor possa aproveitar as informações aqui colhidas e descritas.

As conclusões apresentadas nesta pesquisa são provisórias, pois o tempo muda e nós também, ou seja, os questionamentos e pensamentos acerca de diversos assuntos podem sofrer modificações. Digo conclusões provisórias, pois uma pesquisa abre

caminhos para novas problematizações e deixa lacunas a serem pesquisadas, com isso cria-se um desejo de dar continuidade a um processo que é sempre renovado.

## INTRODUÇÃO

O processo de globalização trouxe mudanças no desenvolvimento econômico, na organização do trabalho, no acesso ao mercado de trabalho, na cultura cada vez mais compartilhada e compartimentada. Essas mudanças também ocorrem no campo educacional provocando respostas que redirecionam as formas de desenvolver as atividades tanto de ensino quanto de aprendizagem.

Uma dessas respostas consiste na expansão da oferta da educação a distância (EAD), modalidade educativa que utiliza o apoio das tecnologias de rede como mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e de aprendizagem por meio de atividades que são desenvolvidas em diversos lugares e em diferentes tempos (MEC, Decreto nº 5.622/05).

Como desdobramento da EAD, temos a educação semipresencial cuja proposta aparece na aplicação de recursos utilizados na EAD no ensino superior presencial. Percebemos, porém, que alguns dos problemas decorrentes da EAD como: as reduções da carga horária do professor e turmas com superlotação de alunos também fazem parte da modalidade semipresencial.

Observando a expansão da EAD e da modalidade de ensino semipresencial nas instituições privadas, questionamos se isso corresponde a uma real proposta de aumento da qualidade de ensino ou representa somente a expansão da oferta de vagas no ensino superior, preocupando-se somente com a quantidade.

Importamo-nos, porém, nesta pesquisa em ouvir o que os alunos têm a dizer sobre a modalidade semipresencial, já que eles fazem parte dela. Concentramo-nos no ensino da Língua Inglesa nesta modalidade, dada a experiência da pesquisadora.

Para tanto essa pesquisa está organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo está dividido em cinco seções. Na primeira seção destacamos o impacto das mudanças tecnológicas sobre o campo educacional e traçamos o cenário atual de transformações para formular nosso problema. Na segunda e terceira seções, elaboramos o objetivo e as questões de estudos. Na quarta seção, justificamos o porquê de nossa pesquisa e sua importância no campo da educação. Na quinta seção, descrevemos os pressupostos teórico-metodológicos; os instrumentos utilizados na coleta de dados, o campo de pesquisa e os participantes da pesquisa para situar o leitor de forma a compreender como nos baseamos, como traçamos os caminhos para alcançar as respostas para as nossas questões.

No segundo capítulo, apresentamos a revisão da literatura dividida em três partes, a saber: na primeira parte, apresentamos informações sobre as tecnologias digitais no ensino superior, na segunda parte, comentamos sobre a modalidade a distância da educação enfatizando o apoio ao ensino semipresencial. Na terceira parte, apresentamos o ensino do inglês *online*.

No terceiro capítulo tratamos sobre a trajetória da pesquisa registrando e comentando os dados empíricos. Esse capítulo está dividido em três seções. A primeira seção discute os documentos que dá suporte à proposta semipresencial. A segunda seção, apoiada nos dados recolhidos do questionário, apresenta um perfil sociocultural dos nossos participantes. A terceira seção, fruto das questões abertas do questionário e das entrevistas, destaca, a partir da análise de conteúdo, a discussão em eixos temáticos sobre as percepções mais importantes apresentadas pelos alunos.

No quarto capítulo, apresentamos nossas considerações finais a partir da retomada das três questões de estudo que nortearam nossa pesquisa. Assim, desenvolvemos três eixos: a) sobre as diferenças apontadas pelos alunos entre as modalidades presencial e semipresencial; b) sobre as vantagens e desvantagens destacadas da modalidade semipresencial; c) sobre o posicionamento a respeito da oferta da disciplina.

## CAPÍTULO I

### 1. A MODALIDADE SEMIPRESENCIAL NO ENSINO DO INGLÊS

#### 1.1 Problematização

Vivemos em uma sociedade cujas informações nos chegam a todo instante' com as tecnologias envolvendo, cada vez mais, um número maior de pessoas, produzindo novas formas de pensar, agir e se comunicar.

Quando nos referimos às tecnologias de informação e comunicação (TIC), não podemos deixar de mencionar a utilização dessas na Educação, principalmente no que diz respeito ao uso da Internet dentro e fora dos espaços escolares. Sabemos que, com a Internet, há uma ampliação da comunicação entre um grande número de pessoas e que, por meio do computador pessoal, considerado “instrumento-gerador”, com sua extrema versatilidade, deslançou-se em uma verdadeira revolução, mudando hábitos e quebrando rotinas (DREIFUSS, 2000 p.24).

Nesse contexto, para Castells (1999), as relações das TIC com o conhecimento surgiram quando as tecnologias passaram a exigir outra base material indispensável, além de terem inaugurado diversos fenômenos socioculturais como a linguagem digital e as novas formas de propagar e armazenar a informação e o conhecimento.

Sabemos que a linguagem oral era utilizada como único meio de propagar os fatos, antes da escrita. As narrativas passaram para a linguagem escrita que permitiu que a história fosse arquivada em papel e não dependesse mais da memória do homem. Os fatos passam a ser transmitidos para um número maior de pessoas por meios escritos (BOHADANA, 1998). Com o avanço das TIC mais pessoas passaram a ter acesso a estes fatos disponíveis atualmente também no ambiente *online*.

Com isso, as instituições de ensino foram afetadas pelas novas possibilidades introduzidas com computador, especialmente no que diz respeito ao repensar do ensino e da aprendizagem. Do ponto de vista acadêmico, o computador invade as universidades, abrindo espaço para a aquisição de outras formas de obtenção de informações e produção de conhecimento, além de possibilitar a formação de comunidades virtuais (LÉVY, 1995).

Ao lado desse aspecto positivo surgem outros, bastante questionáveis como o destacado por Brunner (2004, p. 27), quando o autor afirma que a globalização acentuou



perversamente a incumbência da universidade em termos de preparação para o mercado de trabalho. Para esse autor a formação em nível superior assumiu “sentido empresarial, utilitário e de mero adestramento de força de trabalho”. Afirma que houve a ampliação da oferta de empregos no setor de serviços com a necessidade, cada vez maior, da elevação dos níveis de escolaridade e o domínio das tecnologias digitais; além de uma formação diversificada e flexível que interfere na busca de soluções que atendam à demanda reprimida da educação superior (*op. cit.*, 2004, p.27).

Nesse cenário, o impacto das mudanças no campo educacional inferem algumas propostas às formas de desenvolver as atividades de ensino e as de aprendizagem. Uma dessas respostas consiste na expansão da oferta da educação a distância (EAD), modalidade educativa que utiliza o apoio das tecnologias de rede e que quebraram a rigidez de dois princípios básicos dos sistemas educacionais que são ainda considerados os seguintes: a instituição escolar/de ensino é o lugar mais adequado para se aprender; e o meio mais adequado para se transmitir conteúdos é o texto plano ou linear (o livro didático) (ALVES, 1994 *apud* FERREIRA, 2010).

Como desdobramento da EAD, temos a educação semipresencial cuja proposta aparece na aplicação de recursos utilizados na EAD no ensino superior presencial. Percebemos, porém que alguns dos problemas decorrentes da educação semipresencial precisam ser revistos, pois, em relação à prática pedagógica, aparenta ter sido retirada mais a autonomia do professor do que acrescida.

Os documentos do MEC apresentam a modalidade semipresencial como tentativa de adequar a educação em relação à utilização de Tecnologias de Informação e Conhecimento - TICs. O Ministério da Educação e Cultura (MEC), por meio da Portaria nº 2.253, de 18 de outubro de 2001, e depois pela Portaria nº 4.059 de 10 de dezembro de 2004, institui que as IES do Brasil poderiam oferecer em suas disciplinas, em seu todo ou em parte, o método não presencial.

A Portaria nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004 regulamenta a oferta da carga horária a distância para cursos ou disciplinas presenciais. No 1º artigo, a Portaria autoriza as IES à oferta de até 20% (vinte por cento) da carga horária das disciplinas, ou do total da carga horária de um curso de graduação presencial, a distância, por meio da utilização de tecnologias próprias de Educação a Distância.

Art.1º. As instituições de ensino superior poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem modalidade semipresencial, com base no art.81 da Lei nº.

9.394, de 1996 e no disposto nesta Portaria (MEC, PORTARIA nº 4.059).

A modalidade semipresencial é caracterizada, de acordo com essa Portaria no seu §1º, como quaisquer atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino-aprendizagem centradas na autoaprendizagem e com mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota.

Estamos admitindo que na modalidade semipresencial há a integração das modalidades presencial e a distância. Assim, longe de dispensar, essa modalidade reforça a utilização de textos escritos e das atividades presenciais, ou seja, utiliza também os recursos considerados tradicionais de ensino.

No entanto, o fato de textos encontrarem-se em ambientes virtuais não é garantia de uma ruptura com o passado. Se esses forem utilizados com a linearidade (sem múltiplos caminhos), continuarão presos às práticas antigas e as tecnologias pouco contribuirão para o processo ensino-aprendizagem. Isso ilustra que as intenções impressas em propostas e documentos não representam necessariamente a prática e a experiência.

O diferencial do ensino semipresencial está na utilização de outros meios instrucionais como imagem, som e a utilização de todos em um hipertexto (texto em formato digital)<sup>1</sup> que, aliados aos convencionais, permitem uma maior contextualização do conteúdo ministrado (EBERT, 2003).

Consideramos que, embora os ambientes de ensino e aprendizagem virtual possam favorecer a aprendizagem, eles somente cumprirão seus objetivos se houver uma nova compreensão e uma nova cultura quanto ao uso dessas possibilidades, tanto pelo professor quanto pelo aluno. Ou seja, não se trata de aprender a usar uma técnica, mas de repensar as práticas educacionais, o que implica (re)pensar o sentido e as finalidades da própria educação.

Como, no entanto, a expansão da EAD tem sido intensa, concordamos com Ferreira (2010) em relação a algumas indagações dessa expansão: ela vem, realmente, atender às reais demandas do ensino superior ou esse movimento serve mais à tendência

---

<sup>1</sup> O termo hipertexto foi criado por Theodore Nelson, na década de sessenta, para denominar a forma de escrita/leitura não linear na informática. O hipertexto está relacionado à própria evolução da tecnologia computacional quando a interação passa à interatividade, em que o computador deixa de ser binário, rígido e centralizador, para oferecer às pessoas interfaces interativas (LÉVY, 1993).

mercadológica dos cursos de graduação? O que aqueles que estão sendo submetidos a esta modalidade educativa – especialmente os alunos – têm a dizer sobre tal vivência?

Cabe reconhecer que a Internet é um dos fatores de desenvolvimento da EAD nas IES, e com elas vieram mudanças significativas como, por exemplo, a vulgarização do Inglês, daí ser importante ter um conhecimento, mesmo que mínimo, desta língua.

A utilização do Inglês em grande escala, principalmente no campo tecnológico, deve-se ao fato de existirem grandes possibilidades econômicas para investidores que sabem falar inglês, o que se reflete no mundo de trabalho em sua totalidade. Como consequência, cresce o número de brasileiros interessados em aprender essa língua, apesar de somente pequena parte da população ser capaz de arcar com as despesas de um curso de idiomas.

No ensino desta língua estrangeira para adultos, na modalidade presencial, percebemos que a grande maioria dos alunos já possui algum conhecimento, ainda que incipiente, como o significado de várias palavras em inglês que foram incorporadas em nosso dia a dia.

Apesar de encontrarmos na Internet tradutores automáticos, é de suma importância possuir conhecimentos acerca do Inglês para que as traduções possam ser avaliadas e refeitas em caso de erros gramaticais, tendo em vista que apresentam muitos erros de semântica e sintaxe.

Além de sua utilização para fins de informação, o Inglês também é muito utilizado na comunicação entre pessoas que falam diferentes línguas maternas e que podem entender e se fazer entender com o uso desse idioma considerado e praticado como língua planetária e multicultural, definido por Dreifuss (2000, p.121) como “intercomunicante mundial, idioma da incipiente administração global da produção e das tecnologias emergentes utilizado em diversas áreas como: financeira, acadêmica, forças armadas, etc”.

Em relação ao ensino de línguas estrangeiras Halliday, McIntosh e Streves (1974, p. 281) afirmam que há uma correlação existente entre domínio da língua materna - LM e aprendizagem de outro idioma, pois “conhecer a língua materna é estar bem equipado para aprender uma língua estrangeira (LE)”.

Para Halliday, McIntosh e Streves (1974), a relação conflituosa entre ambas as línguas (a materna e a do outro idioma que se deseja aprender) se dá devido às diferenças entre elas. Isso é o que determina a aprendizagem de uma segunda língua, com isso, não é possível isolá-las. Compreendemos, portanto que a língua estrangeira

não é um sistema vazio de sentido, pois traz uma carga ideológica que coloca o indivíduo que deseja aprender em permanente conflito com a ideologia da língua materna (CORACINI, 2007).

Quando se trata de ensino *online* da língua inglesa, este traduz a possível expectativa de que seria possível aprender de maneira mais rápida e eficaz, porém, o ensino utilizando recursos *online* também depende de um minucioso levantamento do grau de conhecimento da língua materna que os alunos possuem. Considerando as dificuldades existentes em relação à LM, questionamos quais as reais possibilidades dessa aprendizagem ocorrer, levando em consideração o aprendizado na modalidade *online*.

Cabe ressaltar que entre os estudantes do ensino superior, 38% não dominam habilidades básicas de leitura e escrita, segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf)<sup>2</sup>. Esse dado foi divulgado em dezesseis de julho de 2012 pelo Instituto Paulo Montenegro (IPM) e pela ONG Ação Educativa e esse indicador reflete o expressivo crescimento de universidades de baixa qualidade.

Os resultados dessas pesquisas mostram que durante nos 10 anos anteriores houve uma redução do analfabetismo absoluto e um incremento do nível básico de habilidades de leitura, escrita e matemática. No entanto, a proporção dos que atingiram um nível pleno de habilidades manteve-se praticamente inalterada, em torno de 25%.

Esses resultados evidenciam que o Brasil já avançou principalmente nos níveis iniciais do alfabetismo, porém não conseguiu progressos no alcance do pleno domínio dessas habilidades que são hoje condição para a inserção de forma plena na sociedade letrada. Contudo, de acordo com dados censitários produzidos pelo IBGE o número de brasileiros com ensino médio ou superior cresceu na década 2000-2010, mas será que isso representa maior qualidade no ensino ou somente aumento da quantidade de alunos?

Os dados do Inaf levantados no mesmo período indicam que estes avanços no nível de escolaridade da população não têm correspondido a ganhos equivalentes no domínio das habilidades (leitura, escrita e matemática). “Somente 62% das pessoas com ensino superior e 35% das pessoas com ensino médio completo são classificadas como

---

<sup>2</sup> Criado em 2001, o Inaf é realizado por meio de entrevista e teste cognitivo. A pesquisa que obteve esses dados foi aplicada em uma amostra nacional de 2 mil pessoas entre 15 e 64 anos. Elas respondem a 38 perguntas relacionadas ao cotidiano. O indicador classificou os avaliados em quatro níveis diferentes de alfabetização: plena, básica, rudimentar e analfabetismo.

plenamente alfabetizadas”. Nesses casos essa proporção é inferior ao observado no início da década. Com os dados do Inaf, também foi revelado que “um em cada quatro brasileiros que cursam ou cursaram até o ensino fundamental II ainda estão classificados no nível rudimentar, sem avanços durante todo o período” (INAF, 2011,2012).

Esses dados parecem reforçar a necessidade de investimento na qualidade da educação, pois percebemos que o aumento da escolarização não está sendo suficiente para assegurar o pleno domínio de habilidades de alfabetismo.

Comparando os índices apresentados em relação ao analfabetismo funcional no ensino superior com a afirmativa de Halliday, McIntosh e Strevens (1974), consideramos que a relação do domínio da língua nativa é fator predominante do aprendizado de uma língua estrangeira.

Já que os índices de analfabetismo representam que, quase 40% dos alunos do ensino superior não dominam as habilidades de leitura e escrita da língua materna, o que pensar do aprendizado de uma língua estrangeira, no caso o inglês no curso de graduação utilizando a modalidade semipresencial?

A proposta da flexibilização (20% da carga horária da disciplina ou do curso – modalidade semipresencial) vem levantando novos questionamentos e inquietações entre professores e alunos, principalmente quando se volta para as disciplina de ensino de língua estrangeira.

Para dar suporte às indagações presentes neste projeto, realizamos uma pesquisa para fazer um levantamento de dados sobre o fenômeno. Para tal, pesquisamos nos sites da [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior](#) (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) utilizando as palavras-chave: flexibilização do ensino superior, modalidade semipresencial e língua inglesa na modalidade *online*. Foram encontradas 12 dissertações e artigos relacionados ao tema.

Analisando os conteúdos desses trabalhos, observamos que 04 se enquadram na temática a ser abordada nesse projeto de pesquisa, pois analisam a questão do ensino da língua inglesa com recursos tecnológicos, a reação dos alunos às disciplinas *online* na graduação presencial e a visão dos participantes da modalidade semipresencial. Em resumo, os autores desses trabalhos abordam:

- *Educação, Cibercultura e Aprendizagem do Inglês Técnico* (SANTIAGO, 2006), cujo objetivo consistiu em avaliar possibilidades e limitações da disciplina de Inglês Técnico, oferecido por um curso de graduação tecnológica em uma instituição particular de Ensino Superior do Rio de Janeiro, na modalidade semipresencial. A autora concluiu, em sua pesquisa, que as limitações foram maiores que as possibilidades oferecidas pelos 20% de atividade *online* no processo ensino-aprendizagem, no grupo analisado.
- *Reação dos alunos às disciplinas online na graduação presencial* (JUNIOR, 2009), cujo objetivo era investigar as reações dos alunos às aulas de um curso de graduação oferecidas na modalidade *online* em uma universidade carioca, além de identificar de que forma foram planejadas e como estão sendo oferecidas as disciplinas *online*. Os resultados da pesquisa apontaram que as reações mais frequentes se manifestam como insatisfações, tanto dos estudantes quanto dos professores, à falta de interação entre alunos e professores e à qualidade do conteúdo das aulas o que revela a necessidade de se repensar e rever o que vem sendo praticado pelos alunos e professores nas disciplinas *online*.
- *Interação no componente online de cursos semipresenciais: a visão dos participantes* (CAMILLO, 2011), teve por objetivo a percepção dos participantes (professores e alunos) de um curso semipresencial sobre a interação no componente *online* desse curso. A autora procurou investigar os aspectos favoráveis à interação *online* e as relações entre o componente presencial e o *online* em cursos semipresenciais. Foi observado que os alunos perceberam mais aspectos favoráveis à interação *online* do que os professores. Para a autora, os resultados de sua pesquisa reforçam a importância da complementaridade entre o componente presencial e a interação *online* dos cursos semipresenciais.
- *Educação a distância no ensino de graduação: vantagens e dificuldades na perspectiva de alunos* (FERREIRA, 2010), cujo objetivo foi investigar as percepções de alunos de cursos de graduação sobre a oferta de 20% da grade curricular na modalidade a distância. A autora da pesquisa revelou a existência de três grupos entre os sujeitos: o primeiro expressou uma visão ingênua quanto à oferta das disciplinas *online*, relacionando-as à necessidade de domínio

tecnológico para o enfrentamento dos novos desafios da educação; o segundo evidenciou uma visão mais crítica em relação à oferta da EAD, vinculando-a a questões econômicas; e o terceiro grupo foi incapaz de se posicionar sobre os motivos da oferta em tela.

Percebemos que as pesquisas realizadas contemplam o ensino *online* de cursos de graduação presencial, o que se assemelha a esse estudo, incluindo o ensino da língua inglesa na modalidade semipresencial apresentada por uma das pesquisas relacionadas acima (Camillo, 2011); contudo, sente-se ainda a necessidade de ampliar o debate dessa temática a fim de considerar a avaliação dos alunos em relação ao ensino e à aprendizagem da língua estrangeira na modalidade *online* em cursos presenciais.

Apesar da pesquisa de Santiago (2006) abordar a disciplina de Inglês Técnico, esta se diferencia da presente pesquisa por ter sido analisada em um curso de graduação tecnológica (Curso de Informática), onde os alunos já possuíam contato e conhecimento sobre as tecnologias, principalmente o computador.

Considera-se, a princípio, que possa haver uma diferença em relação ao uso das TIC e o grau de conhecimento da língua inglesa por parte dos alunos dos diferentes cursos de graduação (bacharelado, tecnólogo e licenciatura) oferecidos pela instituição onde será realizada essa pesquisa. É importante, portanto, estabelecer essas possíveis diferenças para analisarmos quais os pontos positivos que favorecem a aprendizagem desses alunos.

As conclusões apresentadas nas pesquisas selecionadas apontam a existência de limitações no que se refere à aprendizagem na modalidade semipresencial, principalmente em relação à interação professor-aluno e que grande parte dos professores não acredita na eficiência desta modalidade de ensino.

Muitos dos aspectos avaliados por estes pesquisadores foram levados em consideração nesta pesquisa, como a avaliação dos alunos em relação ao processo de aprendizagem, análise dos pontos positivos e negativos relacionados ao ensino da língua inglesa *online* e a identificação das atividades planejadas e oferecidas no site da Instituição.

Outra questão analisada foi o aprendizado na modalidade semipresencial, já que para que ocorra é exigido do aluno o desenvolvimento de sua independência e sua 'autonomia'. Neste caso, questionamos se o perfil dos alunos de graduação presencial se enquadra nessa exigência, principalmente no que diz respeito ao aprendizado de um

idioma e se através dos recursos tecnológicos seria possível sanar algumas das dificuldades apresentadas pelos alunos no aprendizado da língua inglesa.

## 1.2 OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa é investigar a oferta da disciplina Noções de Inglês na modalidade semipresencial em cursos de graduação segundo a percepção dos alunos de uma instituição de ensino superior privada localizada na cidade do Rio de Janeiro.

## 1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

Diante do objetivo apresentado, formulamos as seguintes questões de estudo:

- Que diferenças os alunos estabelecem entre as modalidades presencial e online?
- Quais as vantagens e dificuldades que os alunos encontram no ensino da disciplina Noções de Inglês na modalidade semipresencial?
- Como os alunos se posicionam a respeito da oferta da modalidade semipresencial no seu curso que é presencial?

## 1.4 JUSTIFICATIVA

Consideramos esse estudo oportuno, pois nos baseamos na vivência dos alunos, possibilitando uma importante fonte de informações quanto às vantagens e desvantagens que apresentam a respeito da disciplina Noções de Inglês, ministrada na modalidade semipresencial, ou seja, com a inserção de 20% da carga horária do curso no formato *online*.

Acreditamos que a pesquisa pode fornecer importantes dados para docentes e gestores dos cursos de graduação da instituição, de forma a utilizarem as informações para melhor atenderem às necessidades e expectativas dos alunos.

## 1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa seguiu a orientação qualitativa, embora se valendo de dados quantitativos, reconhecendo que a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo e que consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo (DENZIN, N.K; LINCOLN, Y.S, 2006).



A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance (DENZIN, N.K; LINCOLN, Y.S, 2006).

Já que a pesquisa qualitativa utiliza uma variedade de práticas, entendemos que existe o compromisso, por parte do pesquisador em empregar mais de uma prática interpretativa no estudo a que se propõe realizar.

Utilizamos a Análise de Conteúdo, visando recolher mais informações sobre o objeto de estudo sem hipóteses *a priori*, considerando que a “análise enriquece a tentativa exploratória e aumenta a propensão à descoberta” (CASTRO, RIZZINI e SARTOR, 1999, p. 92):

A análise de resultados de uma pesquisa é um processo sistemático de busca e de organização visando obter maior compreensão dos materiais coletados e de torná-los compreensíveis ao maior número possível de pessoas.

Optamos pela Análise de Conteúdo, compreendendo que esta é concebida como uma técnica de investigação que tem por objetivo ir além da compreensão imediata e espontânea, ou seja, tem por função básica a observação mais atenta dos significados de um texto. Para as autoras supracitadas (*op. cit.*, 1999, p. 92):

Atualmente, há duas tendências em relação à utilização da Análise de Conteúdo. A primeira tendência procura verificar hipóteses confirmando-as ou não através da análise. É a análise de conteúdo para “servir de prova”. A segunda pressupõe uma investigação partindo da própria análise, ou seja, objetiva recolher mais informação sobre o que se quer investigar sem hipóteses *a priori*, considerando que a análise enriquece a tentativa exploratória e aumenta a propensão à descoberta.

A Análise de Conteúdo nesta pesquisa pressupõe uma investigação partindo da própria análise, ou seja, objetivou recolher mais informações sobre o que investigamos a fim de enriquecer a proposta exploratória.

Existem diversos instrumentos de coleta de dados, principalmente, tratando-se de uma investigação que englobe tanto a dimensão qualitativa quanto a quantitativa,

mesmo que prevaleça a qualitativa (CASTRO, RIZZINI e SARTOR, 1999). Nesses casos, para coleta de dados, escolhemos os instrumentos: análise documental, questionário e entrevista.

A pesquisa incluiu a análise documental, com ênfase em Pareceres, Portarias associadas ao Ensino Superior e nos documentos da Instituição onde ocorreu a pesquisa, tais como o Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI e outros documentos pertinentes às disciplinas oferecidas na modalidade semipresencial a fim de obter um quadro de informações e inferir possíveis problemas, e pesquisa de campo.

Escolhemos diferentes técnicas para tratarmos do problema e analisar os dados da pesquisa de forma mais detalhada e segura e para garantir a credibilidade dos dados, foi utilizada a triangulação das informações. Segundo Alves-Mazzotti (2000, p.173) “quando buscamos diferentes maneiras para investigar um mesmo ponto, estamos usando uma forma de triangulação”. Referimo-nos à utilização de mais de uma fonte de dados a partir da convergência de resultados com o uso de diferentes métodos, reforçando a validade da pesquisa.

#### 1.5.1 CAMPO DE PESQUISA

A instituição onde foi realizada a pesquisa é uma instituição de ensino superior privada. O campus da Faculdade está localizado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, marcado por disparidades sócio-econômico-culturais, onde se localizam os maiores conjuntos habitacionais da América do Sul e com uma população economicamente carente.

Em função dessas características, a Faculdade oferece às comunidades do seu entorno vários tipos de bolsas de estudo, entre outros serviços, objetivando o ingresso e permanência no ensino superior desta população.

Por estar localizada na Zona Oeste, a Faculdade tem como uma de suas preocupações estar preparada para receber estudantes com a perspectiva de que nem todos tiveram ou têm acesso às tecnologias da informação e comunicação durante o processo educacional.

Pensando nisso, a Instituição disponibiliza para os alunos ingressantes na graduação, a disciplina Informática Instrumental com a finalidade de familiarizá-los com o computador de forma a utilizá-lo como ferramenta de acesso às informações.

Além disso, a disciplina Produção Textual também é oferecida visando possibilitar ao aluno interpretar as informações obtidas.

Essas disciplinas correspondem à necessidade, de acordo com a instituição, de capacitar os alunos para lidarem com tecnologias de comunicação remotas e para interpretar e compreenderem as informações, tudo isso amparado pela “Técnica de Aprendizagem Aprender a Aprender – TAAA”, filosofia pedagógica da instituição, apontando ao aluno como aprender sozinho (autoaprendizagem).

A Faculdade oferece cursos de Bacharelado, Tecnólogo e Licenciatura, que são: Administração, Ciências Contábeis, Processos Gerenciais (Gestão Empresarial), Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Geografia (Bacharelado e Licenciatura), Letras (Português/Literatura e Português/Inglês), História e Pedagogia. Os cursos são oferecidos nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Os cursos são oferecidos na modalidade presencial, porém oferece disciplinas na modalidade semipresencial, aplicando os 20% sugeridos pelo MEC com base na carga horária total dos cursos, ou seja, os 20% não se aplicam a carga horária da disciplina e sim do curso, com isso as disciplinas são ministradas quase que totalmente *online*.

A modalidade semipresencial foi implantada na faculdade em 2007, mas com um modelo diferente do atual. Antes havia quatro aulas presenciais, uma para explicar a funcionalidade da disciplina e outras três antes das avaliações, uma antes da primeira avaliação (NTI), outra antes da segunda avaliação (NPC) e a quarta antes da terceira avaliação (NEF). O último encontro era usado com uma grande revisão dos conteúdos da apostila.

Neste modelo antigo, quase não havia o uso dos recursos tecnológicos. Os alunos liam os materiais de apoio e nas aulas presenciais o professor fazia um resumo das unidades e retirava as dúvidas dos alunos. Caso o aluno faltasse o encontro, recebia falta, e se tivesse alguma dúvida em relação ao conteúdo, o aluno deveria enviar um e-mail para [semipresencial@xxxx.br](mailto:semipresencial@xxxx.br) e esse e-mail era encaminhado ao professor pelos funcionários do setor ‘Semipresencial’.

Atualmente a Instituição aplica os 20% com base na carga horária do curso de graduação e não da disciplina, com isso a disciplina é quase 100% *online*, havendo apenas quatro encontros presenciais que não são obrigatórios. Esses encontros são realizados, um para explicar sobre como funciona a disciplina e os demais para revisar os conteúdos a serem ‘cobrados’ nas provas, porém nem sempre o professor da disciplina é quem revisa os conteúdos nos encontros presenciais que ocorrem aos

sábados nas semanas anteriores às avaliações. Quando o professor da disciplina não pode comparecer aos encontros, outro professor é convidado.

As avaliações ocorrem presencialmente, porém nem sempre é o professor quem as aplica. As mesmas, muitas vezes, são aplicadas por outro professor que não da disciplina acompanhado de funcionários ou estagiários do setor semipresencial.

As avaliações possuem a pontuação máxima de 10 pontos, contendo cinco questões de múltipla escolha, acompanhadas pelo cartão resposta que deve ser devolvido após a realização das provas pelos alunos. Para responder as questões da prova o aluno pode consultar a apostila impressa. Todas as provas são realizadas presencialmente pelos alunos. Os alunos são avaliados por meio de provas, no total de três. A pontuação mínima para aprovação é de 15 pontos. Caso o aluno consiga alcançar 15 pontos nas duas primeiras avaliações, ele precisa realizar a terceira avaliação.

O material (apostila) referente às disciplinas nas modalidades semipresencial fica disponibilizado na Secretaria *Online*, no site da Instituição, onde o aluno possui acesso por meio de sua matrícula e senha. Por meio deste mesmo acesso o aluno entra no fórum e participa, caso deseje, porém sua participação não é obrigatória.

Além da disciplina Noções de Inglês, outras disciplinas são oferecidas em todos os cursos, na modalidade semipresencial, a saber: Conhecimento em Comércio Eletrônico; Ética e Relações de Cidadania; Gestão de Carreira; Realidade Social, Política, Econômica Brasileira; e Realidade Social, Política, Econômica do Rio de Janeiro.

### 1.5.2. PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nosso estudo se concentrou no Ensino Superior com os alunos dos cursos de graduação matriculados na disciplina semipresencial Noções de Inglês no segundo semestre de 2013. Contamos com a colaboração de 21 alunos, 16 responderam o questionário e 05 participaram da entrevista.

Não selecionamos faixas etárias específicas, pois os alunos foram convidados e contamos com o voluntarismo dos mesmos. Por isso participaram alunos de diferentes faixas etárias matriculados nos turnos matutino e noturno. Apesar da instituição oferecer cursos no turno vespertino, nenhum aluno deste turno compareceu para responder o questionário e/ou participar da entrevista.

Tivemos a intenção de aplicar os métodos de coleta de dados aos alunos de todos os cursos de graduação oferecidos pela instituição, porém apenas responderam alunos dos cursos de: Administração, Contabilidade, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Pedagogia e Geografia. Foram analisadas as diferenças de percepções desses alunos em relação à disciplina *online*.

## CAPÍTULO II

### 2. REVISÃO DA LITERATURA

O referencial teórico está estruturado para subsidiar a análise dos dados coletados considerando as seguintes seções: a) Tecnologias digitais no ensino superior; b) A educação a distância como apoio ao ensino semipresencial; c) O ensino da língua inglesa online.

#### 2.1 A UTILIZAÇÃO DAS TICs NO ENSINO SUPERIOR

Vivemos um cotidiano transformado pela implantação de um modo de apreensão da realidade e de operação, baseado no “conhecimento multitemático interativo e sustentado pelas tecnologias de processamento de informação e conhecimento (*data* e *knowledge-processing*), e de comunicação” (DREIFUSS 2000, p. 32).

Percebemos grandes mudanças por meio do avanço das TIC consideradas como a infraestrutura do ciberespaço. Lévy (2000) conceitua o ciberespaço como sendo um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, além de ser um novo mercado de informação e conhecimento. A partir desse mercado, presenciamos importantes transformações nos processos ensino-aprendizagem aliadas aos processos de difusão de informações, comunicação e às diversas formas de utilização das TIC. Nas palavras do autor supracitado (*op. cit.*, 2000, p.49):

Indiretamente, o desenvolvimento das redes digitais interativas favorece outros movimentos de virtualização que não o da informação propriamente dita. Assim, a comunicação, continua com o digital, um movimento de virtualização iniciado há muito tempo pelas técnicas mais antigas, como a escrita, a gravação de som e imagem, o rádio, a televisão e o telefone (LÉVY, 2000, p. 49).

Quando fazemos referência ao início do século XXI como cenário de *novos tempos, espaços e saberes*, referimo-nos a uma época marcada por mudanças radicais de base científico-tecnológica, cuja extensão atinge diferentes dimensões da existência humana, de caráter cultural, ético e estético, (re)situando, por fim, o próprio estatuto da produção do conhecimento.

No campo da Educação, essas mudanças atingem não só a relação professor-aluno, mas também o cotidiano das várias organizações sociais em diferentes sociedades

que constituem o planeta (BOHADANA, 2004). Numa outra abordagem, Levy chama a atenção para os efeitos deixados pelo ciberespaço, cuja extensão acompanha e acelera uma virtualização geral da economia e da sociedade. Além disso, ressalta que “os suportes de inteligência coletiva do ciberespaço multiplicam e colocam em sinergia as competências. Do design à estratégia, os cenários são alimentados pelas simulações e pelos dados colocados à disposição pelo universo digital” (*op. cit.*, 2000, p. 49).

Das substâncias e dos objetos, voltamos aos processos que os produzem. Dos territórios, pulamos para a nascente, em direção às redes móveis que os valorizam e os desenham. Dos processos e das redes, passamos às competências e aos cenários que as determinam, mais virtuais ainda.

O avanço tecnológico resulta em novos produtos, novas linguagens e novos espaços, que se incluem no cenário mundial e são incorporados ao cotidiano da sociedade. Esse processo de mudanças, acelerado pelo avanço das tecnologias, cria novas formas de interação, sem a necessidade de ocupar o mesmo espaço geográfico assim como o espaço-tempo acaba por implicar novas formas de ensinar e aprender.

Quando consideramos os novos espaços estamos também assumindo a ideia de que hoje encontramos um estilo de relacionamento quase independente dos “lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) e da coincidência dos tempos (comunicação assíncrona)”. Não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que “o telefone já nos habituou a uma comunicação interativa” (*op. cit.*, 2000, p. 49). Embora com o correio (ou a escrita em geral), tivéssemos uma tradição bastante antiga de comunicação recíproca, assíncrona e a distância, somente as particularidades técnicas possibilitadas pelo ciberespaço permitiram que os “membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários” (*op. cit.*, 2000, p. 49).

A utilização das TIC no campo da educação está vinculada às possibilidades e limites de sua aplicação no processo de ensino e de aprendizagem; para tanto, esse processo de integração das tecnologias deve ser compreendida como mais um dos suportes no contexto educacional. Isso implica compreender que as tecnologias sozinhas não são capazes de mudar o contexto geral da educação. No entanto, como ressaltam Carlini e Tarcia (2010), não podemos ignorar as transformações trazidas pela disseminação do computador e da Internet para o âmbito do conhecimento,

introduzindo, ao mesmo tempo, novas relações entre conhecimento, ensino e aprendizagem. E ressaltam (*op. cit.*, 2010, p. 53) que:

A sociedade atual é influenciada pelas tecnologias de informação, que têm o computador e a Internet como estrelas. Com efeito não podemos ignorar as transformações que a disseminação do uso do computador, inicialmente, e da Internet, em épocas mais recentes, propiciou para a relação que estabelecemos com o conhecimento, com as formas de ensinar e aprender.

Partimos do pressuposto de que a utilização em larga escala das tecnologias da comunicação, em especial a Internet, revolucionou as formas de relacionamento, envolvimento e aprendizagem das pessoas e que a utilização das TIC está cada vez mais ganhando espaço na educação.

Observamos que a utilização das TIC está em grande escala presente, principalmente no ensino superior e que este, na maioria dos países, desde os anos 60, enfrenta desafios provocados por diversos problemas, dependentes do âmbito onde está a oferta educacional (FERREIRA, 2010). Esses desafios apresentam relação com os avanços sociais, políticos e as alterações no capitalismo que conferem valores de mercadoria às IES.

O desenvolvimento do ensino universitário nos 40 anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, em países centrais, foi marcado, por um lado, pelas lutas sociais no que se refere ao direito à educação, como, por exemplo, o acesso à universidade e, por outro lado, nos “imperativos da economia que passou a exigir uma maior qualificação da mão de obra nos setores-chave da indústria” (SANTOS, 2004).

No Brasil, nos anos 70, nasceu atrelado às necessidades do mercado, o fenômeno da privatização do ensino superior, uma vez que o país vivia um período de expressivo desenvolvimento econômico (ANTUNES, R.; ALVES, G, 2004).

Em 1970 o número de matriculados no nível superior era de 500.000 alunos. Já em 1984 esse número chegou a 1.400.000, ou seja, quase três vezes mais em um período de aproximadamente 15 anos. Tal crescimento não se deu apenas nos grandes centros urbanos, mas também nos municípios pouco expressivos do ponto de vista econômico-financeiro (dados INEP).

Em 1984, também de acordo com os dados do INEP, o país possuía 30 universidades federais, três estaduais, três municipais e 21 particulares, além de mais de



800 faculdades isoladas, o que colocou 75% das vagas do nível superior de ensino nas instituições particulares.

Um fenômeno que transformou a “educação em um negócio muito rentável dado o grande número de incentivos fiscais – o preço das mensalidades, as reiteradas subvenções (‘empréstimos’ sem retorno), a precarização da fiscalização, etc.” (BENDA, 1984, p.58). Com a política adotada naquele período ficou a impressão de que o ensino superior foi democratizado. Dizemos “impressão” uma vez que a redução das mensalidades assinala a privatização da educação revelando a fragilidade do ensino público.

Observamos que a privatização acarretou consequências para a universidade, pois possuíam impactos nos seus objetivos de ensino e de pesquisa. Um desses impactos foi o caráter bancário e obscuro desse ensino. Goergen (2001, p. 1) assinala que:

O ensino assumiu um caráter bancário e apolítico que imperaram princípios de racionalização e manipulação dos indivíduos que passaram a ser tratados como números enquadrados nos princípios determinantes da ordem (sistema), da economia (mercado) e da eficiência (lucro).

Com isso, nos parece que a educação superior, desde muito tempo tem por objetivo, quase exclusivo, preparar para o mercado de trabalho, e a globalização acentuou essa incumbência, ao imprimir aos espaços educativos um sentido empresarial, utilitário e de formação de mão de obra, exigindo maior capacitação profissional no que compete às habilidades interpessoais, o elevado nível de escolaridade e o domínio das tecnologias digitais por meio de uma formação diversificada (BRUNNER, 2004).

Nesse contexto se dá, também, a expansão das TICs, não apenas dando apoio a globalização, mas trazendo implicações para o campo educacional, já que “a globalização acentuou perversamente essa incumbência, ao imprimir à empresa educativa um sentido empresarial, utilitário e de mero adestramento da força de trabalho” (BRUNNER, 2004, p.7).

Embora sejam várias as transformações que afetaram o ensino superior, destacamos especificamente àquelas trazidas pelas tecnologias digitais, sem desconsiderar que este se encontra impactado por algumas tendências, entre as quais aquelas destacadas por Brunner (2004) como: pressão demográfica em nível mundial; processos econômicos baseados no uso de informações e conhecimentos; expansão de programas e serviços de ensino transnacionais, apoiados no uso da Internet; e crescente privatização da oferta educacional, principalmente o ensino superior.

Mediante tais transformações, percebemos que o interesse crescente em relação ao ensino superior aumentou em diversos países, de acordo com vários fatores, dos quais González (2007) destaca: a) a expansão do nível de escolaridade nos últimos anos; b) a remoção de certas barreiras, como a adoção de sistema de créditos; c) o aumento das expectativas em relação à educação, pelo fato da ampliação de consumo; d) o aumento das instituições particulares de ensino, bem como o acesso aberto que alguns cursos admitem (muito utilizado em universidades que oferecem cursos à distância como, por exemplo, a *Open University*<sup>3</sup>).

Percebemos que tais fatores influencia o aumento do ingresso de alunos nos cursos de ensino superior a distância e notamos também que algumas IES incorporam a modalidade semipresencial nos cursos presenciais como provável experiência para implantação da EAD.

## 2.2 A EAD COMO APOIO AO ENSINO SEMIPRESENCIAL

A inserção das novas tecnologias na educação vem sendo crescente tanto em ambientes presenciais quanto em cursos totalmente a distância ou semipresenciais. Com a utilização dessas tecnologias, a própria definição de educação a distância tem sido discutida e até mesmo ampliada de forma a considerar os contextos do ensino a distância que incluem momentos presenciais (MORAN, 2001).

Assim as expressões como modalidade semipresencial, educação híbrida ou educação flexível são usadas para se referir a contextos educacionais que se propõem a combinar atividades a distância (na maioria das vezes através da Internet) com interação face a face, ou seja, semipresencial que pode também ser considerada pelo contexto oposto, o do ensino presencial combinado com atividades a distância.

Para compreendermos o semipresencial, precisamos entender em primeiro lugar o que é a educação a distância e para isso fizemos uma contextualização, baseada em alguns estudos de seus principais momentos, desde sua origem e sua expansão.

Foi em meio a um processo desenvolvimentista, no qual a escola era compreendida como espaço de qualificação de mão-de-obra para as demandas

---

<sup>3</sup> Segundo Peters (2001), a *Open University*, fundada na Inglaterra em 1969, é o grande modelo de universidade aberta a distância. Por conta de sua original concepção e maneira de trabalhar, se destaca entre as doze reconhecidas *openuniversities* existentes no mundo e as demais universidades de ensino a distância.

econômicas, que se constroem as bases da EAD, contribuindo para que essa modalidade fosse associada com a educação tecnicista, em que apenas interessavam os métodos e as técnicas (MORAES, 1997). Na verdade, a EAD começou a desfrutar de mais respeito apenas a partir da segunda metade do século 20 com o sucesso da *OpenUniversity*(Universidade Aberta) da Inglaterra.

Identificamos pelo menos três gerações de EAD, de acordo com Moore &Kearsley (1996), contudo Sherron&Boettcher (1997) afirmam haver ainda a quarta e quinta gerações. Todas essas gerações sinalizam o surgimento de diversas tecnologias que funcionam para comunicação o que não quer dizer que a primeira geração tenha ficado ultrapassada pela segunda e assim por diante e que não tenham mais utilização.

A primeira geração da EAD, chamada de geração textual, foi até 1970 e foi marcada pelo estudo por correspondência quando os materiais impressos eram enviados pelos correios. A segunda geração datou de 1970 a 1985 e é conhecida como geração analógica. Na mesma época, surgiram as primeiras universidades abertas que além dos materiais impressos começaram a fazer uso de transmissões por televisão, rádio, fitas de vídeo e áudio com interações por telefone, satélite e TV a cabo (SHERRON & BOETTCHER 1997).

A terceira geração datou de 1985 até 1995, também chamada de geração digital que surgiu como resultado da utilização das redes de conferências por computadores. A propagação dos computadores pessoais e o surgimento da Internet marcaram a passagem da segunda geração para a terceira. Na terceira geração há o surgimento de ferramentas de comunicação que promovem a interação síncrona (como exemplos: *chat*, vídeo, teleconferência, etc) e assíncrona<sup>4</sup> (exemplos: *e-mail*, fóruns, listas de discussão, *blogs*) entre os participantes de uma comunidade virtual (*op. cit.*, 1997).

Já a quarta geração, segundo Sherron e Boettcher (1997), iniciou-se em 1995 e está presente até nos dias atuais, caracterizada pelo crescimento do uso de tecnologias de banda larga que permitem aos alunos a participação por meio, por exemplo, de vídeos interativos, ou seja, ao vivo.

---

<sup>4</sup>A forma síncrona permite a comunicação entre as pessoas em tempo real, ou seja, o emissor envia uma mensagem para o receptor e este a recebe quase que instantaneamente. Já a forma assíncrona dispensa a participação simultânea das pessoas, ou seja, o emissor envia uma mensagem ao receptor, e o mesmo poderá ler e responder esta mensagem em outro momento.

Fonte: *Dicionário Interativo da Educação Brasileira* - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=201>> Acessado em 28/10/2013.

Há estudiosos que tratam de uma Quinta Geração que seria uma derivação da quarta geração e que, além de incluir a comunicação por meio dos computadores, com sistema de respostas automatizadas e bancos de dados contendo objetos, cujo objetivo é oferecer experiências de aprendizagem personalizadas, e que possibilita acesso ao site/portal do *campus* universitário na forma virtual (TAYLOR, 2001).

Já no Brasil, os dados sobre a criação da EAD são imprecisos, entretanto, estudos apontam que teve início no começo do século XX com os cursos por correspondência e se configurava como alternativa para fazer chegar o ensino às pessoas residentes em áreas distantes ou àqueles que não reuniam condições de cursar o ensino regular. Já nesta época a EAD era vista de forma depreciativa, de pouca importância, como afirmam Quevedo e Cristelli (2005, p. 44):

Também aqui a EAD era vista de modo depreciativo, de maneira que a pouca importância atribuída a ela e as dificuldades dos correios na época contribuíram para o ensino por correspondência receber pouco incentivo das autoridades.

Um dos marcos da EAD no país, considerado por essas autoras (*op. cit.*, 2005, p.44) foi o uso do rádio na década de 20 com objetivos educativos. O Projeto Minerva, foi o primeiro a transmitir programas de literatura, línguas e de outros interesses comunitários. O rádio educativo surgiu em 1923 com a fundação da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, emissora foi doada ao Ministério da Educação e Saúde em 1936 e em 1937 foi criado o *Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação*. Esses autoras (*op. cit.*, 2005, p. 44) ressaltam ainda que:

Posteriormente houve as iniciativas do *Instituto Universal Brasileiro*, em 1941, e do Senac, em 1946, com a *Universidade do Ar* que, em 1950 atingia 318 localidades. Na década seguinte, criou-se o *Movimento de Educação de Base* (MEB), que objetivava alfabetizar jovens e adultos utilizando escolas radiofônicas inicialmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, e mais tarde, em 1965, expandiu para a Região Sul, por meio da *Fundação Educacional e Cultural Padre Landell de Moura*.

A partir do final da década de 60, a EAD começou a ter expressão no Brasil. Das décadas de 60 a 80, foram criadas novas entidades a fim de desenvolver da educação por correspondência. Já na década de 70, surgiu a televisão e na mesma época foi criado o *Programa Nacional de Teleducação* (PRONTEL). A esse respeito, Alonso (s/d. *apud* QUEVEDO e CRISTELLI, 2005, p.45) salienta:

Nessa fase em que a prática dominante de EAD no Brasil se circunscrevia aos tele cursos divulgados pelos meios de massa (rádio/TV), alguns projetos fizeram uso da recepção organizada, por meio da qual os alunos se reuniam em grupos acompanhados de um monitor, orientador ou facilitador para assistir às teleaulas e desenvolver as atividades de aprendizagem. Outros usaram a recepção livre que implicava estudo individual em casa. Uma das críticas recebidas pelos projetos de telecurso dizia respeito à insuficiência do atendimento sistemático aos alunos.

No final dos anos 70, um levantamento apoiado pelo MEC apontou a existência de 31 estabelecimentos de ensino que utilizavam a modalidade EAD. Esses estabelecimentos estavam distribuídos entre São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1985, as mudanças em EAD ocorreram de maneira muito rápida dada ao desenvolvimento das TICs.

Percebemos que a expansão da EAD no Brasil é marcada pelo avanço do setor privado. Vale lembrar que dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) a educação superior brasileira é uma das mais privadas do mundo (INEP, 2008). No ano de 2007 das 4.880.381 matrículas no ensino superior, aproximadamente 84% concentravam-se em instituições privadas.

Do total de 2.281 instituições de ensino superior naquele ano, 89% eram de instituições desse setor e apenas 11% de instituições públicas. Desse total, de acordo com o resumo técnico, 106 instituições eram de ensino superior federal 82 estaduais e 2.032 privadas, com cerca de 2 mil estabelecimentos caracterizados como faculdades de tecnologia, enquanto universidades e centros universitários respondiam por 8% e 5,3%, respectivamente. Em relação a essas matrículas, aproximadamente 52% delas se concentravam nos cursos de Administração, Direito e Pedagogia (INEP, 2008).

Em 2000 o INEP anunciou a existência de 10 cursos de graduação, em 2003, esse número era de 52, atendendo aproximadamente 50 mil alunos. Em 2006, o INEP noticiou que entre os anos de 2003 a 2006 houve um aumento de 571% de cursos a distância e o número de matriculados aumentou em 371%. Em 2005, 2,6% dos estudantes de nível superior se encontravam na modalidade EAD e em 2006 esse número aumentou para 4,4%.

Já em 2007, de acordo com os dados do Censo do Ensino Superior, a graduação a distância era oferecida por 97 instituições cujas vagas aumentaram em 89,4% em relação a 2006, representando 7% do total de matrículas dos cursos de graduação.

Em 2008, o ABRAD (Anuário Brasileiro Estatístico de EAD) estimou que 2.504.438 brasileiros cursavam na modalidade EAD, sendo 40% nos cursos de graduação e 39% em *latu sensu*. Os demais alunos se concentravam em outros níveis de ensino. De acordo com este anuário, a iniciativa privada possui presença marcante na modalidade de EAD.

Com isso podemos afirmar que existe uma lógica na expansão do ensino superior, claramente privatista, quantitativista e concentrada em determinadas áreas do conhecimento e a EAD não está alheia a esse fenômeno o que nos faz verificar a contradição expansão x qualidade da educação superior brasileira não está restrita à modalidade em que se dá a oferta dos cursos. Percebemos a aceleração dessa expansão na EAD, mas não conseguimos avaliar o aumento da qualidade na mesma proporção.

A suspeita de baixa qualidade nos cursos de EAD se apoia nos dados do ENADE (Exame Nacional de Desempenho do Estudante), parte integrante do SINAES (Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior) organizado, também, pelo INEP mostraram que a expansão do ensino superior foi recorrentemente acompanhada por índices de baixa qualidade do ensino/aprendizagem, principalmente nos três cursos que mais encontramos alunos matriculados no ensino superior.

A discussão sobre a expansão da EAD no Brasil apresenta contradições importantes sobre a qualidade de ensino superior, denotando algumas das estratégias do poder público para o incremento dos índices de acesso a esse nível de ensino e a EAD é claramente tomada como modalidade de ensino para aceleração rápida da expansão de vagas no ensino superior (ALONSO, 2010). A esse respeito, essa autora (*op. cit.*, 2011, p. 1320) afirma que:

Se há, por um lado, programas de financiamento que canalizam recursos da esfera pública para a esfera privada, como o Programa Universidade Para Todos (PROUNI), a EAD é claramente tomada como modalidade de ensino para aceleração rápida da expansão de vagas no ensino superior.

As discussões sobre a EAD no ensino superior vêm acompanhadas, quase sempre do que seriam possibilidades e limites de sua utilização. Concordamos com Alonso (2010, p.1322) quando afirma que:

É frequente questionar, por exemplo, que especialidades ou campos da formação poderiam se prestar, mais ou menos, à sua organização. Vemos surgir assim “feudos” em que se convencionou trabalhar, ou não com a EAD, isso como forma/modo de se conservar a qualidade na formação. E o termo qualidade se converte a qualidade na formação. E

o termo qualidade se converte no critério para se afirmar ou negar a EAD como possibilidade educativa.

Entendemos a EAD como sendo uma modalidade de ensino/aprendizagem cujo modo de organizar o processo educativo contempla a questão de professores e alunos não estarem face a face durante todo o tempo de “formação”. Tal característica implicaria em organizar o trabalho pedagógico de forma diferente do ensino presencial.

Se afirmamos que a aprendizagem depende de mediação e interação como partes integrantes do processo de ensinar e de aprender, a organização dos procedimentos educacionais teria que efetivar essas dimensões como condição para se pensar a formação. Com isso, essa autora (2010, p. 1326) afirma que:

Antes de implicar EAD como metodologia (Moore, 1999) ou estratégia (Garcia Garrido, 1989), reconhecer suas particularidades e, com isso, fundamentar projetos/programas que integrem as finalidades da formação com elementos curriculares, metodológicos e de processos/procedimentos de acompanhamento e avaliação entre os mais relevantes, seria “via” importante para se pensar a expansão do ensino superior, em consequência dessa modalidade, de maneira a não se estandardizar o ensino.

Percebemos que existem vários fatores a serem analisados/avaliados em relação à qualidade na EAD, porém em contrapartida vemos surgir a modalidade semipresencial que possui características da educação a distância, apoiada pela Portaria do MEC nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, que regulamenta a oferta de carga horária a distância para cursos ou disciplinas presenciais.

Em seu artigo 1º essa portaria autoriza as instituições de ensino superior a oferecerem até 20% da carga horária das disciplinas ou do total da carga horária de um curso de graduação presencial, a distância, por meio da utilização de tecnologias próprias de EAD. Essas IES não precisam, porém, contemplar todos os itens dispostos nos documentos oficiais para a oferta da EAD.

Nesses 20% da carga horária em que alunos e professores vivenciam o ensino e a aprendizagem em tempos diferentes e/ou espaços distantes o processo é mediado por recursos de tecnologia. Essas são características fundamentais da educação a distância e, por esse motivo, afirmamos que há uma relação direta entre a semipresencialidade e a educação a distância.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, a educação a distância foi contemplada no artigo 80 e, a

partir de então, passou a fazer parte do sistema educacional brasileiro, como pode ser constatado (MEC, LDBEN 9.394/96): “Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”. O Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que regulamenta o artigo 80 da Lei nº 9.394/96, caracteriza a EAD da seguinte forma (MEC, DECRETO Nº 5.622/05):

Art. 1º Para fins deste Decreto caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades em lugares ou tempos diversos.

Já a modalidade semipresencial é identificada quando a construção da aprendizagem acontece no ambiente presencial da sala de aula e sua complementação ou extensão é trabalhada com o uso de diferentes tecnologias de educação a distância, conforme o artigo 1º, parágrafo 1º da Portaria nº 4.059:

§ 1º. Para fins desta Portaria, caracteriza-se a modalidade semipresencial como quaisquer atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino e aprendizagem centrados na autoaprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota.

Percebemos que a partir desta regulamentação (do ensino semipresencial) muitas IES passaram a aplicar essa prática como tentativa de inovação e de dinamização diferente das aulas presenciais, porém percebemos que essa aplicação não se relaciona em muitos casos a maiores investimentos por parte das IES.

O que observamos é que a utilização da semipresencialidade reduz a carga horária dos professores e aumenta o número de alunos nas turmas, já que “ministrar” aulas *online* não ocupa espaço nas salas de aula.

A semipresencialidade, para Carlini e Tarcia (2010, p. 20) permite maior dinamização das aulas presenciais e de seus conteúdos e assim possibilita a motivação por parte dos alunos e um enriquecimento nos recursos didáticos, “muitas vezes restritos a lousa, giz e uso de telas do *PowerPoint* projetadas por um *data show* – projetor multimídia”.



Confrontamos a questão da dinamização, pois pode não se diferenciar tanto de algumas práticas presenciais se permanecerem com extensos textos conteudistas disponibilizados *online* e com poucos questionamentos e problematizações dos assuntos abordados.

Além disso, questionamos se os alunos que se matriculam em uma graduação presencial sentem-se realmente motivados a estudarem na modalidade semipresencial e se os professores utilizam todos os recursos *online* para estimular os alunos e ainda, se esses alunos possuem habilidades com tais recursos.

Percebemos que há inúmeras possibilidades com a utilização dos recursos tecnológicos para educação, mas precisamos analisar sua aplicabilidade, principalmente no que tange a aprendizagem dos alunos. Consideramos que a regulamentação da modalidade semipresencial em 2004 ainda provoca dúvidas entre professores e alunos.

Os professores que assumem o papel de exclusivos transmissores de conhecimento, através da modalidade semipresencial, são convidados a uma reflexão acerca de seu papel no processo de ensino, pois os mesmos são levados a “sair de sua zona de conforto em relação ao magistério e assumir um novo desafio perante a educação”, pois a tecnologia “pode transmitir o mesmo conhecimento de forma mais criativa, motivadora, sistêmica e multimidiática” (*op. cit.*, 2010, p. 19).

Assim como o professor que se considera o único transmissor de conhecimento é levado a refletir sobre sua posição, o aluno que está acostumado a obter o conhecimento de forma pronta é convidado a assumir uma posição mais proativa no ensino *online*, pois neste, ele é levado a participar ativamente do processo de construção do próprio conhecimento. Com isso o desafio da alteração dessas posições é lançado tanto para os sujeitos do processo de ensino (professores) quanto os de aprendizagem (alunos).

Segundo Palloff e Pratt (2002) no processo de aprendizagem *online*, os participantes aprendem não apenas sobre a matéria do curso, mas também sobre o processo de aprendizagem e sobre si mesmos. Os participantes estão conectados ao professor por meio de um computador. Desenvolvem, porém, não apenas relacionamentos entre si, mas também com a tecnologia, com o hardware, com o software e com o próprio processo que, segundo Linden (2005) envolve: a) a reflexão sobre o conhecimento adquirido no curso ou na disciplina; b) o conhecimento de como a aprendizagem ocorre eletronicamente; c) o uso das TIC; d) a transformação com base nos novos relacionamentos com a máquina, com o processo de aprendizagem e com os outros usuários.

Esses fatores demonstram que o aluno no ambiente *online* é levado a ter uma postura diferente da do que está acostumado a possuir no ambiente presencial, embora a autoaprendizagem seja fator de extrema importância para a aprendizagem em todas as modalidades de ensino e em todos os cursos/disciplinas.

### 2.3 O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE INGLÊS *ONLINE*

Vários estudiosos fazem referência ao ensino de línguas estrangeiras havendo entre eles várias vertentes desse ensino, incluindo a questão da possível dificuldade de aprendizagem enfrentada pelas pessoas que não dominam sua língua materna (LM) e necessitam ou desejam aprender uma segunda língua, ou seja, uma língua estrangeira (LE). Neste caso, há um lado que concorda com tal afirmação e outro que nega essa possível dificuldade, afirmando ser possível um aprendizado eficiente de uma segunda língua sem, necessariamente, dominar a língua materna.

De acordo com Halliday, McIntosh e Strevens (1974), as pessoas normalmente nascem com a capacidade de adquirir a linguagem e a aquisição da língua primária (L1) não ocorre mediante imposição de regras, mas sim pelo comportamento nas situações diárias. Já o aprendizado de várias línguas deve ser encorajado, estimulado principalmente pelos professores.

Para esses autores (*op. cit.*, 1974) existem algumas circunstâncias que favorecem o aprendizado de uma língua, tais como: a) a juventude do aprendiz, quanto mais jovem o indivíduo for mais fácil e rápida será a aquisição da língua; b) a frequência com que a língua é falada e ouvida, assim como o contexto, quanto maior a frequência do contato com a língua, melhor para o aprendizado; c) a motivação, ou seja, quando o aluno possui motivação para aprender, isso certamente o auxiliará, porém a motivação também pode ocorrer no processo de aprendizagem.

Ao ensinar inglês, algumas perguntas devem ser consideradas. Devemos questionar, por exemplo: que tipo de inglês será ensinado, ou seja, o que é mais importante para o aluno: escrever, ler, falar ou ouvir a língua? Outra questão é: para que fins a língua será utilizada? Tendo em mãos essas respostas, o professor direciona o ensino da língua e, dessa maneira, possivelmente será capaz de adotar o material e os métodos mais adequados junto a seus alunos.

Cabe lembrar que existem diferentes habilidades que não exigem a mesma metodologia de ensino nos diversos níveis de linguagem. Um estudante pode dominar as quatro habilidades (fala, escrita, audição, leitura) e conseqüentemente ter conhecimento de todos os níveis, no entanto, em determinadas situações, há a possibilidade de aprender e, até mesmo, ensinar uma língua sem adquirir as quatro habilidades e dessa maneira não conhecer todos os níveis de linguagem (HALLIDAY; MCINTOSH; STREVENS, 1974).

Há cursos ou disciplinas que favorecem apenas uma ou duas habilidades de uma LE, como exemplo temos os cursos de conversação que oferecem conteúdos apenas voltados para o diálogo em inglês. Há disciplinas como o Inglês técnico, noções de Inglês, leitura de textos em Inglês etc. Cada uma delas aborda uma ou mais habilidades, mas nem sempre todas.

Nenhum método de abordagem no ensino da língua inglesa deve ser considerado completamente errado, pois existem pontos favoráveis e desfavoráveis em cada um deles, de acordo com Brown (2000). Esse autor (*op. cit.*, 2000) afirma que a busca pela melhor maneira de se aprender uma língua estrangeira (LE) é uma tarefa árdua que exige cautela, já que não há uma única teoria ou hipótese que forneça uma fórmula mágica para todos os aprendizes em todos os contextos. Ressalta, ainda, que temos que ser críticos ao analisar os diversos modelos e teorias do ensino de uma segunda língua (*op. cit.*, 2000).

Alguns indivíduos são mais auditivos e preferem métodos que focam o ensino por meio de atividades auditivas, outros são mais visuais e optam pelos métodos que utilizam, por exemplo, imagens para associar o significado das palavras. O mais importante é prover métodos que façam com que os alunos entendam e utilizem a língua para se comunicar de maneira eficaz e eficiente.

Podemos citar alguns métodos utilizados no século XIX, como o de tradução de gramática baseado no ensino das regras gramaticais da língua inglesa e a tradução fiel das sentenças, o direto ou natural focado na língua oral e o audiolingual também focado na comunicação oral (Brown, 1994). Por muito tempo os métodos de tradução foram utilizados, pois se preocupavam apenas com a tradução das palavras/textos. Consideravam que por meio deste método muito se aprendia, porém destacamos aqui que se não houver uma contextualização da tradução com situações diversas do dia a dia, fica muito difícil 'memorizar' os significados das palavras.

Havia a necessidade de serem estudados novos métodos a fim de proporcionar estímulo à aprendizagem. Com isso, na década de 70, o ensino-aprendizagem da LE tornou-se uma disciplina de pesquisa. Sendo assim, vários métodos surgiram. Dentre eles apresentamos: *Community Language Learning* – o ensino focado nas necessidades dos alunos -, *Suggestopia* – a música, de preferência a de estilo barroco, era fundamental – *The Silent Way*, - o professor permanecia em silêncio a maior parte do tempo enquanto os alunos se envolviam em situações-problemas -, *Total Physical Response*, - maior ênfase nas atividades auditivas -, *The Natural Approach* – o objetivo era adquirir as habilidades de comunicação pessoal por meio de situações do cotidiano – e o *Communicative Language Learning* – direcionado à comunicação oral (BROWN, 1994).

Todos os métodos da década de 1970 e início de 1980 possuíam seus pontos positivos e negativos e foram muito criticados. É válido ressaltar que apesar dos diferentes métodos utilizados pelo professor e de seu conhecimento da língua, é fundamental verificar se tudo está sendo aproveitado pelos alunos no processo de aprendizagem.

Na perspectiva de Coracini (2003, p.154) “o grau de maior ou menor sucesso depende do maior ou menor envolvimento do falante enquanto sujeito do discurso, do grau de estranhamento do aprendiz e da maneira como reage a ele”, ou seja, é imprescindível ao aprendiz de uma LE um envolvimento e uma identificação pessoal com a sua língua, foco de estudo (*op. cit.*, 2003, p. 153).

A questão é compreender que a inscrição do sujeito numa língua estrangeira será portadora de novas vozes, novos confrontos, novos questionamento, alterando, inevitavelmente a constituição da subjetividade, modificando o sujeito, trazendo-lhe novas identidades, sem que, evidentemente, ocorra o apagamento da discursividade que o constitui.

Não estamos aqui dizendo que o fato de recorrer à LM quando está se aprendendo uma LE deve ser considerado uma falha no processo de aprendizagem, e sim entendemos que é um processo utilizado pelos alunos, configurando que o que está em ação é a questão da identidade. Esta ação está dominada pela LM, considerando a LE como espaço discursivo no qual o aluno entra em contato com o estranho e esse contraste estabelece uma relação intrínseca entre as línguas.

Outro fator extremamente importante para a aprendizagem de uma LE e o desenvolvimento constante das habilidades é a autonomia nos estudos, principalmente

quando falamos de uma disciplina ministrada na EAD, pois a modalidade oferece uma grande liberdade de tempo na organização dos horários de estudos, realização e entrega das discussões e atividades (LEFFA, 1994).

Falamos em autonomia sob o aspecto de autoaprendizagem, considerando que esta, também serve para amenizar as barreiras de distância entre as instituições de ensino e os lugares mais distantes, visto que os computadores, os celulares, a Internet, a televisão e todas as demais TICs são ferramentas que auxiliam o estudante de inglês como LE a atingir os seus objetivos específicos.

Um dos primeiros autores a discutir o conceito de autonomia na educação, com base na ideia de um homem produtor de sua sociedade ao invés de um homem como produto de sua sociedade foi Holec (1981, p.3). Esse autor define autonomia como a "habilidade para encarregar-se da própria aprendizagem" e afirma que tal habilidade não é nata (pode ser adquirida tanto de maneira natural como pela aprendizagem formal), nem é um comportamento, mas o poder ou a capacidade para fazer algo.

De acordo com Holec (*op. cit.*, 1981, p.3), encarregar-se da própria aprendizagem significa ter e manter a responsabilidade pelas decisões relacionadas a todos os aspectos dessa aprendizagem, ou seja: a) determinar os objetivos com base na análise das próprias necessidades e alterá-los, caso seja necessário; b) definir os conteúdos e as progressões, ou seja, a organização dos materiais disponíveis; c) selecionar os métodos a serem usados entre aqueles já conhecidos, aqueles utilizados por outros aprendizes e aqueles que podem ainda ser inventados; d) monitorar os procedimentos de aprendizagem, ou seja, onde, como, com que frequência, com que ritmo, etc. a aprendizagem está ocorrendo; e) avaliar o que foi aprendido a fim de determinar até que ponto os resultados obtidos estão de acordo com os objetivos.

Esses aspectos apontados por Holec (1981) nortearam o trabalho de muitos outros autores e pesquisadores interessados em entender como se pode promover a aprendizagem autônoma de língua estrangeira (LE). No contexto brasileiro, de forma mais específica, numa visão bem otimista, Nicolaidis (2003) aponta que o desenvolvimento da autonomia seria uma proposta de solução para os problemas educacionais, uma vez que, em salas de aula numerosas e com recursos escassos, onde não se encontram condições para uma instrução que respeite as individualidades de cada aluno, um aprendiz autônomo poderia buscar o conhecimento de maneira mais independente e eficaz.

Em relação à autonomia de aprendizagem surgem alguns questionamentos, tais como: a autonomia seria a liberdade de aprendizagem do aluno sem o professor? Os aprendizes de língua estabelecem sozinhos suas próprias estratégias de aprendizagem? A tecnologia pode ser considerada como um meio de desenvolver essa autonomia?

Um aprendiz autônomo é responsável por tomar decisões em relação a sua aprendizagem de forma a implementá-la, ou seja, não basta dizermos aos alunos para serem autônomos ou negarmos a eles o ensino convencional, pois em ambos os casos, os mesmos estariam, provavelmente condenados ao fracasso (HOLEC, 1981). A autonomia somente é alcançada através de treinamento que envolva alunos e professores, portanto, podemos considerar que a autonomia não consiste na independência do aluno perante o professor, mas que é um processo conjunto (DICKINSON, 1987).

Podemos afirmar que não há contradição entre o aprendizado autônomo e o de sala de aula, compreendendo que o papel do professor não fica ameaçado pela autonomia do aluno, pelo contrário, vem afirmar o alcance dos objetivos do ensino de línguas, já que os estímulos oferecidos pelos professores são em relação aos meios pelos quais e quando o aluno irá procurar seu aprendizado. O aluno, por sua vez não precisa está necessariamente em um ambiente *online* para desenvolver a autoaprendizagem.

O conceito elaborado por Wenden (1991) para as estratégias de aprendizagem é que são considerações mentais que os alunos empregam para aprenderem uma nova língua e a visão de que o aluno é sujeito ativo no emprego dessas estratégias é compartilhada por O'Malley e Chamot (1990) que realizaram diversas pesquisas sobre a cognição dos alunos.

Os autores supracitados (*op. cit.*, 1990) apresentam as estratégias de aprendizagem de uma forma mais sistemática e detalhada. Segundo os autores, todos os alunos de uma língua estrangeira desenvolvem suas próprias estratégias para melhor aprenderem a LE.

Essas estratégias de aprendizagem são definidas como maneiras especiais de processar informações e a utilização dessas estratégias é um dos fatores que mais contribuem para o processo de autonomia, representando para os autores o aprender a aprender.

Esses autores dividem a natureza mediadora das estratégias em três grupos, a saber: a) Estratégias metacognitivas: estratégias baseadas na reflexão sobre o processo de aprendizagem, através da preparação, controle e acompanhamento do aluno

em suas próprias práticas de aprendizagem, um exemplo claro de auto avaliação desse processo; b) Estratégias cognitivas: baseadas na interação com os conteúdos estudados, através de técnicas de execução, ou seja, manipulação direta da aprendizagem. c) Estratégias sócio afetivas: baseadas na interação social e no controle da dimensão afetiva que acompanha a aprendizagem (*op. cit.*,1990).

Observamos, porém, que a autonomia baseia-se em diversos fatores: no próprio aluno enquanto agente desse processo; no professor como facilitador do processo de aprendizagem, através do processo de ensino; na instituição que também teria o papel de oferecer estímulos a aprendizagem; e nos contextos sócios afetivos que influenciam diretamente, facilitando a aprendizagem.

No caso desta pesquisa, nos concentramos também nos fatores como tecnologia e espaço de aula não físico, ou seja, no *online*. Sabemos, contudo que a discussão de autonomia/autoaprendizagem é mais ampla quando abordamos a educação a distância, semipresencial ou o ensino complementar com a utilização da Internet.

Além de um enfoque na linguagem, a comunicação e a interação constante na LE é essencial e determinante para o desenvolvimento das habilidades, conforme destaca Leffa (1994, p.81):

[...] estudantes podem aprender uma língua de uma forma muito transparente, se os professores os fizessem utilizá-la para comunicar sobre e com pessoas de diferentes países e culturas, [...] seus estilos de vida e suas formas de pensar.

Verificamos que há muitas possibilidades no ensino e na aprendizagem de uma LE que podem ser facilitadas pelas TIC, como por exemplo, a comunicação com as pessoas de diferentes países, principalmente pelo computador com o uso da Internet.

Richards e Renandya (2010) apresentam também metodologias de ensino/aprendizagem de inglês como LE. Os autores apontam que uma forma muito simples e de grande eficácia para desenvolver as habilidades é a exposição a um algum estímulo audiovisual, para em seguida refletir sobre o mesmo e produzir atividades.

Existem vários programas, sites e recursos disponíveis na Internet que oferecem várias formas de apresentação de vocabulário, situações de conversação, especificidades da língua, exercícios, atividades interativas como jogos, músicas, etc.

Mesmo assim, Chapelle e Jamieson (2008 *apud* ESTIVALET & HACK, 2011) apontam que o ensino da pronúncia em salas de aula com grande quantidade de alunos é muito difícil, assim, o uso das TIC pode ser uma alternativa didática e

pedagógica. Esses autores (2008), citados por Estivalet e Hack (2011) elaboraram cinco princípios para que os alunos desenvolvam um sistema fonológico consistente e coerente, que são: 1) os alunos devem produzir um grande número de sentenças próprias; 2) os alunos devem receber retorno corretivo pertinente; 3) os alunos devem escutar muitos modelos nativos diferentes; 4) a prosódia (amplitude, duração e velocidade) deve ser enfatizada e; 5) os estudantes devem sentir-se cômodos em situações de aprendizagem da língua.

Ainda se tratando das TIC no âmbito da aprendizagem de uma LE, algumas das contribuições nos processos educacionais são apresentadas por Poggi (2008) para: a) atender as necessidades educativas de crianças, jovens e adultos potencializando a aprendizagem presencial ou a distância; b) promover a cooperação por meio da troca de experiências e conhecimentos; c) gerar integração territorial nas diversas áreas de produção; d) criar novos espaços de aprendizagem para públicos diferentes; e) desenvolver processos de formação continuada.

No contexto de ensino *online*, vale ressaltar que é imprescindível a ruptura com o espaço “fechado” para a aprendizagem, pois “o conhecimento não está mais restrito à sala de aula nem é monopólio das instituições de ensino”, compreendendo que “é possível aprender e construir novos saberes em diferentes espaços”, como por exemplo, na Internet e em outros ambientes virtuais (CARLIONI; TARCIA, 2010 p. 06). Para essas autoras (*op. cit.*, 2010, p. 06):

A educação a distância pode acrescentar, contribuir, inovar e existir junto com a educação presencial convencional. Considerando o caráter de complementaridade, são identificadas as propostas contidas na Portaria nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, do Ministério de Educação, que regulamenta a oferta de carga horária a distância para cursos ou disciplinas presenciais no âmbito do ensino superior.

Na esteira do pensamento das autora, o destino de cada instituição depende da forma como ela “articula sua missão fundamental com as necessidades do todo do qual ela é parte” (*op. cit.*, 2010 p.06). O movimento deve seguir a cadência de sua época.

A era relacional, segundo Moraes (2001), é a era da multiplicidade, da interatividade, da diversidade, da descentralização, da solidariedade e da rede. Para Barreto (2012, p.16), “esse é o ritmo que a educação tanto nos espaços formais quanto nos não formais e, especialmente, nos informais, vem aos poucos adotando”. Ainda para esse autor:



No espaço pedagógico, a utilização das tecnologias de rede provoca uma intensificação das relações, pois convida o envolvimento ativo dos professores com seus alunos e com o conhecimento. Essas tecnologias digitais aceleram os processos e dão o suporte permanente para esse envolvimento, que acaba indo além da sala de aula. (...)

Em relação à intensificação das relações professor-aluno, questionamos como podem os professores intensificar essa relação, possuindo turmas *online* com grande número de alunos.

E se tratando da relação do aluno com o conhecimento, temos a questão da aprendizagem *online* sob um enfoque educacional, Goodfellow<sup>5</sup>, citando o relatório de 1972 da UNESCO onde afirmou que a autonomia do indivíduo é um dos principais objetivos da educação.

Mais recentemente a noção de autonomia tem sido associada a uma conceituação mais ampla de educação que passa a ser defendida como uma empreitada para a vida inteira, um processo que ultrapassa as fronteiras da escolarização e perpassa toda a vida profissional e privada do indivíduo (1972, GOODFELLOW *apud* MENEZES, 2010, p.225).

A autonomia focalizada desse ângulo pressupõe a independência do aluno no que concerne onde, quando e o que estudar e com as TIC, a importância da autonomia individual é mais pragmática do que ideológica (MENEZES, 2010).

Um dos aspectos a serem analisados nessa pesquisa é a relação do desenvolvimento da autonomia dos alunos de graduação presencial com a aprendizagem no ambiente *online*. Mediante a necessidade dessa relação, questionamos se esses alunos são incentivados a desenvolverem essa autonomia.

Como nosso estudo se centra no ensino *online* da língua inglesa, é importante esclarecermos que este traduz a expectativa de que seria possível aprender de maneira mais rápida e eficaz, porém levamos em consideração que o ensino utilizando recursos *online* também depende de um minucioso levantamento do grau de conhecimento da língua materna que os alunos possuem. Considerando as dificuldades existentes em relação à LM, questionamos quais as reais possibilidades dessa aprendizagem ocorrer na modalidade *online*, com os recursos tecnológicos oferecidos.

---

<sup>5</sup> GOODFELLOW. Evaluating Performance, Approach and Outcome in the design of CAAL *apud* MENEZES, 2010, p.225.

Cabe ressaltar que o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf, 2012)<sup>6</sup>, indica que entre os estudantes do ensino superior, 38% não dominam habilidades básicas de leitura e escrita, segundo esse indicador reflete o expressivo crescimento de universidades de baixa qualidade.

Os resultados mostram que durante os últimos 10 anos houve uma redução do analfabetismo absoluto e da alfabetização rudimentar e um incremento do nível básico de habilidades de leitura, escrita e matemática. No entanto, a proporção dos que atingem um nível pleno de habilidades manteve-se praticamente inalterada, em torno de 25%.

**Tabela I**  
**Evolução do Indicador de Alfabetismo Funcional**  
**População de 15 a 64 anos (em %)**

	2001- 2002	2002- 2003	2003- 2004	2004- 2005	2007	2009	2011- 2012
Analfabeto	12	13	12	11	9	7	6
Rudimentar	27	26	26	26	25	21	21
Básico	34	36	37	38	38	47	47
Pleno	26	25	25	26	28	25	26
<b>Analfabetos funcionais (Analfabeto e Rudimentar)</b>	<b>39</b>	<b>39</b>	<b>38</b>	<b>37</b>	<b>34</b>	<b>27</b>	<b>27</b>
<b>Alfabetizados funcionalmente (Básico e Pleno)</b>	<b>61</b>	<b>61</b>	<b>62</b>	<b>63</b>	<b>66</b>	<b>73</b>	<b>73</b>
Base	2002	2002	2002	2002	2002	2002	2002

*Fonte: INAF BRASIL 2001 a 2011*

*Obs.: Os resultados até 2005 são apresentados por meio de médias móveis de dois em dois anos de modo a possibilitar a comparabilidade com as edições realizadas nos anos seguintes.*

Esses resultados evidenciam que o Brasil já avançou, principalmente nos níveis

<sup>6</sup> Criado em 2001, o Inaf é realizado por meio de entrevista e teste cognitivo aplicado em uma amostra nacional de 2 mil pessoas entre 15 e 64 anos. Elas respondem a 38 perguntas relacionadas ao cotidiano. O indicador classifica os avaliados em quatro níveis diferentes de alfabetização: plena, básica, rudimentar e analfabetismo.

iniciais do alfabetismo, porém não conseguiu progressos no alcance do pleno domínio de habilidades de escrita, leitura e lógica matemática, que são hoje condição para a inserção plena na sociedade letrada. Contudo, de acordo com dados censitários produzidos pelo IBGE o número de brasileiros com ensino médio ou superior cresceu na década 2000-2010, como mostra a tabela abaixo. Percebemos, contudo, que esses dados representam somente o aumento da quantidade de alunos e não necessariamente o aumento da qualidade no ensino.

**Tabela II**  
**Escolaridade da população de 15 a 64 anos no Brasil / IBGE**

<b>Escolaridade</b>	<b>Censo</b>		<b>PNAD</b>	
Sem escolaridade	10%	10.866.552	9%	11.766.782
Ensino Fundamental I	30%	32.599.656	18%	23.533.564
Ensino Fundamental II	28%	30.426.345	24%	31.378.086
Ensino Médio	24%	26.079.725	35%	45.759.708
Superior	8%	8.693.242	14%	18.303.883
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>	<b>108.665.519</b>	<b>100%</b>	<b>130.742.024</b>

*Fonte: Censo Populacional IBGE 2000 e PNAD 2009*

Os dados do Inaf levantados no mesmo período indicam que estes avanços no nível de escolaridade da população não têm correspondido a ganhos equivalentes no domínio das habilidades (leitura, escrita e matemática). “Somente 62% das pessoas com ensino superior e 35% das pessoas com ensino médio completo são classificadas como plenamente alfabetizadas”. Nesses casos essa proporção é inferior ao observado no início da década.

Esses dados também indicam que “um em cada quatro brasileiros que cursam ou cursaram até o ensino fundamental II ainda estão classificados no nível rudimentar, sem avanços durante todo o período” (INAF, 2011,2012).

**Tabela III**  
**Níveis de alfabetismo da população de 15 a 64 anos por escolaridade (em %)**

Níveis	Até Ensino Fundamental I		Ensino Fundamental II		Ensino Médio		Ensino Superior	
	2001-2002	2011	2001-2002	2011	2001-2002	2011	2001-2002	2011
	Bases	797	536	555	476	481	701	167
Analfabeto	30	21	1	1	0	0	0	0
Rudimentar	44	44	26	25	10	8	2	4
Básico	22	32	51	59	42	57	21	34
Pleno	5	3	22	15	49	35	76	62
<b>Alfabetizado Funcionalmente (Analfabeto e Rudimentar)</b>	<b>73</b>	<b>65</b>	<b>27</b>	<b>26</b>	<b>10</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>4</b>
<b>Funcionalmente Alfabetizado (Básico e Pleno)</b>	<b>27</b>	<b>35</b>	<b>73</b>	<b>74</b>	<b>90</b>	<b>92</b>	<b>98</b>	<b>96</b>

*Fonte: Censo Populacional IBGE 2000 e PNAD 2009*

Esses dados parecem reforçar a necessidade de investimento na qualidade, pois percebe-se que o aumento da escolarização não está sendo suficiente para assegurar o pleno domínio de habilidades de alfabetismo.

Comparando os índices apresentados em relação ao analfabetismo funcional no ensino superior com a afirmativa de Halliday, McIntosh e Strevens (1974) que considera a relação do domínio da língua nativa como fator predominante do aprendizado de uma língua estrangeira, questionamos quais são as reais possibilidades dos alunos de graduação presencial aprenderem Inglês em apenas um semestre na modalidade *online*?

O processo educacional que ocorre por meio do uso de computadores equipados com programas especialmente elaborados para que a tecnologia atue como mediadora do processo de aprendizagem parece apresentar contribuição para o ensino de línguas, mas isso apenas não reflete a complexa atividade de aprender com a utilização de recursos tecnológicos, como afirma Jonassen (1992), pois as pessoas não aprendem dos

recursos, como computadores, livros, entre outros e sim por meio de seus processos mentais, haja vista que, para que a aprendizagem ocorra é necessário que o aluno reflita.

Percebemos, no entanto, que o professor por meio de recursos tecnológicos pode estimular práticas que exijam do aluno o raciocínio e que possam resultar no aprender. No entanto, no dizer do autor, os alunos não aprendem simplesmente da tecnologia, mas do pensar sobre o que fazem (*op. cit.*, 1992)..

O aluno aprende porque reflete sobre o que faz ou fez, sobre aquilo em que acredita, sobre o que outros fizeram, sobre o próprio processo de reflexão. Diferentes práticas engajam diferentes tipos de pensar. Essas práticas podem ser apresentadas pelo professor ou pela tecnologia; entretanto, nem o professor nem a tecnologia causam o pensar, o aprender.

Para Jonassen *et al.* (1999), o conhecimento é construído com base na experientiação de fenômenos e na interpretação dessas experiências. Esses autores argumentam que, para construir o significado, é preciso articular o que foi aprendido, o que pode ser feito de várias formas: a) pelo incentivo provocado por um problema, que evoca a necessidade ou o desejo de conhecer; b) pela representação daquilo que é aprendido, do significado que é construído; c) pelo partilhar das experiências e questões com os outros.

Observando os estudos de Jonassen *et al.* (1999) compreendemos que a tecnologia pode ser usada no processo de aprendizagem como ferramenta, veículo de informação e parceira intelectual. Como ferramenta, ela permite a construção do conhecimento pela representação das ideias, como veículo de informação, ela pode viabilizar a exploração do conhecimento, o acesso à informação e como parceira intelectual, pode contribuir para o aprendizado por meio da reflexão, ajudando o aluno articular o que ele conhece, refletir sobre o que aprendeu e construir sentidos.

Parece-nos evidenciado que podemos usar como suporte do ensino de línguas (*online*, semipresencial ou presencial) as TIC, em especial o computador, pois por meio dos recursos que disponibiliza pode ser ampliada a possibilidade de propiciar aos alunos condições para que aprendam, além da língua, a interagir nas novas comunidades que se formam com o surgimento das novas tecnologias.

Para isso é necessário considerar uma proposta pedagógica que proporcione o aprendizado de forma cooperativa/colaborativa, por meio da interação entre o aluno e o professor e entre o aluno com o demais alunos, estimulando a autoaprendizagem e o desenvolvimento da autonomia e reflexão.

## CAPÍTULO III

### 3. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo apresentaremos o percurso de nossa pesquisa de campo. Optamos por técnicas de coleta de dados sugeridas por Castro, Rizzini e Sartor (1999), por considerá-las mais adequadas ao objetivo do estudo. Foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados:

- Análise documental;
- Questionário;
- Entrevista.

#### 3.1 Análise Documental

A análise documental se baseou principalmente nas portarias que regulamentam a modalidade semipresencial, os documentos acessíveis da Faculdade, como o último Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI, o Manual do aluno, entre outros documentos impressos e disponíveis no *site* da Instituição.

No que tange a esse quesito, Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000, p.169) salientam que:

Considera-se como documento qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação. Regulamentos, atos de reunião, livros de frequência, relatórios, arquivos, pareceres, etc., porém nos dizer muita coisa sobre os princípios e normas que regem o comportamento de um grupo e sobre as relações que se estabelecem entre diferentes subgrupos.

Um dos principais documentos analisados foi o PDI da instituição. Com ele observamos que a missão proposta pela Faculdade prevê a consolidação da EAD com o objetivo de implantar futuros cursos a distância, por isso, podemos aferir que a implantação da modalidade semipresencial possui, para a instituição um objetivo maior do que apenas implantar o que foi sugerido pela Portaria nº 4.059 de 2004.

**A Missão da instituição, se concretizará a partir:**

- a) do desenvolvimento de condições necessárias à melhoria do desempenho discente, a partir do seu ingresso na Instituição;
- b) do desenvolvimento de política de qualificação e aprimoramento docente com objetivo de melhorar, constantemente, o processo de construção do conhecimento;
- c) do incentivo ao desenvolvimento de mecanismos de integração com a sociedade através da oferta permanente de oportunidades de acesso aos bens culturais e tecnológicos, em especial à população de seu entorno ou área de influência;
- d) do desenvolvimento de uma política de recursos humanos capaz de promover um ambiente organizacional favorável aos objetivos da Instituição;
- e) da divulgação da imagem da Instituição com foco na essência da sua missão e responsabilidade social;
- f) de ter todas suas vagas, da graduação, preenchidas e continuar a desenvolver os cursos de Pós-graduação correlatos, estimulando em ambos a educação continuada, principalmente através da Educação a Distância - EAD e cumprindo a Lei do PROUNI;
- g) da consolidação da Educação a Distância como projeto primordial para todas as esferas de educação, principalmente o previsto na Portaria MEC 4.059 de 10.12.04, principalmente, com o objetivo de incentivar o autodesenvolvimento e servirem de base para a implantação da Educação a Distância;
- h) do incentivo a viabilização do desenvolvimento de programas junto a comunidade, disponibilizando instrumentos adequados à prática da extensão comunitária;
- i) da adequação contínua da infra-estrutura em relação às necessidades acadêmicas e administrativas;
- j) da ampliação da oferta de cursos de graduação nas diversas modalidades de acordo com a evolução do mercado, principalmente em parceria com outras Instituições;
- k) da consolidação de ações da educação continuada resultando no crescimento e o desenvolvimento de seus discentes e da comunidade;
- l) do envolvimento, integração e comprometimento de todos no(a):
  - participação da elaboração dos Projetos Pedagógicos;
  - elaboração e cumprimento do Plano de Ensino/Aprendizagem, e correspondentes Fichas de Aulas das disciplinas seguindo os Projetos Pedagógicos;
  - acompanhamento da aprendizagem dos alunos;
  - estabelecimento de estratégias, via aulas de reforço, auxiliadas por orientadores da aprendizagem, para os alunos de menor rendimento;
  - cumprimento dos dias letivos e horas/aula estabelecidas, além de participação do planejamento Institucional;
  - colaboração nas atividades de articulação da Instituição de Ensino com a comunidade.

Podemos observar que o documento na sua totalidade apresenta intenções relevantes. No entanto os itens são absolutamente gerais e genéricos, aplicáveis a qualquer espaço social. Se formos analisar detidamente cada item, veremos a fragilidade

da proposta. No caso, a maneira genérica como a questão aluno no mercado de trabalho pode ocorrer esquece as condições gerais em que a educação ocorre no país.

No que tange ao item 'a' - do desenvolvimento de condições necessárias à melhoria do desempenho discente, a partir do seu ingresso na Instituição -; verificamos que esse desenvolvimento não parte necessariamente da instituição, pois a mesma afirma que o desempenho discente depende do aluno e que a mesma oferece a utilização dos recursos para facilitar a aprendizagem.

Nos itens 'f' - de ter todas suas vagas, da graduação, preenchidas e continuar a desenvolver os cursos de Pós-graduação correlatos, estimulando em ambos a educação continuada, principalmente através da EAD e cumprindo a Lei do PROUNI - e 'g' - da consolidação da modalidade a distância, cujo projeto primordial para todas as esferas de educação, especialmente o previsto na Portaria MEC 4.059 de 10.12.04, com o objetivo de incentivar o autodesenvolvimento e servirem de base para a implantação da EAD - ,percebemos a intenção clara da instituição com relação à aplicação da modalidade de EAD e assim podemos inferir que a implantação da modalidade semipresencial tem por objetivo servir de passagem para futura implantação da EAD na instituição. Essa intenção traz como consequência um não investimento na modalidade semipresencial, inclusive no que tange os recursos que facilitariam a aprendizagem.

Podemos observar também, que no item 'j' - relativo à ampliação da oferta de cursos de graduação nas diversas modalidades de acordo com a evolução do mercado, principalmente em parceria com outras Instituições - a instituição confirma a necessidade de ampliação de oferta de cursos de graduação dada às exigências do mercado.

Essa intenção confirma nossa afirmação destacada no segundo capítulo desta pesquisa, segundo a qual a educação superior, voltada para as demandas do mercado abandonou qualquer intenção que privilegiasse a formação humana, encontrando, além disso, na globalização importante suporte ao imprimir aos espaços educativos um sentido empresarial (BRUNNER, 2004).

Percebemos a incumbência da faculdade, no que se refere ao sentido empresarial das instituições, principalmente as de ensino superior, o item 1.3 – dos objetivos e metas da IES - no qual informa que um dos objetivos da instituição é: “- formar e capacitar para o mercado de trabalho e para a geração de renda”. Isso nos mostra que a instituição em tela assume o papel de preparar os alunos para o mercado de trabalho e



questionamos se isso é o suficiente para a formação completa do indivíduo, objetivo maior da educação. Observamos tal afirmação de acordo com o item 1.3 do PDI:

### **1.3 Objetivos e Metas:**

Com fundamento nestes pressupostos, a IES elegeu como linhas centrais de sua atuação para os próximos anos, um conjunto de ações em torno das quais deverão ser mobilizados recursos humanos e materiais disponíveis e os investimentos que se fizerem necessários, próprios ou em parcerias.

- oferecer condições para estudar.
- Formar professores capacitados para a educação básica e superior;
- dinamizar as práticas investigativas/pesquisa educacional/iniciação científica e extensão;
- formar e capacitar para o mercado de trabalho e para a geração de renda;
- educar para a cidadania e o desenvolvimento da conduta ética nas relações humanas;
- formar e capacitar, principalmente, empreendedores para gestão empresarial e educacional;
- integrar parcerias com as demais Instituições, principalmente as da Zona Oeste, sua principal área de atuação, objetivando atender a comunidade; e
- preparar seus alunos para as novas tendências de aprendizagem e desenvolvimento pessoal através da Educação a Distância – EAD, tendo como ponto de partida oferecer disciplinas na forma semipresencial.

Outro ponto a ser destacado deste mesmo item, é a relação estabelecida na formação com as tendências da EAD, em que é justificada a escolha pela semipresencialidade, afirmando que um dos objetivos da instituição é: - preparar seus alunos para as novas tendências de aprendizagem e desenvolvimento pessoal através da EAD, tendo como ponto de partida oferecer disciplinas na forma semipresencial.

Encontramos também, uma colocação importante no que compete à Técnica selecionada pela instituição que é a Técnica de Aprendizagem Aprender a Aprender que nos remete à questão primordial de uma EAD, ou como é o caso específico da modalidade semipresencial, o fator da aprendizagem centrada no aluno, ou seja, o aluno como único responsável pela sua aprendizagem através de s uma suposta autonomia.

Observamos no texto do PDI a seguinte afirmação:

Na educação, não mais se vislumbra, nesta nova realidade globalizada, o conceito de ensino como simples transmissão de conhecimentos. Este procedimento é ineficaz e passou a receber inúmeras críticas. Hoje, o importante não é somente aprender, mas aprender a aprender, e todo corpo docente deve agir como um estimulador da

aprendizagem, principalmente através de pilares sustentados na auto aprendizagem através da “Técnica de Aprendizagem – Aprender a Aprender”, filosofia educacional da Instituição (muito mais que simplesmente ensino) na qual está baseada este Projeto Pedagógico Institucional. Nesta nova concepção de ensino a iniciativa desloca-se para o aluno que busca o conhecimento, valorizando a relação professor aluno enquanto prática facilitadora da aprendizagem. Diante deste novo conceito de ensino, a aprendizagem deixou de ser um processo passivo de aquisição de conhecimentos, conteúdos ou informações, que são importantes, mas que precisam tornar-se significativas para a vida das pessoas, buscando novas formas de pensar, de perceber, de ser e agir no mundo.

Questionamos se o atendimento massificado de disciplinas ou cursos *online*, disponibilizando aos alunos os dispositivos tecnológicos, é suficiente para estimular a autonomia. E o que significa autonomia quando o aluno não tem uma formação de base que o deixe livre para pensar e agir?

Para Freire (1996) a autonomia ocorre num processo de amadurecimento do aluno. Amadurecimento este que pressupõe tempo e acompanhamento do professor. No entanto, não podemos esquecer que há geralmente grande número de alunos nas turmas *online* e além disso, as disciplinas são feitas em tempo comprimido, retirando do aluno a possibilidade de assimilação e acomodação essenciais para aprendizagem.

Segundo Piaget (1996), a adaptação é a essência do funcionamento intelectual, assim como a essência do funcionamento biológico. É uma das tendências básicas inerentes a todas as espécies. A outra tendência é a organização que constitui a habilidade de integrar as estruturas físicas e psicológicas em sistemas coerentes. Ainda segundo o autor, a adaptação acontece por meio da organização, e assim, o organismo discrimina entre a miríade de estímulos e sensações com os quais é bombardeado e as organiza em alguma forma de estrutura. Esse processo de adaptação é então realizado sob duas operações, a assimilação e a acomodação.

O próprio Piaget (1996, p. 13) define a assimilação como:

... uma integração à estruturas prévias, que podem permanecer invariáveis ou são mais ou menos modificadas por esta própria integração, mas sem descontinuidade com o estado precedente, isto é, sem serem destruídas, mas simplesmente acomodando-se à nova situação.

Observamos, porém que, da mesma forma como não há assimilação sem acomodações (anteriores ou atuais), também não existem acomodações sem assimilação. Isso significa que o meio não provoca simplesmente o registro de

impressões ou a formação de cópias, mas desencadeia ajustamentos ativos (PIAGET, 1996).

No que se refere à EAD encontramos no pensamento de Alonso (2010, p.1328) uma interessante reflexão. Ela ressalta o fato de o ensino massificado está apoiado na ideia de autonomia, pervertendo, assim, a própria noção de autonomia.

É da ilusão do atendimento massificado que se origina a ideia de autonomia do aluno na EAD – dotemos os sistemas a distância de dispositivos que garantam acesso à informação (laboratórios, bibliotecas, material didático, entre outros) e os alunos farão sua parte: aprender. De fato, o acesso aos instrumentos da formação é relevante para o desenvolvimento da formação, não se esgotando, obviamente, nisso.

Como ressalta Alonso (2010), o acesso à informação está longe de garantir a aprendizagem e menos ainda a autonomia. Não basta o espaço educacional oferecer a seus alunos os meios de adquirirem informação sem nenhuma orientação, para que o processo de amadurecimento ocorra na aprendizagem do aluno.

Cabe aqui ressaltar o quanto o termo autonomia ficou distante de seu significado, aproximando-se mais da ideia da autoaprendizagem, entendida como aprendizagem que depende só e exclusivamente do aluno. Na perspectiva da autoaprendizagem tal como concebida pela EAD, fica, sem dúvida, mais fácil implantar uma educação massificada, como tem sido feita até agora.

No Plano de Desenvolvimento Institucional da Faculdade pesquisada, fica explícito o discurso da autoaprendizagem:

A FIS, instituição altamente informatizada, disponibiliza para todos os alunos ingressantes na Graduação, as disciplinas Informática Instrumental e Produção Textual com a finalidade de, a primeira, familiarizá-los com o computador tornando-os aptos a utilizá-lo como ferramenta para ter acesso às informações, e, a segunda, para que possam interpretar as informações transformando-as em conhecimentos, tudo com a finalidade de prepará-los para a transição da forma como, em muitos casos, ainda são ministradas as aulas no Ensino Médio, para a autoaprendizagem, gradativamente, na Graduação e integralmente na Pós-graduação, tornando-os os profissionais que o mercado tanto necessita e dificilmente encontra.

A autoaprendizagem descreve o processo no qual os indivíduos tomam a iniciativa de, com ou sem a ajuda de outros, diagnosticar as suas necessidades de aprendizagem, formular objetivos de aprendizagem, identificar os recursos humanos e

materiais para aprender, escolher e implementar as estratégias apropriadas, e avaliar os resultados na aprendizagem (KNOWLES, 1975). No entanto não percebemos essas características nos alunos de graduação, principalmente em instituições privadas. Isso se dá pelo modelo de educação tradicional que temos em nosso país, na prática de diversas escolas (públicas e privadas) onde o ensino está centrado no professor e os alunos são conduzidos.

No caso da EAD não podemos esquecer que há apenas um professor para grande número de alunos. Desta forma o discurso da autoaprendizagem presta-se para justificar a ausência do professor, e por vezes o próprio número excessivo de alunos, já que a aprendizagem depende “exclusivamente” deste.

### **3.2 O questionário**

O questionário teve por objetivo coletar os dados a fim de analisá-los e construir bases para as respostas às questões de estudos. O questionário foi composto de 05 questões fechadas para traçar um perfil sociocultural e 10 questões abertas sobre a relação/opinião do aluno com o ensino presencial e *online*.

O questionário foi preenchido pelos alunos individualmente e cabe ressaltar que optamos pela escolha do questionário, porque há a possibilidade de coletar dados de ordem qualitativa e quantitativa, como afirmam Castro, Rizzini e Sartor (1999, p.77):

O questionário consiste em uma série de perguntas e questões, cuja forma, aberta ou fechada, configura tipos de coleta de dados qualitativos e quantitativos, respectivamente. O questionário pode ser dirigido ao entrevistado pelo entrevistador, de forma direta, ou preenchido pelo próprio entrevistado.

Responderam ao questionário 16 alunos de graduação, todos vinculados a dois cursos de bacharelado: Administração e Ciências Contábeis, a dois cursos de licenciatura: Pedagogia e Geografia e a um curso de tecnólogo (Tecnologia de Análise de Desenvolvimento de Dados - TADS).

A princípio tínhamos a intenção de aplicar o questionário ao maior número possível de alunos de todos os cursos de graduação oferecidos pela instituição que são:

Cursos de Bacharelado:

- Administração, Ciências Contábeis, Processos Gerenciais;

Cursos Tecnólogos:

- Tecnologia de Análise e Desenvolvimento de Dados;

Cursos de Licenciatura:

- Pedagogia, Letras (Português/Literatura e Português/Inglês), História e Geografia.

Responderam ao questionário, de forma voluntária, apenas 16 alunos: 8 alunos do curso de Administração, 3 alunos de Ciências Contábeis, 3 alunos de Pedagogia, 1 aluno de Geografia e 1 aluno de TADS.

Apesar de a pesquisadora ministrar aulas desta disciplina, optou-se pela aplicação do questionário aos alunos que não estudaram com a pesquisadora, para que não houvesse nenhuma influência nas respostas, ou seja, para que os alunos não se sentissem intimidados ou contidos em suas respostas.

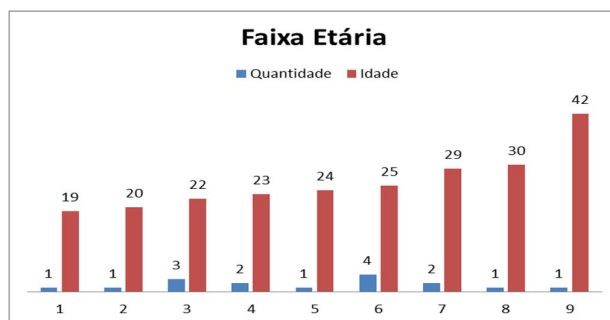
### 3.2.1 Das questões Fechadas do Questionário

Utilizamos as seguintes questões fechadas: Nome; Idade; Sexo; Principal motivo de acesso à Internet; Conhecimento prévio da língua inglesa. Cabendo ressaltar que o primeiro item – nome – foi de ordem opcional de forma a possibilitar maior liberdade nas respostas dos alunos. No item idade, tivemos por objetivo analisar a faixa etária para verificarmos se há relação desta com a utilização das tecnologias para aprendizagem.

Podemos verificar no gráfico 1 - Faixa Etária – que embora haja uma diversidade de idade, esta deve considerar que no universo pesquisado está misturado turno da manhã e noite. O turno da noite reúne, em geral, alunos com maior faixa etária.

A idade que concentra maior número de alunos é a de 22 a 29. Aparentemente trata-se de uma faixa mais velha se considerar que a idade média para ingressar na Universidade é entre 18 a 24 anos. Esta concentração de faixa etária pode ser justificada pelo fato de ter em nossa composição alunos de diferentes períodos e cursos.

**Gráfico 1 - Faixa Etária**



Observamos que a faixa etária dos alunos pesquisados está de acordo com os dados do Inep (2006), que afirmam o aumento de 61,9% no número de ingressos de alunos no ensino superior entre 2000 e 2006 e que o mesmo se deveu, principalmente, à faixa etária dos 25 aos 29 anos. No ano 2000, eles representavam 15,9% dos novos estudantes. Em 2006, eram 18,7% do total. Os ingressantes da considerada faixa adulta, acima dos 25 anos, passaram de 35,81% no ano 2000 para 39,73% em 2006.

O perfil do aluno que chega ao ensino superior no Brasil ainda reflete a demanda reprimida que o país não foi capaz de atender durante alguns anos. O estudante universitário brasileiro é mais velho que a faixa etária ideal de 18 a 24 anos, trabalha e tem renda familiar mensal de até dez salários mínimos (Inep, 2006).

Para o então coordenador adjunto da Comissão de Vestibulares da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) da época, Renato Pedrosa, a tendência deve se manter por pelo menos dez anos. Assim, Pedrosa (2006) afirma que essa mudança tem a ver com o crescimento registrado desde a década de 1990, tanto o setor privado quanto o público. A outra questão é de ordem socioeconômica. A maioria dos alunos primeiro trabalha para depois procurar o ensino superior.

Essa afirmação parece ser realidade dentro do grupo pesquisado, já a maioria dos alunos que responderam ao questionário está na faixa etária correspondente à faixa predominante da pesquisa do Inep.

Outro fator importante mostra que, de acordo com o questionário socioeconômico realizado pelo Inep durante a aplicação do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) em 2009 revelou o percentual de 53,7% tanto dos que entram como dos que concluem o ensino superior trabalha ou já trabalharam em tempo integral.

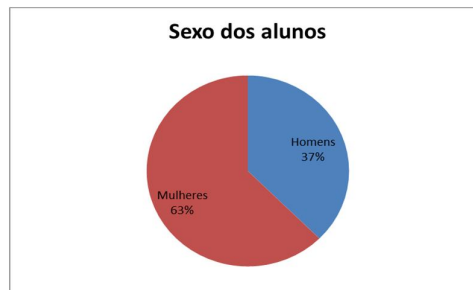
Podemos, com base nas afirmações acima apresentadas, aferir que se o estudante universitário, principalmente o da rede privada, trabalha e estuda, com isso seu tempo destinado ao estudo fica bastante prejudicado, pois, por vezes, muitos desses alunos utilizam apenas os horários de aulas para se concentrarem em seus estudos.

### **Gênero dos alunos pesquisados:**

No gráfico 2, sobre os gêneros dos alunos, podemos observar uma distribuição maior entre mulheres, que contam com uma participação de 63% do universo pesquisado, enquanto os homens com 37%.

Esses índices não são de espantar uma vez que a porcentagem de mulheres é maior do que a de homens nas universidades brasileiras há pelo menos seis anos, segundo dados do Censo do Ensino Superior, divulgados pelo MEC. Em 2009, elas ocupavam 55,1% das matrículas no ensino superior, contra 44,9% deles.

**Gráfico 2 – Gênero**



Em números absolutos, as mulheres respondem por 2,8 milhões das matrículas em cursos presenciais, contra 2,3 milhões de homens. Essa proporção muda pouco desde 2004, quando o MEC começou a realizar o Censo. A pesquisa coletou dados de 2 milhões de alunos em todo o país. O sexo feminino também supera o masculino na conclusão dos cursos. Em 2009, as mulheres foram 58,8% do total de estudantes formados por faculdades, contra 41,2% dos homens. As duas estatísticas se mantiveram praticamente inalteradas nesses anos e levam em conta cursos presenciais e à distância.

Na graduação, a pesquisa também mostrou que, em média, elas fazem o vestibular aos 19 anos. A matrícula nas universidades, em geral, ocorre somente aos 21, e o término do curso ocorre aos 23 anos de idade, em média.

Um estudo da ONU (Organização das Nações Unidas) em 2010 mostrou que a maioria dos universitários no mundo é formada por mulheres. As estudantes de ensino superior, que são 77,3 milhões em todo o globo, passaram os homens em 2,2 milhões - eles são 75,1 milhões de alunos em faculdades.

A maior variação ocorre nos Estados Unidos e na União Europeia, onde elas são 19,6 milhões nas universidades (56% do total), contra 15,2 milhões de homens no ensino superior. Na América Latina e no Caribe, o sexo feminino responde por 54% das matrículas nas universidades - a diferença entre os sexos chega a 1,5 milhão.

Em 2010 também, de acordo com estudo da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico) 63% de todos os títulos acadêmicos de nível superior concedidos no Brasil foram recebidos por mulheres. As mulheres são maioria – representando de 52% a 77% do total de títulos – nas áreas de Educação; Humanidades e Artes; Saúde; Ciências Sociais, Direito e Administração; e Serviços. Tornam-se minoria, no entanto, nos setores de Engenharia, Manufatura e Construção (28%); Ciência (38%); e Agricultura (41%).

Constatamos, então, que a concentração no gênero feminino em nada altera o uso das tecnologias, hoje quase não há distinção entre homens e mulheres, principalmente aos grupos mais jovens, no que se refere ao uso da Internet. De acordo com dados do IBGE de 2012 sobre pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a Internet, por Grandes Regiões, segundo o sexo e os grupos de idade – de 2011 e 2012, revelam que o maior índice de utilização da Internet tanto por homens quanto por mulheres se concentram na faixa etária dos 30 a 39 anos, sendo 7.940 homens e 8.898 mulheres, no segundo lugar de acordo com quantidade por faixa etária, temos, de 20 a 24 anos para homens e de 40 a 49 anos para mulheres.

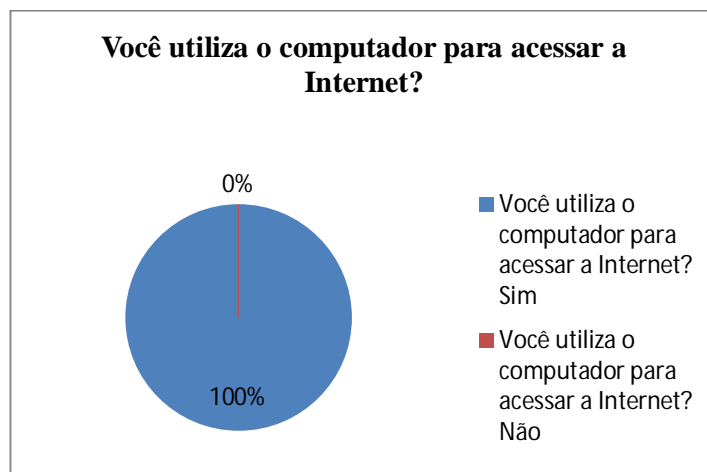
Observamos, contudo, que na análise por sexo, o percentual de acesso à Internet é maior para as mulheres, nos grupos etários até os 39 anos. Dos 40 aos 49 anos de idade, o percentual de internautas foi igual para ambos os sexos e, a partir dos 50 anos, era maior para os homens.

Essa diferença pode ser fruto do atraso na inserção das mulheres mais velhas no mercado de trabalho, mas a situação vem se transformando e a tendência é que as mulheres ultrapassem os homens porque têm mais escolaridade e estão cada vez mais participantes do mundo do trabalho.

No entanto, surpreende o fato de, apesar de haver uma concentração na faixa etária de 25 a 29 anos do universo pesquisado, todos os alunos utilizam o computador. Estes dados contrariam a ideia de que os mais jovens acessam mais a Internet. O gráfico 3 revela que todos os participantes da pesquisa utilizam o computador e acessam a Internet.



**Gráfico 3 - Você utiliza Internet?**

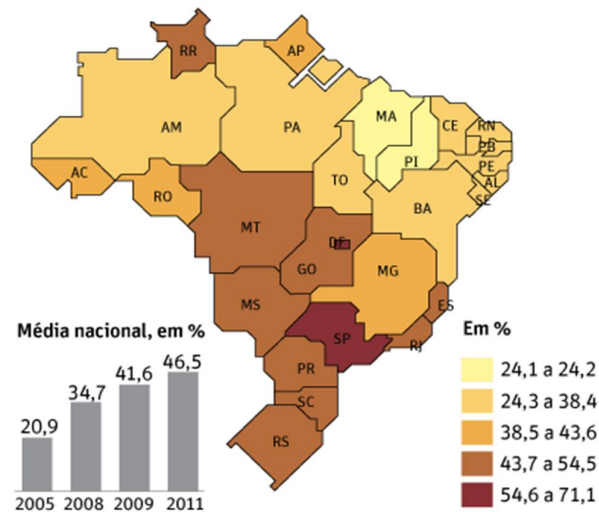


Constatamos, assim, que todos os alunos possuem certa familiaridade com a Internet, já que a utilizam. Isso possivelmente se deve ao fato do aumento do número de pessoas que usam a Internet. Afirmamos tal fato, nos baseando no número de usuários de Internet no mundo que atingiu a marca de 2 bilhões, segundo dados divulgados em 2011 pela UIT (União Internacional de Telecomunicações), órgão ligado à ONU (Organização das Nações Unidas).

Em 2000, eram apenas 250 milhões e em 2009, 1,86 bilhões. Apesar do avanço, esse número representa apenas 30% da população mundial, que é estimada em 6,8 bilhões de pessoas. No Brasil, há cerca de 41 milhões de usuários ativos de Internet, levando em conta as pessoas que usaram a rede ao menos uma vez no mês de casa ou do trabalho. Os dados são do Ibope Nielsen Online.

O número de brasileiros que acessam a Internet subiu 6,8% em 2012, em relação a 2011, como mostra o mapa abaixo:

### TÊM ACESSO À INTERNET



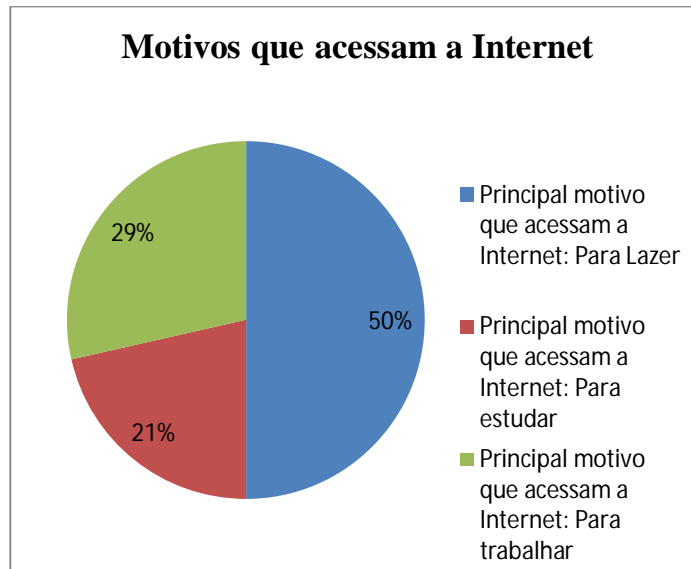
Fonte: IBGE

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 83 milhões de pessoas, com 10 anos ou mais, declararam navegar na web, o que corresponde a 49,2% da população na faixa idade. No ano anterior, foram 77,7 milhões.

De 2011 para 2012, houve aumento do número de pessoas que acessaram a Internet em todas as faixas etárias, especialmente nas faixas até 29 anos de idade, em que o número aumentou 3,4%. Nas faixas acima de 30 anos de idade esse crescimento foi de 11,2%. No grupo de 15 a 17 anos, a proporção chega a 76,7%. Entre os que têm 50 anos ou mais, 20,5% acessam a Internet.

No que se refere a motivação dos usuários ao acessarem a Internet constatamos que a grande maioria utiliza para o lazer e em segundo lugar para o trabalho e o menor índice compete ao estudo, ou seja, utilizar a Internet para estudar, como fonte de conhecimento.

**Gráfico 4 -Principais motivos que acessam a Internet**



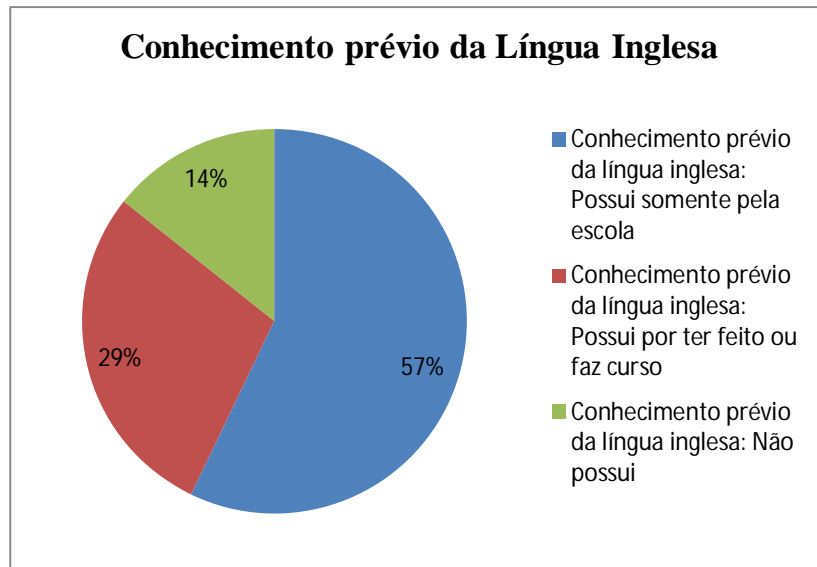
No que se refere ao uso da Internet por alunos, o Programa para Avaliação Internacional de Estudantes da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico constatou que 55% dos estudantes de 57 países pesquisados - entre os quais o Brasil- recorriam à Internet para pesquisa, 53% para jogos e 48% para uso de editor de textos.

Percebemos que os estudantes utilizam os computadores por diversas finalidades e não apenas para o lazer, muitos utilizam para pesquisas, para o aprendizado, porém, não podemos afirmar que há perdas significativas de aprendizado nos alunos excluídos digitalmente, pois ainda não foram encontrados estudos que comprovem que as tecnologias em sala de aula melhoram consideravelmente o desempenho dos alunos, apesar de reconhecermos que a inclusão digital de estudantes pode proporcionar um diferencial competitivo para eles quando chegam ao mercado de trabalho.

Constatamos, pelo gráfico 4, que na cultura dos alunos pesquisado não há prática de estudar valendo-se dos benefícios oferecidos pela Internet o que traz importantes conseqüências para um curso semipresencial. Soma-se a essa informação o fato de que do total do universo pesquisado, 57% possui um conhecimento incipiente da língua inglesa, identificando perguntas básicas como dizer o nome, idade e cumprimentos; enquanto 14% não possui qualquer conhecimento. Se somarmos esses dados temos um grupo de 71% que não possui um nível adequado de conhecimento para comunicação em Inglês. Assim apenas 29% possuem um conhecimento intermediário do Inglês.

Possivelmente, esse é um dado importante para o professor, que não tem acesso a essas informações e vai sentir dificuldade no ensino da língua, haja vista que não há uma avaliação diagnóstica, de forma a oferecer dados para um melhor planejamento/desenvolvimento do material didático, das atividades e outras técnicas de ensino para facilitar a aprendizagem da língua estrangeira.

**Gráfico 5 - Conhecimento prévio da língua inglesa:**



Observamos que a maioria dos alunos, representado 57%, possui somente conhecimento básico da língua, o que permite afirmarmos que não conseguem manter um diálogo, por reconhecerem apenas palavras soltas e pequenas frases. Isso nos mostra que o ensino da disciplina fica 'sensível' pelo fato dos alunos possuírem conhecimento muito básico sobre o assunto.

Isso implica nas questões de aceitação/negação da modalidade, da necessidade de mais recursos para estimularem a aprendizagem e da interação professor x aluno nos processos de ensino e de aprendizagem.

Esse dado, em relação aos alunos participantes da pesquisa, representa a realidade brasileira em no que tange ao conhecimento da língua inglesa, já que o Brasil conquistou apenas o 38º lugar dentre as 60 nações cujos cidadãos foram avaliados em sua capacidade de se comunicar na língua inglesa. Segundo o [Índice de Proficiência em Inglês 2013](#), elaborado pela empresa de educação internacional *Education First* (EF), o país se enquadra hoje na categoria de nível "baixo".

Apesar desse índice não parecer bom, mostra uma evolução sobre os resultados do ano passado, quando o Brasil ficou na 46ª posição e os brasileiros foram classificados com proficiência "muito baixa" - entre os piores do mundo, portanto, de acordo com a EF, nesse ano, o Brasil apareceu na 38ª posição, com 50,07 pontos, o que significa uma proficiência baixa. O ranking avaliou a gramática, o vocabulário, a leitura e a compreensão de 750 mil adultos em 60 países.

Em termos de pontuação, o Brasil tirou uma nota 2,80 pontos maior que no *ranking* passado. Segundo a EF, resultados superiores a dois pontos indicam uma significativa mudança na habilidade com a língua inglesa.

### **3.3 Entrevista:**

Utilizamos entrevistas individuais e semiestruturadas com o objetivo de facilitar a compreensão das diferentes opiniões sobre o assunto e foram aplicadas a partir de um pequeno número de perguntas, para facilitar a sistematização e codificação, possuindo um caráter exploratório, comportando um roteiro pré-determinado, com questões previamente elaboradas.

Participaram da entrevista, dois alunos de Administração, um de TADS, um de Contabilidade e uma aluna de Pedagogia. Fizemos a opção de entrevistar ao menos dois alunos de cada curso, mas dado ao tempo e disponibilidade dos alunos, após certo período, resolvemos cessar a busca por mais alunos a serem entrevistados e utilizamos as entrevistas realizadas.

Para tal, foi elaborado um roteiro com ênfase nas diferenças percebidas entre as modalidades presencial e *online*, assim com as vantagens e desvantagens da aprendizagem do Inglês na modalidade semipresencial. Embora com o foco similar ao que norteou as questões abertas do questionário, a entrevista visou criar um espaço mais próximo com o aluno, a fim de explorarmos melhor sua percepção, uma vez que, em geral, os alunos se expressam com mais facilidade pelo meio oral do que pela escrita.

A entrevista compreendeu os seguintes temas: a) principais diferenças entre as modalidades presencial e semipresencial; b) vantagens e desvantagens da disciplina Noções de Inglês na modalidade semipresencial no que se refere à aprendizagem; c) sugestões para melhorar o oferecimento da disciplina na modalidade.

### **3.3.1 Das questões abertas e entrevista**

As questões abertas visaram obter respostas mais amplas de tal forma que pudéssemos identificar a percepção dos alunos em relação a sua experiência no ensino semipresencial, ressaltando os fatores que facilitaram e/ou dificultaram a aprendizagem de uma segunda língua. Com isso visamos oferecer um espaço aberto para que um número expressivo de alunos pudessem se expressar.

Embora se tratando de dois instrumentos diferentes, questionário e entrevista, optamos por integrá-los, uma vez que, como vimos, as questões são similares e/ou complementares. Além disso, a divisão por temas por nós proposta, visou uma melhor organização dos dados, por meio da mescla dos instrumentos.

Assim apresentamos três seções, a saber: a) Percepção dos alunos em relação às diferenças entre ensino presencial e a *online*; b) Percepção dos alunos sobre o uso das tecnologias no ensino semipresencial; c) Percepção dos alunos sobre a oferta da disciplina semipresencial.

Para preservar o anonimato, os participantes da pesquisa foram identificados por letras e números de acordo com a ordem de entrega do questionário respondido e da realização da entrevista. Os alunos que responderam o questionário foram identificados pela letra A (de aluno) seguida de números cardinais, em ordem crescente (1, 2, 3...) e os alunos que foram entrevistados foram identificada pela letra E (de entrevistado) também seguida de números cardinais em ordem crescente.

#### **3.3.1.1 Percepção dos alunos em relação às diferenças entre ensino presencial e *online*:**

##### **3.3.1.1.1 – Gerenciamento do tempo para estudar**

Um dos aspectos importantes apontado pelos alunos no estabelecimento das diferenças entre ensino presencial e *online* é o fator tempo. O tempo dedicado à participação necessária dos alunos e professores é visto como de fundamental importância em ambientes virtuais de aprendizagem seja pelos alunos, seja pelos teóricos, pois consideram necessário o estabelecimento de metas para administrar as atividades de forma racional.

Lévy (1999) observa que a mudança, trazida pela cibercultura, da maneira de se conceber uma nova forma de aprendizagem e conhecimento, não fica restrita apenas às

salas de aula. Estas trocas de saberes ultrapassam o espaço físico até então conhecido e tradicionalmente concebido para tal fim. A partir de agora, eles podem ser feitos por todos, para todos, ao mesmo tempo e o tempo todo.

A grande questão da cibercultura no acesso de todos à educação, não é tanto a passagem do presencial à distância (sic), nem do escrito e do oral tradicional à multimídia. É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizada (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes (LÉVY, 1999, p.172).

Concordamos com o autor no que se refere às trocas de saberes terem ultrapassado o espaço físico com o advento das tecnologias, porém mesmo que a comunicação ocorra em rede, de todos para todos, não é fato que todos estejam efetivamente participando. Na realidade, esses “todos” ainda são muito poucos, pois há ainda os que não possuem acesso à Internet e dentro do quadro dos que possuem, ainda são poucos os que produzem conhecimentos.

Observamos mudanças nos aspectos de ensino e de aprendizagem, principalmente na modalidade *online* de ensino, cujo material didático fica disponível e o aluno o acessa quando quiser e a interação professor x aluno ocorre em tempo variado, dependendo de como as instituições selecionam seus modelos de plataforma.

Na instituição pesquisada, há plataforma, a secretaria online, considerada como um portal onde o aluno acessa suas informações acadêmicas, tais como notas, faltas, histórico simplificado, etc e informações financeiras, como por exemplo, boletos quitados e/ou em aberto. Além dessas informações, o aluno pode acessar o link para a disciplina que cursa na modalidade semipresencial. Neste link fica disponibilizado o acesso à apostila com os conteúdos da disciplina e ao fórum, utilizado para se comunicar com o professor, participar das possíveis discussões sobre variados assuntos pertinentes aos conteúdos da apostila, entre outros.

Baseando-nos nas respostas abaixo, percebemos que os alunos ressaltam a questão do tempo como principal diferença entre a modalidade presencial e *online*. Para eles a grande vantagem do ensino *online* é a possibilidade de administrar o próprio tempo. A possibilidade de organizar seus estudos, como ressaltam os alunos abaixo:

*A1 – Estudamos quando queremos. No ensino online o aluno tem como organizar seu tempo para estudar, já no ensino presencial o aluno fica com seu tempo tomado pelas disciplinas presenciais. Quando quero estudar, estudo. Ninguém diz a hora certa de estudar.*

A2 – *É uma oportunidade para quem não possui tempo. Há maior flexibilidade com os estudos e horários.*

A4 – *A principal facilidade é a flexibilidade que o aluno encontra. Ou seja, na presencial se o aluno faltar uma aula expositiva terá em seu processo de ensino, uma lacuna por conta da ausência na referida aula. Já na modalidade semipresencial, o aluno acessa no momento em que dispõe de tempo para desenvolver o seu conhecimento.*

A5 – *A possibilidade de fazer seu próprio horário de estudo, no caso do ensino online.*

A6 – *O tempo é uma das coisas mais comentadas, pois pode estudar onde tiver sem se preocupar.*

A9 – *O online, pois o aluno estuda o dia e hora que quiser. A maior vantagem da disciplina está na flexibilização do tempo para o aluno, pois não terá uma hora específica para estudar e nem o lugar.*

A12 – *Para os alunos que não tem muito tempo, a modalidade (semipresencial) é vantajosa.*

A14 – *A diferença é que presencial posso estudar em casa, ou seja, com o tempo que eu estiver disponível.*

E4 – *No presencial tem o contato com o professor, facilidade em aprender. No online tem tempo disponível a qualquer hora, busca do aluno por seu interesse ou foco.*

Verificamos que A1 e A4 ressaltam que no presencial o aluno fica ‘preso’ às aulas, pois afirmam que precisam assisti-las para não perder os conteúdos, configurando assim, a dependência que os alunos possuem com as aulas presenciais, considerando-as, muitas vezes como única fonte de conhecimento, enquanto ele mesmo pode pesquisar sobre o assunto, ler o material de apoio, entre outros.

Já A2 e A12 enfatizam que a modalidade *online* é uma oportunidade para quem não dispõe de tempo para frequentar as aulas presenciais nos horários propostos, o que não abona a necessidade de ter tempo para estudar. Nestes casos observamos que além do fator tempo, também há o fator espaço. Estudar em casa parece ser mais cômodo, como afirma A14, contudo pode favorecer uma maior dispersão.

Embora a ênfase dada pelos alunos para estabelecer a diferença entre o ensino *online* e presencial seja a flexibilidade do tempo para estudar, em geral consideram o estudo *online* apenas como estar conectado à sala de aula virtual, parecendo desconsiderarem que o estudo *online*, tal como o presencial exige tempo para estudo e pesquisa.



Enfatizamos aqui que também há uma complexa atividade de aprender com a utilização de recursos tecnológicos, pois esses recursos não são garantia de aprendizagem, se não houver processos mentais por parte de quem quer aprender. Encontramos, nas palavras de Jonassen (1992, p.2) subsídios para confirmar a nossa afirmativa:

(...) as pessoas não aprendem dos computadores, livros, vídeos ou outros recursos que foram desenvolvidos para transmitir informação. A aprendizagem é mediada pelo pensamento (processos mentais). O pensamento é ativado pelas atividades de aprendizagem e as atividades de aprendizagem são mediadas pelas intervenções instrucionais incluindo-se aí as tecnologias. A aprendizagem requer reflexão por parte do aprendiz. Para que mais diretamente afetemos o processo, portanto, devemos nos concentrar menos no design das tecnologias de transmissão e mais no que os aprendizes precisam para completar as diferentes tarefas que lhe são apresentadas.

No ensino *online*, não há ainda uma cultura que incentive o aluno a entrar nos sites de pesquisa sobre a literatura referente à sua área de estudo, explorar bibliotecas virtuais. No caso do estudo de língua estrangeira, o aluno tem, ainda, a chance de participar de chat e sites com atividades específicas para quem quer aprender uma segunda língua. Essas atividades podem ocorrer, pois a rede mundial de computadores aproximou mais os povos e com isso o ensino de línguas passou a ter a oportunidade de interação real com outros falantes da língua de estudo.

A Internet e seus muitos recursos contribuem para a formação de uma inteligência coletiva, como definida por Lévy (1998, p.28), “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”.

Com essa ideia de inteligência coletiva, ou seja, com essa interação, seja professor-aluno e alunos-alunos, ou entre alunos-correspondentes no exterior, há a possibilidade de se acrescentar uma nova dimensão à aprendizagem de línguas estrangeiras.

Essa dinâmica, portanto, pode ser desenvolvida partindo do professor em relação à estimular seus alunos, oferecendo subsídios que os auxiliem no próprio gerenciamento de tempo, pois consideramos que o gerenciamento do tempo pelo aluno não é uma ação técnica, uma ação isolada. Este se vincula à percepção que o aluno tem de como deve ocorrer seu processo de aprendizagem.

### 3.3.1.1.2 Autoaprendizagem – o aluno como ator principal na construção do conhecimento

Outro fator de grande destaque nas falas dos alunos no que se refere às diferenças entre o ensino presencial e o *online* é a aprendizagem autônoma. Essa é vista por alguns alunos como fator de vantagem para o aprendizado do ensino *online*, onde destacam que o aluno no *online* ‘deve’ ser mais organizado e disciplinado, ‘deve’ ser o responsável pela sua aprendizagem.

Nas falas dos alunos abaixo, podemos identificar que alguns alunos têm ciência de seu papel na construção de sua aprendizagem, em especial na modalidade *online*, como assinalam:

*A2 – Nas aulas online é exigida uma maior busca de informações.*

*A4 – O fato do aluno passar a ser o ator mais importante na construção do saber e a troca de informações de maneira mais dinâmica.*

*A5 – Disciplina e organização do estudante.*

*A7 – O aluno é obrigado a estudar sozinho.*

*A10 –... Muito importante, pois estimula aos alunos a estudarem sozinhos, preparando para o mercado de trabalho.*

*A13 – O aprendizado online, precisa mais mobilidade do aluno, ele precisa ser mais concentrado, mais disciplinado, para realizar esse aprendizado, porque temos por hábito de deixar tudo para depois, nesse método o aluno tem que ter essa noção de tempo.*

*A15 – Acho bom, para buscar aprender coisas que eu tenha interesse. É parecido com o que se faz na Internet, quando se quer estudar algo.*

*A16 –... Autonomia dos alunos em aprender a qualquer tempo e lugar e o comprometimento em aprender. O aluno deve estar mais focado em se inteirar sobre os assuntos.*

De formas diferentes, as percepções desses alunos exaltam a questão da necessidade da autoaprendizagem, afirmando serem os alunos os responsáveis por sua aprendizagem no ambiente *online*, indicando ainda haver diferenças entre as atitudes de aprendizagem no modelo presencial e no modelo *online*.

Consideramos equivocada a visão de A4 - “ O fato do aluno passar a ser o ator mais importante na construção do saber” na modalidade *online* -, uma vez que no ensino presencial esse deslocamento já foi realizado há bastante tempo com a teoria

interacionista de Vygotsky. Portanto, não há qualquer novidade em no ensino *online* dizer que o aluno tem a centralidade na construção do conhecimento.

A autoaprendizagem não deve, contudo significar o abandono do aluno e, por conseguinte a dispensa da função do professor. Na autoaprendizagem o aluno deve ser estimulado pelo professor a se organizar e administrar seu tempo e a valorizar o empenho a pesquisa. O professor deverá, portanto, se manter presente, apesar da distância física.

Não podemos esquecer que, tal como propõem Vygotsky<sup>7</sup>, o desenvolvimento cognitivo se dá por meio da interação social, em que, no mínimo, duas pessoas estão envolvidas ativamente trocando experiência e ideias, gerando novas experiências e conhecimento.

Sob essa visão, a aprendizagem é uma experiência social, mediada pela utilização de instrumento e signos, indicando que as atividades, tanto em sala de aula presencial quanto virtual, devam ser colaborativas. Ser colaborativo possibilita ao aluno ir além do que seria capaz sozinho, ou seja, o professor deve mediar à aprendizagem utilizando estratégias que levem o aluno a tornar-se independente, preparando-os para um espaço de diálogo e interação.

Percebemos, contudo que a modalidade semipresencial, apesar de parecer incentivar a interação de forma diferenciada, na opinião do aluno A7 isso não acontece na disciplina em questão, pois o mesmo afirma que é “obrigado a estudar sozinho”, assim como para A10 que afirma que nessa modalidade “os alunos são estimulados a estudarem sozinhos...”.

De acordo com a teoria sócio interacionista<sup>8</sup>, o papel do professor é de suma importância para auxiliar a aprendizagem do aluno, apesar dos alunos consideram que no *online* não há tanta participação do professor. Percebemos que em qualquer modalidade, inclusive na *online* pode haver interação e essa deve ser incentivada pelo docente.

---

<sup>7</sup>Fonte: GAUTHIER, C.; TARDIF, M (org.). A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. - (Capítulo 17 – Lev Vygotsky e o socioconstrutivismo na educação).

<sup>8</sup>Idem à referência anterior.

O papel do professor, de acordo com esta teoria, é o de mediador da aprendizagem, o de parceiro do aluno, aquele que auxilia. Já o aluno deve assumir um papel ativo no que se refere a sua aprendizagem.

A teoria sociointeracionista pode ser aplicada ao ambiente *online* por meio de recursos que permitam trabalhar com grupos e técnicas para motivar, facilitar a aprendizagem e diminuir a sensação de solidão do aluno. Permitindo construir o conhecimento em grupo com participação ativa e a cooperação de todos os envolvidos, oferecendo oportunidades para discussão e reflexão.

Neste caso, podemos resumir dizendo que, na teoria sócio interacionista o método utilizado deve visar a Interação social mediada por instrumentos e signos, na qual a aprendizagem ocorre por meio da interação social e intercambio de significado dentro da zona desenvolvimento proximal, com a participação em grupo e compartilhamento de significados social.

Embora haja o reconhecimento de que a aprendizagem no ensino *online* exige que o aluno tenha mais organização e disciplina, na prática poucos são aqueles que realmente possuem o perfil exigido, pois essas características ainda não fazem parte das realidades de grande número de alunos, acostumados com o modelo ‘comum’ do ‘professor ensina e aluno aprende’.

Apesar dessas características serem desejáveis em relação aos discentes (organização, disciplina, de forma a favorecer a autoaprendizagem), o professor quase sempre desconhece seus alunos, embora conhecer o perfil dos alunos e seus estilos de construção do conhecimento é tarefa prioritária e ao mesmo tempo de extrema dificuldade quando se trata da educação *online*.

Fica evidente que por parte dos alunos há o reconhecimento de que o perfil do aluno no ensino *online* é diferenciado, pois o mesmo passa a ter maior responsabilidade pelo seu próprio aprendizado, porém essas falas não confirmam que todos estão prontos a assumirem este perfil, concordando com Palloff e Pratt (2004) quando afirmam que os cursos e programas *online* não foram feitos para todos.

Na EAD o aluno é “levado” a possuir um perfil diferente do modelo presencial. Nas palavras de Pretti (200, p. 15):

Pode-se dizer que o “calcanhar de aquilhes” na educação a distância é a situação de aprendizagem individual. O estudar sem a presença regular de colegas e professores desafia o cursista a superar suas limitações pessoais e desenvolver sua capacidade de aprender autonomamente, de aprender a aprender. Esse processo exige envolvimento tanto da

instituição como do cursista inscrito. A instituição coloca à disposição do Cursista todo o seu sistema (recursos humanos, materiais, redes de comunicação) para dar suporte à caminhada. Por outro lado, o cursista deve mergulhar, assumindo para si, também a responsabilidade de sua formação.

Estudar sem a presença regular do professor e colegas desafia o aluno virtual a superar suas limitações pessoais e a desenvolver sua capacidade de aprender autonomamente, de “aprender a aprender”. O aluno é levado a assumir para si a responsabilidade de sua formação, tendo, algumas vezes, como supostos suportes alguns componentes materiais e humanos com o objetivo que os mesmos tenham a possibilidade de construir essa autoaprendizagem durante o processo.

Percebemos, pelas falas dos alunos que alguns se sentiram sozinhos quando cursaram a disciplina na modalidade *online*, indicando, portanto, que disponibilizar materiais de apoio sem o devido suporte humano não é garantia de estímulo à autoaprendizagem.

Aprender em um ambiente virtual é diferente de aprender em uma sala de aula tradicional. É preciso romper barreiras e adquirir novos hábitos, como por exemplo, acessar a Internet para se atualizar com o curso ou disciplina, realizar as atividades semanalmente, participar do fórum, ler, refletir, comentar a respeito das mensagens, entre outras atividades.

No caso específico da aprendizagem de língua estrangeira, o desenvolvimento constante das habilidades por meio da autoaprendizagem dos alunos é um fator extremamente importante e, principalmente quando falamos de uma disciplina ministrada na EAD, pois a modalidade oferece uma grande liberdade de tempo na organização dos horários de estudos, realização e entrega das discussões e atividades (LEFFA, 1994).

De acordo com Holec (1981), encarregar-se da própria aprendizagem significa ter e manter a responsabilidade pelas decisões relacionadas a todos os aspectos dessa aprendizagem. Assim, de acordo com esse autor (*op. cit.*, 1981), os objetivos devem ser determinados com base na análise das próprias necessidades e, caso necessário, devem ser alterados. Ressalta, ainda, que deve haver organização dos materiais disponíveis e que deve haver uma seleção de métodos já utilizados por outros aprendizes, inclusive métodos que podem ser inventados. A seguir, afirma que se deve haver monitoramento dos procedimentos de aprendizagem, ou seja, onde, como, com que frequência, com que ritmo, entre outros, a aprendizagem está ocorrendo e, finalmente, sugere que se deve

avaliar o que foi aprendido a fim de determinar até que ponto os resultados obtidos estão de acordo com os objetivos.

Consideramos que a autoaprendizagem não deve ser utilizada para “resolver” problemas estruturais, como a superlotação das turmas. Até mesmo porque reconhecemos que grande número de alunos, especificamente na graduação, não possuem o perfil de autoaprendizagem em um nível satisfatório, pois nossa educação básica não favorece de forma eficiente esse desenvolvimento.

Percebemos com as falas dos alunos que o ideal proposto em relação ao desenvolvimento da autoaprendizagem ainda não é um fator predominante na prática, tanto nas aulas presenciais quanto nas *online*.

Cabe lembrar que, para Paul (1990 *apud* BELLONI, 2012, p.44), o conceito de aprendente autônomo ainda é embrionário, da mesma forma que o estudante autônomo nas nossas universidades ainda é exceção, e que o consenso em torno do assunto é o de que a educação em geral, e o ensino superior, em particular, devem transformar-se para dar “condições e encorajar uma aprendizagem autônoma que propicie e promova a construção do conhecimento, isto é, que considere o “conhecimento como processo e não como mercadoria”.

Em qualquer situação educacional, e muito especialmente na EAD, a aprendizagem efetiva é necessariamente ativa, mas ainda cabe ao professor o estímulo a essa aprendizagem, com isso, não reconhecemos aqui que a aprendizagem autônoma exclui de vez a função do professor.

### **3.3.1.1.3 Avaliação com muitas facilidades e poucas vantagens para a aprendizagem**

Outro aspecto considerado positivo pelos alunos foi a avaliação. Parece ilógico alunos abordarem avaliação com um aspecto positivo. Porém, na visão equivocada de alguns, ter uma avaliação fácil que dê para obter aprovação na disciplina é um fator positivo. Também tivemos alguns alunos que apontaram essa facilidade na avaliação como aspecto negativo para aprendizagem, porém abordaremos esses comentários mais adiante.

Nas falas dos alunos abaixo, muitos declararam não ter estudado para a disciplina com empenho. Pois para serem aprovados bastava realizar as provas com

consulta à apostila, possivelmente partiu deste fato, o motivo de não terem dado tanta importância à leitura prévia e reflexiva do material de apoio, de não terem participado do fórum, pois para esses alunos importava serem aprovados na disciplina e não a aprendizagem.

*A3 – Não encontrei muitas dificuldades, principalmente na avaliação que foi com consulta, assim, não precisei estudar muito.*

*A6 – Como já foi dito a diferença é nas provas, não precisamos nos preocupar em estudar para a matéria que é semipresencial e assim sobra mais tempo para estudar para que é presencial.*

*A12 – Como não me senti muito estimulado, conseqüentemente não encontrei muitas facilidades, somente a prova por ser com consulta e isso permite passar na disciplina sem ter que estudar muito.*

*A8 – A facilidade está no tempo, para o aluno e na hora da execução da prova por haver consulta.*

*A16 – Aham fácil, pois a avaliação é com consulta.*

*E3- (...) apenas a prova que é diferente da presencial, pois podemos consultar toda a apostila, sem precisar estudar antes.*

Percebemos que A3, A16 e E3 afirmaram que não precisaram estudar, pois a avaliação foi fácil, com consulta, sem muito estímulo ao pensamento, à elaboração de respostas. A avaliação com consulta foi, portanto um fator facilitador para conseguir a aprovação na disciplina, sem se preocuparem com o conhecimento.

Cabe ressaltar aqui a fala de A6 que destacou a diferença da avaliação da disciplina *online* e das demais que são presenciais e considerou ainda que a avaliação na modalidade *online* é mais fácil, “não precisa estudar”, pois é com consulta enquanto a avaliação no presencial é mais difícil, pois a “cola não é liberada” (grifo nosso).

Observamos com essas falas que a forma da avaliação das disciplinas *online* da instituição é muito frágil e não favorece a aprendizagem. Entendemos a avaliação como uma ação ampla, não apenas como uma ação para compreender, mas também para promover outras ações em benefício da aprendizagem dos alunos.

As práticas avaliativas mediadoras devem ter por base os seguintes princípios gerais: uma concepção de avaliação como um projeto de futuro, o entendimento do valor ou da qualidade da aprendizagem como parâmetros sempre subjetivos e arbitrários, e finalmente, a compreensão de que a aprendizagem se dá na relação de saber consigo mesmo, com os outros e com os objetos do saber (HOFFMANN, 2002).

Quando a avaliação se torna o único instrumento de verificação da aprendizagem, como muitas instituições utilizam por meio de provas, constatamos que o processo de construção do conhecimento, no qual o aluno deveria acompanhar seu próprio processo de construção e de reconstrução, bem como seus sucessos e fracassos, fica a desejar.

Provavelmente, com uma única prova como instrumento de avaliação, está longe de poder medir o processo de aprendizagem do aluno. Alonso (*et al.*, 1992, p.130) ressalta que ao atribuirmos à avaliação o papel de instrumento de aprendizagem, a qual “deverá subministrar retroalimentação adequada aos alunos (e ao próprio professor) e contribuir para melhorar o ensino, se rompe bastante com as concepções de sentido comum sobre a própria avaliação” modificando suas características.

Verificamos, no entanto, que, o caminho para a avaliação mediadora não pode ser outro senão a busca de significados para todas as dimensões da relação entre educandos e educadores, através de investigação acerca das peculiaridades dos aprendizes e das aprendizagens, numa visão de quem quer conhecer para promover e não para julgar.

### **3.3.1.2 Percepção dos alunos sobre o uso das tecnologias no ensino semipresencial**

Está cada vez mais presente nas agendas das políticas educacionais dos países da América Latina a ideia de que as TIC devem ser incorporadas às atividades docentes com vistas a enriquecer a aprendizagem dos alunos, além de serem consideradas como parte do processo de inovação das práticas pedagógicas.

As TICs podem servir aos mais diversos propósitos relacionados à educação, como por exemplo, atender as necessidades de crianças, jovens e adultos, facilitando e potencializando a aprendizagem, seja ela presencial ou a distância. Além disso, pode promover processo de cooperação e troca de experiências, pode ajudar na criação de novos espaços e oportunidade de aprendizagem para distintos públicos e pode fomentar e desenvolver processos de formação continuada (POGGI, 2008).

Percebemos que há várias possibilidades na utilização das TICs no campo da educação, porém não podemos esquecer que as mesmas não são responsáveis por acabar com os problemas educacionais que vão além do uso de recursos de ensino.



### 3.3.1.2.1 Considerações sobre inovação e aprendizagem

Alguns dos alunos que responderam o questionário apontaram a utilização da tecnologia como vantagens na modalidade semipresencial, por ser considerada uma 'inovação'. Neste sentido, os alunos A5, A11, A12 e A13 ressaltaram o uso da tecnologia e o fórum como inovações 'oferecidas' pela instituição nas disciplinas semipresenciais:

*A5 – O uso da tecnologia como meio de ensino.*

*A11 – Aprendemos a lidar com a Internet para geração de conhecimento. Utilização do fórum.*

*A12 – Fórum.*

*A13 – O uso de tecnologia. Pelo menos há o uso do computador com mais frequência o que estabelece um contato com o mundo digital.*

Percebemos que os alunos também apontaram a possibilidade de utilizarem a Internet como fonte de conhecimento, compreendendo uma das principais funções da Internet quando incorporada no processo de ensino e de aprendizagem. Essa ideia fica clara nas falas de A11 e A13.

Contradizendo as falas dos alunos acima, o aluno E3, apesar de ter apresentado as vantagens da disciplina semipresencial, apresentou também as dificuldades encontradas nessa modalidade:

*E3- A vantagem que observei foi em relação ao tempo para estudar. Eu estudava a hora que podia e como estava online, eu pesquisava em outros sites sobre coisas que não sabia e que estava nos capítulos da apostila, mas na matéria do inglês, achei a apostila mais simples, nas outras matérias tem muita coisa para ler e fica mais chato. Eu senti falta de mais atividades, mais exercícios. Tive algumas vezes vontade de falar em inglês, mas a matéria foi só teórica, podia ter sido mais prática também.*

Percebemos que para E3 a vantagem está na disposição de tempo que teve para estudar, nas pesquisas que realizava em sites diversos e na simplicidade dos conteúdos apresentados na apostila, porém, em relação às dificuldades/desvantagens da disciplina está o fato de não ter tido mais atividades e exercícios para a prática do inglês. Percebemos, ainda, que faltaram atividades mais dinâmicas e que apesar de utilizar recursos tecnológicos cuja função, quando aplicados ao ensino, seria de maior dinamismo nas atividades e interações.

Parece-nos que as ações de aprendizagem necessárias ainda não estão disponíveis inteiramente para o aluno, ou estão insuficientemente disponíveis. As atividades provavelmente não foram formadas sistematicamente para servirem como meios essenciais para aprendizagem.

Trazendo esta perspectiva, do uso dos recursos *online*, destacamos Martín (2008 *apud* FERREIRA, 2010 p.25), que aborda o impacto das tecnologias digitais na aprendizagem. Para esta autora as características intrínsecas desses recursos produzem diferenças no modo de raciocinar e produzir conhecimentos, seja em relação a alunos ou professores.

No dizer dessa autora (op. cit., 2010, p.25), com esses recursos fica mais fácil “planificar ações, captando diferenças entre meios e fins, o que contribui para o desenvolvimento da autoconsciência e autorregulação”. Ademais, acrescenta que isso potencializa a interatividade e uma relação mais ativa com a informação, podendo trabalhar com simulações, interagir com a realidade virtual, realizar experimentações e explorações, além de transitar entre diferentes sistemas de representação, potencializando a generalização da aprendizagem (op. cit., 2008). Vale lembrar que, ainda segundo essa autora, tais recursos permitem organizar as informações de múltiplas e flexíveis formas, levantar questionamentos, favorecer o protagonismo do estudante e criar possibilidades para o trabalho em grupo, tornando-o mais colaborativo (op. cit., 2008).

Concordamos que não faz sentido resistir às possibilidades que as tecnologias trazem ao campo educacional, principalmente ao ensino superior, porém, a instituição que aceita o desafio de incorporá-las à prática pedagógica, deve, antes de tudo, refletir sobre as possibilidades oferecidas e fazer uso dessas possibilidades mediante a opinião dos alunos.

No que tange algumas das desvantagens apresentadas com a utilização das TIC, percebemos pelas seguintes falas que os alunos ressaltaram a questão de não terem aprendido quase nada, o que representa um grave fator:

*E2 – Não observei vantagens. Acho que quando temos um contato mais direto com o professor aprendemos mais e não vi no fórum atividades que pudéssemos praticar mais, não só com exercícios mais também com atividades mais dinâmicas, jogos, vídeos, ou outras coisas desse tipo.*

*E4 – Não há diálogo com o professor, não houve a prática do inglês. Senti que não aprendi muita coisa, apesar de ter tirado boas notas.*

*E5 – A única vantagem foi a prova para contar como nota e passar na matéria, mas para a minha aprendizagem não percebi muitas vantagens por que não tive muito interesse em estudar.*

Percebemos que o aluno E2 ressaltou a necessidade de mais atividades dinâmicas de forma a favorecer sua aprendizagem da língua estudada, somente o fórum não proporcionou uma boa aprendizagem. Já o E4 sentiu falta de mais prática da língua e E5 demonstrou que não teve muito interesse em estudar, provavelmente pela falta de atividades mais dinâmicas que estimulassem sua vontade de aprender.

Sabemos das possibilidades das TIC na educação, porém não devemos abandonar a ideia de que seu uso pode não representar uma superação na transmissão de conhecimento se for utilizada como uma falsa vestimenta de inovação, ou seja, com a continuação de práticas antigas somente revestidas pelo uso do computador.

Percebemos que o espaço *online* de aprendizagem oferecido aos alunos da instituição pesquisada, não representa uma grande inovação em termos de processos de ensino e de aprendizagem, pois reproduz o mesmo discurso e modelo de uma educação presencial considerada como unilateral e massificante.

Esses ambientes vêm arquitetando espaços que privilegiam os aspectos informativos e instrutivos, em detrimento de aspectos construtivos, criativos, reflexivos e cooperativos, relacionados nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento humano (ARAÚJO, 2007, p. 507)

Não queremos aqui afirmar que todas as aulas presenciais sejam massificantes e unilaterais, mas concordamos com a ideia de que esse tipo de aula seja muito comum em várias instituições de ensino. Além disso, apoiamos a ideia de que se as tecnologias forem utilizadas para reafirmar esse tipo de aula não haverá contribuições inovadoras para a aprendizagem, será apenas mais um recurso.

Apesar do uso de tecnologia ter sido apresentado como fator de inovação por alguns alunos, observamos que a mesma não foi utilizada de forma satisfatória para a aprendizagem dos mesmos. Entendemos, porém que as tecnologias sozinhas não ensinam, precisam ser utilizadas com estratégias pedagógicas eficientes à aprendizagem com um acompanhamento de uma equipe pedagógica preocupada com a eficácia do uso das TIC.

### 3.3.1.2.2 *Feedback* imediato e interação com o professor:

Um dos aspectos destacados pelos alunos como fator de dificuldade de aprendizagem foi o *feedback*. Em EAD o *feedback* está relacionado a responder aos posicionamentos e questionamentos dos participantes em um fórum de discussão ou no correio eletrônico. Nessa modalidade, que prioriza a autoaprendizagem, o *feedback* é essencial para ajudar a aperfeiçoar a relação dos sujeitos com o conhecimento e com o grupo, ajudando-os a interagir socialmente e estimular e aprofundar as discussões sobre temas em estudo.

A falta de um *feedback* imediato pelo professor causou estranheza aos alunos, acostumados, no modelo presencial, terem suas dúvidas retiradas, na maioria das vezes, na hora. Observamos tal fato, dada as falas dos alunos abaixo:

A4 – *A ineficácia na troca de conhecimento, dada à demora na constituição de um diálogo.*

A8 – *No online as dúvidas não são retiradas de imediato, sendo às vezes não sanadas pelo esquecimento.*

A9 – *“Não ter o professor para perguntar na hora que surge a dúvida”.*

A11 – *Online - quase não temos contato com o professor, fica tudo muito solto. Presencial - conhecemos o professor e podemos tirar dúvidas na hora.*

A13 – *“O semi presencial só tem vantagens para a instituição, porque este professor não está na instituição para o cara a cara com o aluno ,um desenho feito, uma palavra dita tanto pelo professor quanto pelo aluno acaba muitas das vezes tirando as dúvidas, o que não acontece quando você faz online”.*

A13 – *Às vezes no momento em que o professor está falando, surgem as dúvidas e você pode debater com o seu colega uma dúvida que no momento você nem percebeu que existia, então temos um diálogo mais aberto e, portanto mais abrangente.*

A16 – *Tempo de espera de feedback do professor é um ponto mais inadequada(s) à situação de aprendizagem online.*

A16 – *A interação entre professores e alunos não ocorre em tempo real e por esse motivo o tempo de resposta fica muito comprometido no online.*

E3- *Na modalidade presencial você tem a presença do professor por mais tempo, as dúvidas podem ser tiradas na hora e na maioria das vezes, o professor passa a matéria e passa atividades....*

O entrevistado A4 afirmou demorar muito a resposta em relação à dúvida escrita no fórum, assim como o diálogo com o professor e os demais colegas de “classe”. Essa demora pode ocasionar o esquecimento da dúvida, como afirma A8 quando diz que “no *online* o aluno pode esquecer até mesmo da dúvida”, ou seja quando chega a resposta, não se lembre mais o que foi perguntado.

Ressaltamos aqui que os professores da instituição que ministram disciplinas *online*, devem acessar o fórum três vezes na semana (segunda, quarta e sexta-feira), nos horários de preferência, com isso pontuamos que se caso, um professor apenas acesse o fórum pela manhã e um aluno posta sua dúvida à tarde ou à noite, a resposta virá após quase 48 horas.

A falta do professor para retirar as dúvidas de imediato é também ressaltada por A9 e A11, quando afirmam que sentiram falta do professor para tirar as dúvidas na hora e que somente consegue tirar dúvidas com o professor na modalidade presencial, assim como a afirmação de E3. Essas falas ‘mostram’ que provavelmente o entrevistado A9 não utilizou o fórum para sanar suas dúvidas.

Já o aluno A13 é enfático ao afirmar que a modalidade semipresencial traz benefício apenas para instituição, já que para o aluno, o mesmo fica “prejudicado” por não ter como tirar as dúvidas de imediato com o professor, como ocorre na sala de aula na modalidade presencial e ainda completa dizendo que no *online* não consegue efetuar um diálogo mais aberto e mais abrangente com o professor e com os colegas de turma, de forma a sanar suas dúvidas.

Verificamos que o aluno se sente prejudicado em sua aprendizagem, pois necessita de retirar as dúvidas de imediato com o professor e com os outros alunos, pois para o mesmo isso facilita a aprendizagem. Similar à resposta do entrevistado A13, encontramos A16 que afirma ser o tempo de espera de um feedback no *online* inadequado a aprendizagem, pois não ocorre em tempo real.

Essa dificuldade apresentada pelos alunos se dá, uma vez que a instituição não utiliza recursos que possam facilitar a retirada de dúvidas em um menor espaço de tempo, como canais telefônicos, chats e/ou vídeo conferência, ou até mesmos uma quantidade maior de professores para cada disciplina. Esses recursos poderiam facilitar a resolução do problema, se não fossem turmas com quase 300 alunos; ou seja, uma turma grande inviabiliza qualquer trabalho sério.

Entendemos que a autoaprendizagem, nesse cenário, vem sendo utilizada como uma suposta resposta a um tipo de problema que, sem dúvida, só será resolvido quando a educação for pensada no contexto de uma política educacional mais abrangente.

Podemos perceber com as falas dos alunos que a falta de um rápido *feedback* é ocasionado pelo fato de não terem uma iteração satisfatória com o professor da disciplina e nem com os demais alunos.

A interação com o professor e com os colegas de turma aparecem no questionário e na entrevista também como fator importante para aprendizagem. Nas seguintes falas podemos observar:

*A2 – Falta de mais encontros com o professor.*

*A5 – Impossibilidade de interação com outros estudantes e com o professor em tempo real, no caso das disciplinas semipresenciais.*

*A6 – Não tive contato com o professor. Por não ter o professor cobrando atenção o tempo todo como acontece na sala de aula, no semipresencial é mais difícil de prestar atenção na matéria.*

*A7 – No presencial tem o professor e no online parece que não tem o professor, a gente não vê. Prefiro o presencial, pois tenho contato com o professor e com os colegas.*

*A11 – Prefiro o presencial, pois tenho contato direto com o professor e os colegas da turma.*

*A13 – Primeiro porque eu tenho pouca noção de inglês, somente o da escola, depois percebo que a presença do professor é fundamental, independente da disciplina a ser lecionada. Não possui o contato físico com os professores e com os colegas.*

*A14 – Única dificuldade era que tinham capítulos que não tinha aprendido antes e sendo sem um professor tive um pouco de dificuldade, porém fora isso tentei aprender pesquisando.*

O entrevistado A2 enfatizou a necessidade de mais contato presencial com o professor. Esse aluno provavelmente esteve presente em algum encontro presencial antes das avaliações, mas mesmo ciente de ser uma disciplina semipresencial, apresentou a necessidade de mais contato com o professor.

Salientamos aqui que nos encontros presenciais que antecedem às datas das avaliações são realizados aos sábados pela manhã, no horário de 08h30 as 10h30, porém, caso o professor da turma não possa comparecer, um professor substituto é chamado para poder retirar as dúvidas dos alunos que porventura não foram sanadas no

fórum. Há apenas três encontros e se o professor não estiver presente em um deles ou mais, o contato “físico” com o professor ocorre menos ainda.

Como a presença nos encontros presenciais não é exigida aos alunos, muitos não comparecem. Nesse caso, esses alunos que não comparecem não “conhecem” o professor. Como é o caso do A6 quando afirmou que: “Não tive contato com o professor”. Assim como A7 quando disse que: “No presencial tem o professor e no *online* parece que não tem o professor, a gente não vê”.

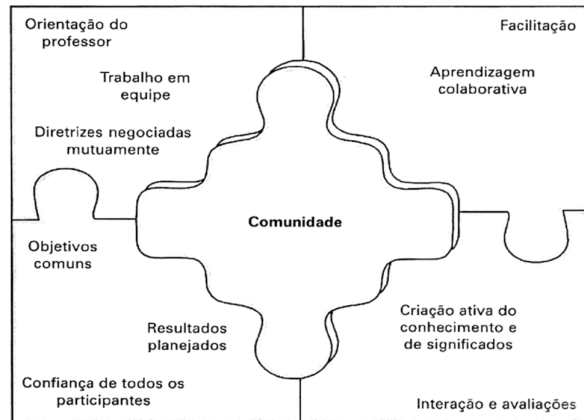
Verificamos que A13 e A14 afirmaram necessitar da “presença” física do professor e dos colegas para concretizarem a aprendizagem, sentiram falta dessa interação, que para eles é comum na modalidade presencial.

Segundo Vigotsky (1998), o desenvolvimento de atividades interpessoais possibilita mudanças cognitivas através da interação, com a consequente reelaboração e reconstrução das ideias. Nesse sentido, no processo interativo e social as ideias postas são elucidadas resultando em novas concepções, em avanços em termos de proposições, sínteses, teorias, hipóteses, aplicáveis em contextos diversos.

O debate on-line pautado nesses princípios pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e das atitudes colaborativas requeridas pela aprendizagem on-line. Nesse sentido, dar um feedback construtivo que não se resume ao “concordo” ou “discordo”, deve contribuir para o ato de aprender dos sujeitos participantes. Isso requer sujeitos ativos e propositivos, que no debate em rede saibam não só propor, perguntar, mas também responder (dar feedback) concordando, indagando, problematizando, discordando, questionando, generalizando, esclarecendo, sintetizando ou aprofundando o tema, estendendo-o a outros campos do saber. (LINDEN, 2005, p.26).

O desenvolvimento da aprendizagem interativa requer ação humana voltada para definição de estratégias de participação, a começar pela identificação dos participantes, avaliação e integração de informações. Requer metodologias que possam situar o aluno no centro do processo educacional e levar o professor a tornar-se um “provocador cognitivo”, facilitador, avaliador e mediador de significados (PALLOFF e PRATT, 2004).

A [imagem abaixo - “Estrutura para a aprendizagem a distância”](#), ilustra a estrutura as articulações que podem ser estabelecidas em uma comunidade virtual de aprendizagem.



Fonte: Palloff e Pratt (2004)

Percebemos que com a orientação do professor, há uma ‘facilitação’ para ocorrer a aprendizagem, em especial a colaborativa (trabalho em equipe), ou seja, o professor pode favorecer a interação entre os alunos de forma a ocorrer a criação ativa do conhecimento e assim alcançar os objetivos propostos, que é o da aprendizagem.

Os autores (*op. cit.*, 2004) sugerem algumas técnicas de *design* instrucional centradas no aluno para apoiá-lo na educação *online*, relacionadas ao acesso; habilidades comunicativas; abertura; comprometimento; colaboração; reflexão e flexibilidade.

São técnicas que instrumentalizam o professor para ajudar o aluno a entender o importante papel que ele desempenha no processo de aprendizagem e o ajudam a se situar no seio de uma comunidade de aprendizagem on-line.

Entendendo que uma comunidade virtual representa o veículo através do qual ocorre a aprendizagem colaborativa na sala de aula virtual, os participantes dependem uns dos outros para que a comunidade cresça e os objetivos sejam alcançados. Nesse ambiente, “os professores promovem um sentido de autonomia, iniciativa a criatividade, ao mesmo tempo em que incentivam o questionamento, o pensamento crítico, o diálogo e a colaboração.” (BROOFILD, 1995, *apud* PALLOFF e PRATT, 2002)

Além de promover a aprendizagem, a comunidade virtual promove conexões sociais entre os participantes, e embora o professor e os tutores sejam os incentivadores desse processo ele só acontece se houver efetiva participação dos alunos. Se o aluno não se envolver no processo, sua aprendizagem será prejudicada:

A3 – Não tive contato, não fui aos encontros presenciais e entrei no fórum, somente algumas vezes antes das provas para verificar se tinha alguma coisa diferente.



Com a fala de A3, percebemos que o próprio aluno afirma não ter participado ativamente das atividades propostas na disciplina, como é o caso dos encontros presenciais antes das avaliações para retirada de dúvidas e comentários no fórum, porém em ambos não é exigida a participação dos alunos, os mesmos ficam a vontade em participarem ou não.

O modelo apresentado por Palloff e Pratt (2002) parece funcionar em ambientes em que o professor estimula a aprendizagem colaborativa. No entanto, na instituição pesquisada não há qualquer estímulo por meio da plataforma *online*, uma vez que só é disponibilizado o recurso de fórum, cuja participação compete a esclarecimentos de dúvidas e comentários das mensagens. Porém muitos alunos não participam, alegando (alguns) que não são atividades que valem pontos.

### **3.3.1.3 Percepção dos alunos sobre a oferta da disciplina semipresencial:**

Baseando-nos pelas falas dos alunos no que compete suas opiniões a respeito da oferta da disciplina semipresencial, dividimos essas falas em três grupos: os que comentaram valorizaram a modalidade, os que não viram vantagem na disciplina e os que apontaram sobre quem tem mais a ganhar com a oferta da disciplina na modalidade semipresencial.

#### **3.3.1.3.1 Vantagens e desvantagens para a aprendizagem**

Observamos que os alunos A1, A10 e A12 acham que as disciplinas semipresenciais apresentam vantagens para a aprendizagem, em especial A10 que se identificou com a modalidade.

*A1 – As disciplinas semipresenciais ajudam no complemento das demais matérias e também agregam conhecimento.*

*A10 – Não encontrei nenhuma dificuldade. Acho que seria uma boa aluna a distância.*

*A12 – Acho que a semipresencial tem tudo para dar certo, apesar de ter que contar com a vontade dos alunos.*

Para os alunos A3 e A4 a disciplina ofertada na modalidade semipresencial não apresentou vantagens para a aprendizagem.

*A3 – Acho um pouco chata. Só ajuda para eliminar carga horária, pois vale três créditos.*

*A4 – Enxergo que isto é uma exigência feita pelo Ministério da Educação. Eles possuem todo um embasamento pedagógico, entre outros. Mas como aluno se torna um tanto complicado a compreensão. Penso ser muito conturbada a maneira com que é feita a oferta destas disciplinas. Acredito que poderia ser tratada de uma forma menos obrigatória, até mesmo, por parte das instituições que as utilizam. Pois a maneira como é feita deixa o aluno receoso e relutante quanto a modalidade. Particularmente não me agrada.*

O discente A3 enfatiza que quem cursa a disciplina só tem a ganhar em relação a eliminação de créditos na carga horário do curso, já que vale 66 horas (disciplina de três tempos). Para A4, as instituições utilizam a modalidade semipresencial dada à exigência do MEC. Apesar do aluno entender como exigência, as portarias que ‘liberam’ a modalidade semipresencial não a coloca como exigência, haja visto que, de acordo com o Art. 1º da Portaria nº 4.059 consta que:

*Art. 1º. As instituições de ensino superior poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem a modalidade semi-presencial, com base no art. 81 da Lei n.9.394, de 1.996, e no dispositivo desta Portaria.*

Fica claro que nesse artigo da Portaria, não há exigências, já que afirma que - as instituições de ensino superior poderão introduzir a modalidade semipresencial – não consta, portanto, a afirmativa de que as instituições devem introduzir a modalidade.

Na fala de A4, podemos ainda encontrar a dificuldade apresentada pelo aluno na compreensão da disciplina nessa modalidade que é colocada como uma obrigação para o aluno estudar. O próprio aluno reconhece que a imposição da modalidade sem um devido preparo, por parte da instituição aos seus alunos, faz criar nos discentes um receio em relação à modalidade semipresencial, que ainda é uma novidade para eles.

Os alunos A5 e A7 teriam aprendido mais e melhor se a disciplina Noções de Inglês tivesse sido ofertada na modalidade presencial. Para os discentes:

*A5 – Acredito que a língua inglesa é muito complexa para ser ofertada no módulo semipresencial, porém, como eu já havia feito um curso básico de inglês, não foi difícil alcançar a aprendizagem proposta pela instituição. Já a questão da modalidade semipresencial, acho que a oferta é válida, porém deveria ser reformulado o método de avaliação.*

*A7 – Se a disciplina tivesse sido presencial, acho que eu tiraria mais proveito, ia aprender mais.*

Não encontramos na literatura autores afirmando ser melhor aprender uma língua no presencial ou no *online*, apenas encontramos afirmações de que com a tecnologia a aprendizagem de uma LE pode ser favorecida por meio, por exemplo, de recursos tecnológicos audiovisuais.

Nenhum outro recurso, no entanto, provocou um impacto maior do que o computador pessoal: hoje, além da possibilidade de interação com textos e gráficos gerados por ele, há também uma combinação possível entre sons e imagens analógicas e digitais (MORAN, 1998).

Ocorre, porém, que, para a maioria dos usuários da Internet, o uso que se faz dela e do computador ainda é bastante restrito. No contexto educacional virtual atual, a linguagem verbal ainda é a mais utilizada e nesse contexto, percebemos que as possibilidades técnicas ficam também restritas.

Apesar dessas restrições, as atividades instrucionais podem se centrar em uma aprendizagem ativa, construtiva, intencional e cooperativa de forma a resultar em um aprendizado mais significativo. Concordamos, porém, com o estudo de Jonassen *et al.* (1999) que afirma que a tecnologia pode ser usada no processo de aprendizagem como ferramenta, veículo de informação, cenário, meio social e, ainda, parceira intelectual.

### **3.3.1.3.2 Quem mais sai ganhando na oferta da semipresencial**

Quanto ao grupo de alunos que apresentaram suas opiniões a respeito de quem mais sai ganhando com a modalidade semipresencial, destacamos as falas de A11, E1, E3 e E5:

*A11 – Para instituição há mais vantagens, pois paga um professor só para vários alunos e sem gastar sala de aula, para os alunos e os professores não e para minha formação profissional mais ou menos, pelo menos vou ter tido contato com algum material básico de inglês.*

*E1 – Sinceramente, há ganho para todos. A instituição obtém um gasto menor ao pagar um professor tutor da disciplina. O professor, não necessita estar presente na instituição para lecionar a disciplina, podendo até, ter mais um dia de aula em sua carga. O aluno, ganha na flexibilidade de estudo para tal disciplina. Mas ao meu ver quem obtém maior ganho é a instituição.*

*E3- Todos têm a ganhar. A instituição pois segue a legislação, eu acho, e com isso pode ser bem avaliada. O professor, tem menos a*

*ganhar, por que acho que tem mais alunos no semipresencial, mas em compensação não fica na sala de aula o tempo todo. E o aluno que estuda quando e onde quiser, se tiver internet e se quiser também por que não é forçado.*

*E5 – A faculdade ganha mais tem mais economia de energia, paga um professor para muitos alunos, fica com mais salas de aula disponíveis, mas o professor e o aluno não ganha mito. Acho que o professor trabalha mais e o aluno tem que aprender a estudar sozinho.*

Encontramos em A11 e E5 a afirmação de que a instituição é a que mais ‘sai ganhando’ pela oferta da modalidade semipresencial. De acordo com esses alunos, a instituição paga apenas um professor para vários alunos, fica com mais salas de aulas disponíveis para as demais disciplinas presenciais e isso, possivelmente possibilita à faculdade oferecer mais vagas para os cursos, pois terá conseqüentemente maior espaço físico.

Para E3 a instituição também teria o que ganhar com as avaliações do MEC, já que ‘oferece’ a modalidade semipresencial, porém essa visão se mostra um pouco ingênua frente às reais necessidades de economia com professores e com o espaço físico da instituição. Não há critérios que demonstrem que uma instituição que oferece a modalidade semipresencial tende a ser melhor ‘avaliada’ em relação a uma que não tenha aderido à proposta.

Na questão que compete ao corpo docente das disciplinas semipresenciais, observamos que os alunos E3 e E5 apontam que os professores têm menos a ganhar, já que possuem turmas mais numerosas na modalidade semipresencial, trabalhando, consecutivamente, mais.

Já para E1, o professor tende a ganhar com a modalidade, pois não precisar estar presente na faculdade para dar aulas. Essa visão nos mostra que ainda há a crença de que professores apenas ‘trabalham’ quando estão na instituição que lecionam, desconsiderando a preparação das aulas, correções trabalhos e provas e acompanhamento da aprendizagem como um todo, como parte integrante da função dos professores e que são realizadas, na maioria das vezes fora do espaço escolar.

As instituições que aplicam a modalidade semipresencial ultrapassando os 20% da carga horária da disciplina, deve se preocupar com as reais necessidades de seus alunos, reconhecendo, de acordo com Paul (1990 *apud* BELLONI, 2012) que: a) a separação entre professor e aprendente e a produção de materiais praticamente empacotados colocam o enfoque para a instituição e seu *staff* e não sobre o currículo do

aluno; b) os pacotes pré-preparados dos materiais de apoio exercem uma autoridade indevida para muitos alunos que se tornam conseqüentemente menos aptos a questionarem o que aprendem; c) os cursos ou disciplinas em geral fornecem os materiais de referência prescritos, prontos o que parece lógico para os alunos, porém, muitas das vezes, não os estimula a buscar suas próprias fontes e com isso não desenvolvem sua biblioteca pessoal.

Percebemos, com o exposto acima que uma instituição que utiliza a semipresencialidade deve planejar suas ações não com base somente na organização das disciplinas e alocação de professores para auxiliar em uma suposta economia de espaço e sim planejar suas ações voltadas realmente para alcançar o objetivo da aprendizagem de seus alunos utilizando os recursos tecnológicos que facilitem esse alcance com a devida orientação de profissionais capacitados para tal orientação.

Um grande desafio a ser enfrentado pelas instituições que oferecem o ensino *online* está mais relacionado a uma questão de “ordem socioafetiva do que propriamente a conteúdos ou métodos de cursos; mais a estratégias de contato e interação com os estudantes do que a sistemas de avaliação e de produção de materiais” (BELLONI, 2012 p. 48). Além disso, a autora completa afirmando que:

Se a motivação e a autoconfiança do aprendente são condições *sinequa non* do êxito de seus estudos, o primeiro contato com a instituição é crucial. Informações claras e honestas (e não de *marketing* e publicitárias) sobre os cursos e seus requisitos, oferta de cursos de preparação e nivelamento para aqueles que necessitam, serviços eficientes de informação e de orientação são básicos para assegurar o ingresso e a permanência do estudante no sistema (BELLONI, 2012 p. 48).

Observamos que se a instituição se propor a oferecer os serviços acima apontados , haverá uma melhor qualidade de oferta no que se refere às disciplinas semipresenciais e assim os alunos poderão se sentir mais ‘acompanhados’ no seu processo de aprendizagem, pois a instituição se mostrará preocupada com isso.

### **3.3.1.3.3 Preferência dos alunos**

Nas falas abaixo podemos perceber a preferência dos alunos por uma das modalidades, o que percebem de diferença entre uma modalidade e outra e suas opiniões.

Destacamos as falas de A1 e A10 que mostram suas preferências pela modalidade *online*. Esses apontam que podem estudar quando querem, mas A10 se coloca como minoria, pois possivelmente se baseio na opinião da maioria de seus colegas de curso que devem ter demonstrado certa rejeição à modalidade *online*.

*A1 – Apesar das diferenças entre o presencial e o online, eu prefiro o online pois eu estudo quando eu quero.*

*A10 – Prefiro o online, mas acho que sou minoria.*

Já para os alunos A3, A4, A5, A7 e A13 a preferência está na modalidade presencial. Representam, portanto, dentro do universo pesquisado, a maioria dos alunos que demonstram a preferência pela modalidade que já estão acostumados a estudarem desde a educação básica.

*A3 – A presencial, ao meu ver, vai continuar sendo a melhor.*

*A4 – Acho um pouco chata (modalidade online). Só ajuda para eliminar carga horária, pois vale três créditos. ... a maneira como é feita deixa o aluno receoso e relutante quanto a modalidade. Particularmente não me agrada.*

*A5 – Acredito que independentemente das diferenças e da minha preferência pelo ensino presencial, o ensino online satisfaz a necessidade de um grande público.*

*A7 – Prefiro o presencial, pois tenho contato com o professor e com os colegas.*

*A13 – Preferiria a disciplina presencial. O semipresencial só tem vantagens para a instituição.*

Observamos que A3 afirma que a presencial continuará sendo a melhor. Acreditamos que este aluno, provavelmente considera a presencial melhor por tê-la como única experiência de sua vida acadêmica quanto a uma modalidade de ensino *online*. Já para A4, a modalidade semipresencial ficou configurada como chata, entediante, pois a maneira como foi oferecida não o agradou. Possivelmente a forma pela qual o aluno faz referência se baseia na questão de pouca ou quase nenhuma interação e à falta de atividades dinâmicas.

Considerando o fato da falta de interação, encontramos em A7 essa referência quando afirma que prefere a presencial, pois possui contato com os professores e com os colegas de classe, configurando, portanto, sua necessidade de interação.

Percebemos, pela fala de A5 que o mesmo, apesar de mostrar sua preferência pelo presencial, afirma que o semipresencial satisfaz as necessidades de tantos outros

alunos, que provavelmente não contam com tanto tempo para assistir aulas nos horários fixados pela instituição e por terem, possivelmente, uma maior familiaridade com o computador e a Internet no que se refere à sua aprendizagem, ou seja, já utilizam esses recursos com tal finalidade.

Já A13 afirma que sua preferência é pela oferta da disciplina Noções de Inglês na modalidade presencial e ainda completa que a única vantagem dessa oferta está somente relacionada à instituição. Consideramos, porém que na visão deste aluno, somente a faculdade teria a ganhar com a modalidade semipresencial, porém, como comentado no item anterior, acreditamos que a esta modalidade tem muito a oferecer aos alunos e docentes, se for oferecida de forma consciente e justa, ou seja, sem a superlotação de turmas e com recursos que facilitem o ensino do professor e que estimulem a aprendizagem de seus alunos, além de uma avaliação constante dessa oferta, sendo avaliada tanto pelos docentes quanto pelos alunos.

Esses alunos ressaltam a afirmação de que os indivíduos possuem estilos de aprendizagem diferentes. Como podemos perceber os alunos apontaram suas preferências em relação à modalidade de ensino, ou seja, aquela que mais facilita sua aprendizagem.

A preferência e a utilização de estilos de aprendizagem também se enquadram no estudo de uma língua estrangeira, quando o aluno seleciona o melhor estilo, ou seja, aquele que lhe facilita o processo de aquisição da nova língua.

Em relação ao estudo de LE, Dunn, R., Griggs, Olson, Gorman e Beasley (1995, p.62), afirmam que:

Quanto mais o estilo de aprendizado dos alunos se assemelha ao estilo de ensino dos professores, maiores também se tornam o nível de aproveitamento do aluno e os patamares de aprendizagem alcançados.

Afirmamos, pois que os professores devem facilitar as diversas formas de aprendizagem por meio de diversas estratégias de ensino, estimulando todos os seus alunos, por meio de diferentes atividades, em qualquer modalidade de ensino.

Acreditamos que existem algumas circunstâncias que favorecem o aprendizado de uma língua, como já comentados anteriormente. Essas circunstâncias dizem respeito à faixa etária de quem aprende, considerando que quanto mais jovem for o indivíduo, a aquisição da LE será possivelmente mais fácil (não estamos aqui considerando essa circunstância como regra, mas considerando que é um fator que não podemos desconsiderar).

Além disso, outra circunstância que se configura nas observações de Dunn, R., et al (1995) é a frequência com que a língua é falada e ouvida pelo aluno, ou seja quanto maior a frequência do contato com a língua, melhor para o aprendizado. Outro ponto analisado e considera por nós como o mais importante é a motivação, entendendo que quando o aluno possui motivação para aprender, isso certamente o auxilia.

Retomando as preferências e diferenças apontadas pelos alunos, entre as modalidades, destacamos a fala de A15 que demonstra que a preferência da seleção de disciplinas semipresenciais, se dá por meio da suposta análise daquela que precisa de mais pesquisa:

*A15 – Acho o ensino semipresencial uma opção válida para matérias que exijam mais pesquisa do que teoria.*

Ressaltamos aqui o fato do aluno desconhecer o fenômeno, pois ele afirma que o ensino semipresencial é uma opção válida para as disciplinas que exigem mais pesquisa. Chamamos de desconhecimento, porque acreditamos que os alunos devem realizar pesquisas, de forma a expandir o conhecimento, em todas as disciplinas, principalmente em disciplinas de LE.

Segundo Alonso e Galego (2000), pesquisa é importante, pois, no processo de assimilação, a mente explora o ambiente e toma parte dele, assimila o mundo exterior mediante um processo de percepção e interpretação e o transforma e incorpora a si mesmo, em sua própria estrutura. A mente possui esquemas de assimilação, que desenvolve de acordo com o ambiente e seus estímulos.

Sabemos que no ambiente *online* a pesquisa sobre determinado assunto pode ser feita de maneira imediata, principalmente com os hipertextos cuja possibilidade de pesquisa é ampliada, já que os mesmos possuem *links* para diversos outros *sites* de pesquisa, porém alguns alunos ainda não compreenderam esse ambiente dicotômico de ensino-aprendizagem. Quanto à isso, D'Ávila (2006) salienta que o aluno de buscar pesquisar e problematizar o conhecimento, enfim, deve contextualizar, descobrir. E acrescenta que “as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) devem apoiar a aprendizagem construtiva do aluno através das diversas interfaces de que dispõe do saber (*op. cit.*, 2006, p.99).

Concordamos que as tecnologias devem apoiar a aprendizagem construtiva do aluno e que há a necessidade de pesquisa em todas as modalidades de ensino por parte do aluno de forma a favorecer seu processo de construção do conhecimento.



#### **3.3.1.3.4 Sugestões para a oferta da disciplina na modalidade *online*:**

Alguns alunos apresentaram sugestões para a oferta da disciplina e consideramos importante comentá-las já que a proposta foi ouvir os participantes da modalidade. Dentre as sugestões apresentadas, destacamos as que estão presentes nas seguintes falas:

*E1 – Uma plataforma mais eficiente. Não somente um ambiente de discussão, e sim, um ambiente onde possa haver uma interação mais real. Por se tratar de uma disciplina de idioma estrangeiro, a pronúncia é crucial para o manuseio correto de todo o conhecimento teórico.*

*A4 – O programa da disciplina deve ser elaborado de maneira coesa com relação à plataforma utilizada e o desenvolvimento da disciplina junto aos alunos.*

*A12 – Poderia ter mais atividades no site, além da apostila e do fórum.*

*A14 – O portal de aprendizagem poderia ser melhor, poderia ter vídeo aulas e encontros mais frequentes.*

Observamos que E1 ressalta a importância de uma plataforma que seja mais atraente e eficiente que proporcione uma maior interação entre os alunos e professores, além de conter mais atividades a fim de desenvolver outras habilidades da língua estrangeira. Concordando com a fala de E1 temos as de A4, A12 e A14 que consideram a importância de realizarem atividades diversificadas para que aprendam mais e melhor.

Os alunos, no entanto, sugerem atividades de pronúncia, para facilitar uma comunicação mais eficiente; vídeo aula, possivelmente para estudarem com apoio da aula ministrada pelo professor e por ser um recurso que possibilita ao aluno assistir quantas vezes desejar a mesma aula. Além dessas atividades, o aluno A14 sugere encontros mais frequentes, apontando que, a quantidade de encontros oferecida na disciplina não é suficiente.

Nos estudos de Menezes (2010, p. 327-361) a autora apresenta alguns recursos que foram utilizados para facilitar a aprendizagem do inglês no ciberespaço. Como exemplo, Menezes (2010) cita o “E-Groups” – “serviço de e-mail gratuito que permite a criação e a filiação a grupos de discussões” que oferece também o serviço de armazenamento e gerenciamento de arquivos, controle das atividades em grupo com datas marcadas no recurso *Calendar*; há também a opção de *chat* em salas mais providas. Além desse há o WebQuest – “ambiente que envolve grupos de alunos que

trabalham juntos para resolver uma situação-problema presente na tarefa (*quest*) proposta” (*op. cit.*, 2010 p. 327-361).

Existem outros ambientes virtuais de aprendizagem, destacados por Carlini e Tarcia (2010) como por exemplo o Moodle<sup>9</sup> e o ambiente proprietário (não livre) Blackboard<sup>10</sup>. Além desses, há outros ambientes cujas as autoras também destacaram, a saber:

- E-Proinfo: software livre que consiste em um ambiente colaborativo de aprendizagem desenvolvido pela Secretaria de Educação a distância do MEC;
- AVA: ambiente virtual de aprendizagem desenvolvido pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos);
- AulaNet: software LMS (*Learning Management System*) desenvolvido no laboratório de Engenharia de Software do Departamento de Informática da PUC-Rio (MENEZES, 2010, p.161-162).

Continuando com as sugestões dos alunos, temos as de E2, E3 e A5 que sugerem uma avaliação mais cuidadosa, ou seja, menos facilitada.

*E2 – Poderia ter um pouco mais de dificuldade pois as respostas ficam muito na cara e facilita muito ao aluno, por ser assim alguns alunos fazem de qualquer maneira essas disciplinas.*

*E3- Tem que melhorar a avaliação e colocar a disciplina como semipresencial e presencial e aí o aluno escolhe qual a forma que quer estudar. Acho que o semipresencial não dá muito certo.*

*A5 – Acredito que a língua inglesa é muito complexa para ser ofertada no módulo semipresencial, porém, como eu já havia feito um curso básico de inglês, não foi difícil alcançar a aprendizagem proposta pela instituição. Já a questão da modalidade semipresencial, acho que a oferta é válida, porém deveria ser reformulado o método de avaliação.*

---

<sup>9</sup>Moodle é a abreviação de Modular Object-OrientedDynamic Learning Environment. É um software livre criado pelo educador e cientista computacional Martin Dougiamas em 2001. Encontra-se disponível em diversos idiomas, inclusive em português. É utilizado pelas instituições para a mediação dos processos de aprendizagem de cursos a distância ou semipresenciais (MENEZES, 2010).

<sup>10</sup> O Blackboard, assim como o Moodle, também é um dos ambientes virtuais de aprendizagem mais utilizados no mundo. Foi criado em 1997. Para ser utilizado, deve ser instalado em um computador, após adquirir as licenças, já que é um software proprietário (cuja cópia, redistribuição ou modificação são, em alguma medida restrita pelo criador ou distribuidor) (MENEZES, 2010).

Para A5 além da necessidade de reformulação da avaliação, o aluno coloca que a língua inglesa é “complexa para ser ofertada na modalidade semipresencial”. Confrontamos essa ideia com a prática de vários cursos de inglês online existentes. Consideramos que o ambiente online pode favorecer a aprendizagem de qualquer disciplina, desde que essa aprendizagem seja bem acompanhada e orientada.

Para E3, além de melhorar a avaliação, o aluno sugere que a disciplina fosse ofertada nas duas modalidades e os alunos tivessem a opção de escolher a modalidade que quisessem estudar. Temos ciência que isso implicaria na organização da instituição.

Apesar da proposta da disciplina ser ministrada de forma online com encontros presenciais, percebemos que faltaram atividades utilizando diversificados recursos a fim de facilitar a aprendizagem das habilidades necessárias no aprendizado de uma LE. A esse respeito E4 salienta que a disciplina poderia ter oferecido atividades que trabalhasse a audição, a escrita e a oralidade.

*E4 – Acho que a disciplina podia ter sido dada no modelo de cursinhos de inglês, na forma presencial, trabalhando com a audição, a escrita e a parte oral. Assim ia ficar mais fácil a compreensão da matéria e por se tratar de noções de inglês, a gente tinha que ter falado mais em inglês para praticar a língua.*

A sugestão de A4 é bem parecida com a de E4 no que tange a questão de se desenvolver outras habilidades, porém A4 enfatiza que esse desenvolvimento pode ser favorecido com a utilização de recursos tecnológicos.

*A4 – Por se tratar de uma língua que, muitas vezes, a pronúncia é bem diferente da escrita, penso que a oferta desta disciplina na modalidade semipresencial deve usufruir de um aporte muito bem elaborado. Ou seja, ferramentas que possibilitem uma troca de informação entre aluno e professor muito além da forma escrita.*

Percebemos uma visão bem insatisfeita sobre a modalidade semipresencial oferecida pela instituição em tela. Essa insatisfação se deu, de acordo, com a fala de E5 pelo fato do aluno ter se matriculado em um curso presencial e ser “obrigado” a estudar a disciplina de forma *online*. Para este aluno, a instituição não deveria impor aos alunos as disciplinas semipresenciais. Lembramos que para o aluno se formar no seu curso, deve cursar as disciplinas presentes na matriz curricular que compreende parte da carga horária com disciplinas semipresenciais, ou seja, se o aluno não cursar pelo menos três disciplinas semipresenciais, ele não se forma.

*E5 – Tinha que ser opcional para o aluno participar, por que eu me matriculei num curso que é presencial, se eu quisesse ter aula a distância eu teria me matriculado num curso a distância, só que a faculdade impõe a fazer a matéria se não você não consegue fechar a carga horária do curso, aí fica difícil. Somos obrigados a fazer uma coisa, a estudar de uma forma de no meu caso, eu não tenho afinidade.*

Entendemos que os alunos da graduação que se matriculam em cursos presenciais, a semipresencialidade pode apresentar uma certa resistência, pois foge, a princípio, do modelo em que estudaram a vida toda, porém entendemos aqui que ela oferece o contato com as TIC que podem favorecer e muito a aprendizagem, dependendo, obviamente da maneira como são utilizadas.

*E4– Sim, acho que seria melhor essa disciplina ter sido presencial, mas com poucos alunos na sala, se tivessem muitos, não adiantaria nada. No semipresencial tem muita leitura, isso é importante, mas fica chato, além de ser muita coisa para imprimir.*

Assim como E5, E4 também sugere que a disciplina seja ofertada na modalidade presencial, mas em contrapartida, compreende que se a mesma for oferecida com muitos alunos em sala de aula, de nada adiantará. Concordamos com este aluno no fato de que a superlotação em salas de aula tanto presencial quanto virtual não favorece um ensino com qualidade e, conseqüentemente, uma aprendizagem eficiente.

## CAPÍTULO IV

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se temos dificuldades no ensino presencial, não as resolveremos com o virtual. Se nos olhando, estando juntos, temos problemas sérios não resolvidos no processo de ensino-aprendizagem, não será “espalhando-nos” e “conectando-nos” que vamos solucioná-los automaticamente (MORAN, MASETTO, BEHRENS, 2007, p. 57).

A oferta dos 20% a distância em cursos presenciais apresenta desafios específicos tanto para a gestão quanto para as estratégias metodológicas da EAD. Em cursos integralmente a distância, o aluno faz a escolha por esta modalidade. No caso da oferta dos 20% em cursos presenciais, o aluno lida com a EAD sem ter feito esta escolha. Isso configura uma relação muito diferente do aluno com a modalidade, marcado por mais resistência e menor interesse. Foi o que observamos na análise dos dados realizada nesta pesquisa.

Retornaremos, porém, neste capítulo, às questões de estudo propostas de forma a apresentarmos nossas considerações sobre o que observamos nas falas dos alunos. As questões propostas foram: a) Que diferenças os alunos estabelecem entre as modalidades presencial e *online*? b) Quais as vantagens e dificuldades que os alunos encontram no ensino da disciplina Noções de Inglês na modalidade semipresencial? c) Como os alunos se posicionam a respeito da oferta da modalidade semipresencial no seu curso que é presencial?

Considerando as diferenças destacadas pelos alunos entre a modalidade presencial e a modalidade *online*, observamos que esses discentes consideraram como uma das mais relevantes o uso da tecnologia, que não poderia ficar de fora da observação já que a ideia da modalidade semipresencial é a utilização de tecnologias próprias da EAD.

Vale lembrar que, como podemos identificar no Artigo 1º, parágrafo 1º da Portaria nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, a modalidade semipresencial é caracterizada como sendo qualquer atividade didática, módulo ou unidade de ensino e aprendizagem centrados na autoaprendizagem e com a mediação de recursos didáticos

organizados em diferentes suportes de informação que usem tecnologias de comunicação remotas.

Após essa explanação, é importante destacar que a principal diferença apontada pelos alunos foi a questão da organização do tempo por parte do discente, ou seja, relataram que o tempo dedicado ao estudo é diferente na modalidade online em relação à presencial. A fala abaixo resume bem essas diferenças apontadas:

*A5 – Ensino online – principal método é a tecnologia – possibilidade de fazer o seu próprio horário de estudo – exige mais disciplina e organização. Ensino presencial – métodos de ensino tradicionais – possibilidade de interação com outros estudantes e com o professor em tempo real.*

Entretanto, observamos, que, à medida que avançam as tecnologias de comunicação virtual, o conceito do que é presencial também muda. Os conceitos de curso, de aula, são também alterados. Muitos ainda compreendem por aula, um espaço e um tempo determinados, porém esse tempo e esse espaço estão cada vez mais flexíveis e os alunos compartilham dessa percepção. A exemplo disso temos:

*E5 – As principais diferenças que acho que tem, tem haver com o contato de forma diferente com o professor e com os colegas. Outra diferença é a de estudar, uma é no computador e outra na sala de aula. O tempo é diferente também.*

Observamos que os alunos possuem noção de que o tempo é diferenciado no ensino *online*. Além disso, muitos alunos assim como E5, comentaram sobre a questão do contato com os professores e outros alunos.

*A11 – Online – quase não temos contato com o professor, fica tudo muito solto. Presencial – conhecemos o professor e podemos tirar dúvidas na hora.*

*A16 - No online não há contato direto com os outros alunos. Não há a presença física do professor...*

Apesar de haver afirmativas de que com as TICs a interação pode ocorrer de forma mais dinâmica, isso não foi concretizado no modelo apresentado pela instituição, já que os alunos não configuraram essa interação como vantajosa, afirmaram que a mesma foi quase inexistente.

Sabemos que a interação entre professor e aluno é diferente no ambiente online e isso configura um aspecto complexo à EAD. Para Belloni (2012 p.58), a interação entre docente e discente “ocorre de modo indireto no *espaço* (a distância, descontígua) e no *tempo* (comunicação diferida, não simultânea), o que acrescenta complexidade ao já bastante complexo processo de ensino e aprendizagem na EaD”.

Afirmamos aqui que um contato regular e eficiente entre professores e alunos é de fundamental importância, ou seja, acreditamos que uma interação satisfatória propicia ao aluno um grande estímulo à sua aprendizagem.

E complementamos com a afirmação de que, a rigor, os problemas ocasionados pela “separação no espaço (descontiguidade) podem ser mais facilmente superados por sistemas eficientes de comunicação pessoal simultânea ou diferida entre os estudantes, tutores e professores e entre os próprios alunos” (BELLONI, 2012 p.59).

Acreditamos que a superação dessas dificuldades exige uma escolha e um planejamento cuidadosos dos recursos tecnológicos a serem utilizados pela instituição. Não devemos nos prender somente às facilidades tecnológicas disponíveis e às condições de acesso dos alunos a essas tecnologias selecionadas, mas devemos, sobretudo, nos importar com a eficiência do uso dessas tecnologias em conformidade com os objetivos pedagógicos e curriculares, entendendo como um dos objetivos pedagógicos o desenvolvimento da autonomia do aluno e como objetivos curriculares, os conteúdos e metodologias de ensino.

Fazemos referência ao planejamento cuidadoso quanto à escolha das tecnologias, de forma a favorecer a motivação dos alunos para que a interação ocorra de forma mais dinâmica, tanto em relação ao contato com o professor quanto ao contato com as informações, ou seja, com os conteúdos da disciplina. Esse planejamento se faz necessário para evitar esse tipo de percepção:

*A4 –No online o aluno passa a ser o ator mais importante na construção do saber, porém as aulas são menos dinâmicas. A troca de informação é mais lenta em relação ao presencial, ou seja, menos dinâmica, porém oferece mais flexibilidade ao aluno no momento do estudo...*

A partir desta fala encontramos a questão da flexibilidade que o aluno possui de estudar, como uma vantagem. E com ela, encontramos também, de forma resumida, as desvantagens que foram abordadas de forma geral pelos demais alunos. Como

desvantagens, apontamos a falta de um *feedback* imediato pelo professor e a falta de interação dos alunos com o professor e dos alunos com os demais alunos.

Mediante isso, retornamos a outra questão de estudo proposta que é: Quais as vantagens e dificuldades que os alunos encontram no ensino da disciplina Noções de Inglês na modalidade semipresencial?

Como vantagem os alunos apontaram o uso das tecnologias, afirmando ser uma boa oportunidade de se ter contato com elas para fins educacionais, além de uma atualização para o mercado de trabalho;

A11 – *Aprendemos a lidar com a Internet para geração de conhecimento.*

A13 – *Pelo menos há o uso do computador com mais frequência o que estabelece um contato com o mundo digital.*

Observamos que as TICs quando utilizadas em favor da educação, de forma responsável, com o apoio da Internet, pode servir de grande fonte de aprendizagem e facilita as construções colaborativas do conhecimento.

A utilização da Internet, apesar de ter sido apontada por alguns alunos como fator de inovação, isso não configurou, para muitos, em aprendizagem. Portanto, como desvantagem, temos o uso inconsistente da tecnologia.

As desvantagens apontadas foram: falta de *feedback* imediato, falta de interação com os professores e alunos e falta de atividades diversificadas para facilitar a prática do inglês em relação as habilidades necessárias para o aprendizado eficiente da língua.

No caso da comunicação assíncrona, em que os participantes não estão conectados ao mesmo tempo e há um tempo de espera pela resposta, a ausência de *feedback* imediato também pode incomodar àqueles já acostumados com a interação imediata entre professor e alunos e entre estes na sala de aula presencial.

No que tange a esse quesito, Moore e Kearsley (2007, p.240) afirmam que a interação a distância é a inter-relação entre discentes e docentes “nos ambientes que possuem a característica especial de estarem separados entre si”. Ressaltam que a distância física que conduz a uma lacuna na comunicação, “um espaço psicológico de compreensões errôneas, potenciais entre os instrutores e os alunos, que precisa ser suplantado por técnicas especiais de ensino” (*op. cit.*, 2007, p.240)

Muitos alunos mencionaram a importância de mais e maior interação com os docentes e com os colegas. Isso demonstra a necessidade que esses alunos possuem de



proximidade e pertencimento ao grupo. Essa sensação de pertencimento parece afetar a motivação desses alunos.

*A1 – O professor não está todo o tempo online.*

*A2 – Falta de mais encontros com o professor.*

*A4 – A ineficácia na troca de conhecimento, dada à demora na constituição de um diálogo, seja ela por motivo de não acesso à plataforma de ensino online, demora no acesso por parte do professor e até mesmo na não familiarização do aluno com o tipo de ferramenta.*

A menção à ausência de feedback imediato por parte do professor foi percebida como um aspecto negativo da modalidade semipresencial, portanto faz-se necessário o investimento na melhoria do canal de comunicação. Como sugestões apresentamos: a) incorporação de um canal de comunicação síncrono que permita respostas mais imediatas, b) inclusão de meios áudios visuais que simulem uma presença mais próxima e; c) reforço de um feedback imediato por parte do professor.

A recriação do que é realizado na modalidade presencial para o formato eletrônico, ou seja, com a utilização de ferramentas digitais e sua aplicação imediata na aula na modalidade *online* não é garantia de um sucesso e de maior envolvimento dos alunos. Percebemos isso com as falas de alguns alunos:

*A3 – Não me senti muito estimulado para fazer essa disciplina, não por causa da matéria, mas da forma.*

*E3- Não tive contato com o professor, nem sei quem é, acho que isso é uma desvantagem. Uma grande desvantagem foi a falta de atividades diferentes que estimulassem os alunos. Acho que para aprender uma língua você tem que praticar e não teve prática.*

*E5 – Acho que o aluno que quer aprender dá para aprender, mas no meu caso eu aprendi pouco, pois tive preguiça de ler a apostila na secretaria online e imprimir ela só para fazer a prova. Achei que ficamos muito presos na apostila, só tem isso.*

Percebemos que o que foi oferecido como aporte tecnológico na disciplina não foi estimulante o bastante, faltou a integração com outros recursos. Os únicos recursos utilizados como apoio, foram a apostila e o fórum e como a participação neste último não era ‘obrigatória’, muitos alunos não entraram no fórum para participar das discussões sobre os conteúdos da disciplina.

Sabemos que o ensino semipresencial pode favorecer os diversos estilos de aprendizagem e criar ambientes adequados para todos, porém a qualidade desses ambientes depende do desenho do curso para servir de estímulo a aprendizagem além de oferecer caminhos e recursos para tal aprendizagem. Cursos mal desenhados podem dificultar a atividade do professor e com isso representar insatisfação por parte dos alunos.

Percebemos, porém que um dos fatores para garantir uma maior satisfação dos alunos pela modalidade semipresencial é a eficiência da infraestrutura tecnológica, por meio de um portal virtual interativo para transmitir a informação, ou seja, o conteúdo e para apoiar as interações no ambiente online de aprendizagem com o envolvimento colaborativo dos alunos e professores.

Importante destacar que, para Belloni (2012 p. 113), é fundamental para o sucesso de uma ação educacional a distância “a concepção de estratégias adequadas de utilização dos materiais e tecnologias de aprendizagem a distância, que são tão ou mais importantes que os próprios materiais”. Acrescenta que tais estratégias devem ser parte integrante dos materiais, “tendo como objetivo promover, orientar e facilitar a aprendizagem autônoma” (*op. cit.*, 2012 p. 113).

Consideramos que a concepção de estratégias mais eficientes tendem a proporcionar um *feedback* mais interativo, o aprender fazendo, através do oferecimento dos canais síncronos e assíncronos de comunicação e de debates e discussões mais pertinentes ao conteúdo da disciplina. Esses componentes parecem ser fundamentais para tentar responder às preferências individuais por diferentes estilos de comunicação e de aprendizagem.

No que tange o ensino do inglês com recursos tecnológicos verificamos que o acesso a ambientes internacionais online de comunicação, o acesso a diversidade de informações sobre os mais variados assuntos e o acesso a material autêntico nos mais diferentes formatos, auxiliam no processo contínuo de apropriação linguística.

O papel do professor, nesse caso, no que tange à orientação e acompanhamento nesses ambientes é de fundamental importância, principalmente no que se refere ao estímulo do trabalho colaborativo e de pesquisa pelos alunos.

Cabe destacar que Quevedo e Cristelli (2005 p. 47) salientam que o ensino de língua com TIC depende do conhecimento do professor, com relação ao uso adequado das ferramentas computacionais nos ambientes de aprendizagem, “de maneira a estimular o trabalho colaborativo, a levar o aluno a compartilhar os saberes individuais,

a formular e solucionar questões e buscar informações contextualizadas às dinâmicas sociais de aprendizagem”.

Reconhecemos, porém que o próprio uso da Internet deve ser estimulado pelo professor, já que se trata de um recurso de aprendizagem, por meio da qual se tem acesso às bibliotecas, a diversos artigos, a referências bibliográficas, à lista de discussões e a diversos ambientes virtuais de aprendizagem.

Outro fator considerado por muitos alunos como vantagem para serem aprovados na disciplina foi a avaliação que para a maioria foi considerada facilitada pela consulta à apostila. Como puderam consultar a apostila, muitos alunos relataram que não estudaram muito, pois não havia muita dificuldade para serem aprovados na disciplina, como é demonstrado na fala abaixo:

*A11 – Me acomodei, pois não precisava estudar muito para tirar uma boa nota. Na prova podia consultar a apostila.*

Consideramos que a avaliação representa o aspecto mais grave da proposta, pois as provas são com cinco questões de múltipla escolha e com consulta. Isso configura um modelo de “sucesso” perigoso. Por possuir um alto índice de aprovação, as falhas da metodologia são mascaradas por um método de avaliação que garante quase 100% de sucesso com o mínimo esforço, ou seja, garante resultados, mas não garante aprendizagem.

No que tange a terceira e última questão de estudo - Como os alunos se posicionam a respeito da oferta da modalidade semipresencial no seu curso que é presencial? - observamos que alguns alunos gostaram da experiência na modalidade semipresencial:

*A12 – Acho que a semipresencialidade tem tudo para dar certo...*

*A2 – As duas modalidades apresentam os mesmos objetivos...geralmente os alunos no online costumam pesquisar mais.*

*A4 – Ao meu ver ambos as modalidades de ensino possuem suas vantagens e desvantagens. Cabe aos que forem utilizar dessas ferramentas saberem extrair ao máximo as vantagens para que as desvantagens sejam ofuscadas.*

Pensamos ser importante demonstrar as falas que mostraram certa satisfação pela oferta da disciplina. Apesar de serem minoria, não devemos descartar o que essas falas representam.

Já a maioria dos alunos se mostrou insatisfeita com esta oferta, não pelo fato de ser semipresencial, mas pela forma como a disciplina foi ofertada. Muitos alunos relataram que faltou o uso de mais recursos para estimular a aprendizagem, ou seja, a disposição da apostila online e o fórum não foram suficientes para estimularem os alunos. Como por exemplo, temos a fala abaixo que representa isso:

*E1 - ...Ao meu ver, uma disciplina que lida com um idioma, seja estrangeiro ou não, aborda muito mais do que uma linguagem escrita. Este é um ponto negativo ao oferecimento da disciplina na modalidade online.*

Considerando a ‘metodologia’ oferecida pela instituição chegamos a conclusão de que a proposta da EAD baseia-se principalmente no autodidatismo do aluno. A EAD na concepção que entendemos não se baseia somente no autodidatismo, mas sim em uma modalidade específica de organização da relação de ensino e aprendizagem entre professor e aluno desafiando as fronteiras de tempo e espaço.

O mote “Aprender a aprender” utilizado pela instituição reforça o autodidatismo dos alunos, mas não enfatiza o ensinar a aprender. O modelo utilizado organiza um método que conta com a total autonomia do aluno na leitura e compreensão do material didático, sendo marcado por uma quase ausência do papel do professor como aquele que organiza o ensino e ensina e não apenas como eliminador de dúvidas.

O uso exclusivo do fórum como ferramenta evidencia este modelo, dispensando outras estratégias que a EAD tem a oferecer. O modelo é próximo ao que muitas instituições oferecem em seus cursos de especialização a distância, privilegiando a leitura individualizada do material didático, indicando o fórum e os encontros presenciais como tira dúvidas. Esse modelo, não parece ser o mais adequado em cursos de graduação, pois não há um incremento de ações docentes e variação metodológica.

Verificamos, portanto a necessidade de repensar a metodologia utilizada pela instituição, de forma a favorecer mais a aprendizagem do aluno, pois consideramos que, na esteira de pensar de Belloni (2012 p. 112):

Um processo educativo centrado no aluno significa não apenas a introdução de novas tecnologias na sala de aula, mas principalmente

uma reorganização de todo o processo de ensino, de modo que se promova o desenvolvimento das capacidades de autoaprendizagem. Essa verdadeira revolução na prática pedagógica implica um conhecimento seguro da clientela: suas características socioculturais, suas necessidades e expectativas com relação àquilo que a educação pode lhe oferecer.

Para que isso se concretize, consideramos importante a implementação de estratégias que deem ênfase na interação e em um aporte pedagógico maior, conforme afirma Belloni (2012 p. 113):

Um primeiro caminho extremamente importante a operacionalizar em qualquer experiência de EAD é a ênfase na interação social entre estudante e instituição, com o uso das técnicas de comunicação mais adequadas: criação de estruturas propiciadoras de interação entre os estudantes e professores e dos estudantes entre eles; e criação de estruturas de apoio pedagógico e didático ao estudante (tutoria, aconselhamento, “plantão” de respostas e dúvidas, monitoria para o uso de tecnologias etc.).

Consideramos que a prática dessas estruturas são de fundamental importância, principalmente no nosso país, pois o nível de escolaridade, de modo geral, é considerado pouco elevado e as nossas escolas não preparam nossos jovens para a prática da autoaprendizagem.

Tivemos, portanto, por objetivo mostrar o que os que estudam na modalidade semipresencial nos apresentaram como problemas. Tentamos oferecer também possíveis soluções a esses problemas. Não tivemos a intenção de mostrar que a modalidade semipresencial, principalmente no que tange ao ensino de inglês, é melhor ou pior que a modalidade presencial, pois consideramos que ambas possuem características específicas.

Outrossim, salientamos a importância de escolhas de estratégias eficientes para o aprendizado online focado em mais interação, com método de avaliação que possam ser mais eficientes à aprendizagem e com recursos que facilitem o desenvolvimento da autoaprendizagem do aluno, reconhecendo, portanto, que essa autoaprendizagem deve ser acompanhada pelo professor de forma a oferecer subsídios e sugestões para tal desenvolvimento, principalmente voltado para o aprendizado de uma língua estrangeira, no caso o inglês.

Esperamos ter alcançado nosso objetivo de investigar a oferta da disciplina Noções de Inglês na modalidade semipresencial nos cursos de graduação segundo a percepção dos alunos de uma Instituição de Ensino Superior Privada e, com isso, apresentar os dados que poderão servir de base para possíveis considerações a respeito

das percepções dos alunos que vivenciaram a experiência na modalidade semipresencial.

Sabemos, contudo, que essa dissertação não encerra a discussão sobre a modalidade semipresencial e o ensino do inglês *online*. Possivelmente, assim como já há várias pesquisas em torno desses temas, muito ainda será debatido e pesquisado sobre esses assuntos em trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Kátia Morosov. A expansão do ensino superior no Brasil e a EAD: dinâmicas e lugares. Campinas, **Educação & Sociedade**, v.31, n. 113, p.1319-1335, out.-dez.2010. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 07 jul.2012.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira, 2000.

ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização. Campinas, **Educação & Sociedade**, v.25, n.87, maio/ago, 2004, p.7-17. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>> Acesso em: 30 out. 2012.

BARRETO, Renata Biscaia Raposo. **O paradigma da rede e as interfaces culturais para educação on-line**. Curitiba: CRV, 2012.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1981.

BELLONI, Maria Lúcia. **Educação a Distância**. 6. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

BOHADANA, E. B; DREIFUSS, René Armand. A Constituição do Conhecimento na Era da Informação. **Revista Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n.1, p. 85-112, 1998. Disponível em <<http://www.reggen.org.br/midia/documentos/aconstituicaodoconhecimtonaeradainfo.pdf>> Acessado em março de 2012.

\_\_\_\_\_; VILARINHO, Lúcia. Contribuições de Paulo Freire para o uso de recursos informacionais na prática educativa. **Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 103-112, jan./jul. 2004.

Brasil. MEC. **Portaria n 2253 de 18 de outubro de 2001**. Disponível em <<http://www.mec.gov.br>> Acessado em maio de 2012.

Brasil. MEC. **Portaria n 4.059 de 10 de dezembro de 2004**. Disponível em <<http://www.mec.gov.br>> Acessado em maio de 2012.

BROWN, H. Douglas. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. Local: Pearson Education Company, 1994.

\_\_\_\_\_. **Principles of language learning and teaching**. 4<sup>th</sup> ed. Local: Pearson Education Company, 2000.

BRUNNER, J. J. Educação no encontro com novas tecnologias. In **TEDESCO, J. C. (Org.) Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO; Buenos Aires: IIPE, 2004.

CAMILLO, Rogéria. Interação no componente on-line de cursos semipresenciais: a visão dos participantes. **Linguagens e Diálogos**, v. 2, n. 2, p. 45-68, 2011. Disponível

em <[www.letras.ufrj.br/linguisticaaplicada/docs/dissert/rogeriacamillo.pdf](http://www.letras.ufrj.br/linguisticaaplicada/docs/dissert/rogeriacamillo.pdf)>. Acesso em 20 de agosto de 2012.

CARLINI, Alda Luiza; TARCIA, Rita Maria Lino. **20% a distância, e agora? Orientações práticas para o uso de tecnologia de educação a distância no ensino presencial.** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura.** Vol.3, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CORACINI, Maria José. Língua estrangeira e Língua Materna: uma questão de sujeito e identidade). In:\_\_\_\_\_(Org).**Identidade e Discurso:** (des)contruindo subjetividades.Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. p. 139-159.

DREIFUSS, René. **A época das perplexidades:** mundialização, globalização, planetarização. 4. ed. Petrópolis: Vozes.2000.

EBERT, Cristiane do Rocio Cardoso. O ensino semipresencial como resposta às crescentes necessidades de educação permanente. **Educar,** Curitiba. Editora UFPR. n.21, p.83-98.2003. Disponível em <<http://www.educa.fac.org.br/pdf/er/n21/n21a07.pdf>>. Acesso em julho de 2012.

ESTIVALET, Gustavo Lopes; HACK, Josias Ricardo. Ensino de língua estrangeira a distância: reflexões sobre o ensino/aprendizagem da habilidade oral. In: **Anais do VII Congresso Internacional de Abralín,** 2011, Curitiba. Disponível em <[http://www.hack.cce.prof.ufsc.br/wpcontent/uploads/2011/02/Gustavo\\_Estivalet\\_Josias\\_Hack.pdf](http://www.hack.cce.prof.ufsc.br/wpcontent/uploads/2011/02/Gustavo_Estivalet_Josias_Hack.pdf)> Acesso em 29 maio 2013.

FERREIRA, José Luiz Lacerda. **Educação a distancia no ensino de graduação: vantagens e dificuldades na perspectiva de alunos.** Dissertação (Mestrado em educação – UNESA – 2010). Disponível em <<http://portal.estacio.br/cursos/mestrado-e-doutorado/educacao/dissertacoes.aspx>>. Acesso em 12 de março de 2013.

FRANCO, Cláudio de P. **Parâmetros para a criação de um curso semipresencial de leitura em inglês.** Disponível em <[www.periodicos.capes.gov.br/fxlc141?ctx\\_ver=z39.88-2004&ctx\\_enc=info:ofi](http://www.periodicos.capes.gov.br/fxlc141?ctx_ver=z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi)>. Acesso em agosto 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAUTHIER, C.; TARDIF, M. (org.).**A pedagogia:** teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HALLIDAY, M.; McINTOSH, A.; STREVEENS, P. **As ciências linguísticas e o ensino da língua.** Petrópolis, Vozes, 1974.

HOLEC, Henri. **Autonomy in foreign language learning.** Oxford, Pergamon, 1981.



JUNIOR, Gutenberg B. Batista. **Reação dos alunos às disciplinas online na graduação presencial**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNESA, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <<http://portal.estacio.br/cursos/mestrado-e-doutorado/educacao/dissertacoes.aspx>>. Acesso em agosto de 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

MORAES, D. (Org.). **Globalização, Mídia e Cultura Contemporânea**. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Concreto e o Virtual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MORAN, José M. Novos desafios na educação – a Internet na educação presencial e virtual. In: PORTO, Tânia M. E (Org.). **Saberes e linguagens de educação e comunicação**. Pelotas, 2001.

\_\_\_\_\_; ARAÚJO FILHO, Manoel; SIDERICOUDES, Odete. **Ampliação dos vinte por cento a distância**. Trabalho apresentado no XII Congresso Internacional da ABED, Florianópolis, 20 de setembro de 2005. Disponível em <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/172tcc3.pdf>>. Acesso em julho de 2012.

\_\_\_\_\_.; MASETTO, Marcos T.; BEHRES, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 13. Ed. Campinas: Papyrus, 2007.

MENEZES, Vera Lúcia (Org.) **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

PERRENOUD, Philippe. **Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

POGGI, M. Prólogo. In: TEDESCO, J.C. *et al.* **Las TIC: del aula e la agenda política**. Buenos Aires: UNESCO; IPE; UNICEF, abril, 2008.

PRETI, Oreste. **A aventura de ser estudante: A leitura produtiva**, vol. II. 2. ed. Cuiabá: EdUFMT, 2000.

QUEVEDO, Angelita G.; CRESCITELLI, Mercedes Fátima de C. **Recursos Tecnológicos e Ensino de Língua Materna e Estrangeira (A Distância ou Semipresencial)**. Dissertação (Mestrado em Educação – UNESA). Disponível em <<http://portal.estacio.br/cursos/mestrado-e-doutorado/educacao/dissertacoes.aspx>>. Acesso em agosto de 2012.

RIZZINI, Irma; CASTRO, M. Rabello; SARTOR, Carla. **Pesquisando: guia de metodologias de pesquisa para programas sociais**. Rio de Janeiro: USU Ed., 1999.

RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. (org.) **Methodology in language teaching: an anthology of current practice**. New York: Cambridge University Press, 2010.

RODRIGUES, Lúcia Regina Horta; SILVEIRA, Maris Stela do Carmo; BRAGA, Dilma Bustamante. **Produção de Materiais para EaD**. Disponível em: <<http://www.ead.unifei.edu.br/~novolivrodigital/geraImpressao.php?CODCAP=62&IdSess=LD16062010082826>>. Acesso em: 16 maio 2013.

SANTIAGO, Alessandra C. S. **Educação, Cibercultura e Aprendizagem do Inglês Técnico**. Dissertação (Mestrado em educação – UNESA – 2006). Disponível em <<http://portal.estacio.br/cursos/mestrado-e-doutorado/educacao/dissertacoes.aspx>>. Acessado em 20 jul. 2012.

VAN DER LINDEN, Marta Maria Gomes. **Diálogo Didático mediado online: subsídios para sua avaliação em situações de ensino-aprendizagem**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

## ANEXOS

### ANEXO I

PORTARIA Nº 4.059, DE 10 DE DEZEMBRO DE 2004

(DOU de 13/12/2004, Seção 1, p. 34)

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições, considerando o disposto no art. 81 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e no art. 1º do Decreto no 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, resolve:

Art. 1º. As instituições de ensino superior poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem modalidade semi-presencial, com base no art. 81 da Lei n. 9.394, de 1.996, e no disposto nesta Portaria.

§ 1º. Para fins desta Portaria, caracteriza-se a modalidade semi-presencial como quaisquer atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino-aprendizagem centrados na auto-aprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota.

§ 2º. Poderão ser ofertadas as disciplinas referidas no caput, integral ou parcialmente, desde que esta oferta não ultrapasse 20 % (vinte por cento) da carga horária total do curso.

§ 3º. As avaliações das disciplinas ofertadas na modalidade referida no caput serão presenciais.

§ 4º. A introdução opcional de disciplinas previstas no caput não desobriga a instituição de ensino superior do cumprimento do disposto no art. 47 da Lei no 9.394, de 1996, em cada curso superior reconhecido.

Art. 2º. A oferta das disciplinas previstas no artigo anterior deverá incluir métodos e práticas de ensino-aprendizagem que incorporem o uso integrado de tecnologias de informação e comunicação para a realização dos objetivos pedagógicos, bem como prever encontros presenciais e atividades de tutoria.

Parágrafo único. Para os fins desta Portaria, entende-se que a tutoria das disciplinas ofertadas na modalidade semi-presencial implica na existência de docentes qualificados em nível compatível ao previsto no projeto pedagógico do curso, com carga horária específica para os momentos presenciais e os momentos a distância.

Art. 3<sup>o</sup>. As instituições de ensino superior deverão comunicar as modificações efetuadas em projetos pedagógicos à Secretaria de Educação Superior - SESu -, do Ministério da Educação - MEC -, bem como inserir na respectiva Pasta Eletrônica do Sistema SAPIEns, o plano de ensino de cada disciplina que utilize modalidade semipresencial.

Art. 4<sup>o</sup>. A oferta de disciplinas na modalidade semi-presencial prevista nesta Portaria será avaliada e considerada nos procedimentos de reconhecimento e de renovação de reconhecimento dos cursos da instituição.

Art. 5<sup>o</sup>. Fica revogada a Portaria n. 2.253/2001, de 18 de outubro de 2001, publicada no Diário Oficial da União de 19 de outubro de 2001, Seção 1, páginas 18 e 19.

Art. 6<sup>o</sup>. Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

**TARSO GENRO**

## ANEXO II

### MANUAL DE DISCIPLINAS OFERTADAS NA MODALIDADE SEMIPRESENCIAL

#### Apresentação da modalidade semipresencial

Pautada na Portaria MEC 4.059 de 10/12/2004, apresentamos a modalidade semipresencial onde as disciplinas ministradas serão trabalhadas com suporte de tecnologia de comunicação tais como site, fórum e e-mail.

O dinamismo da vida atual, caracterizado pela crescente evolução da tecnologia e dos meios de informação e comunicação, exige que o indivíduo esteja sempre atualizado e preparado para enfrentar novos desafios. A constante demanda de atualização permite novas produções de conhecimento e quebra de paradigmas, e é com base nesse contexto que inserimos a modalidade Semipresencial que visa o autodesenvolvimento e a autocapacitação do aluno através da “Técnica de Aprendizagem Aprender a Aprender”.

O importante é que educadores e educandos tenham consciência de que o ambiente virtual não se apresenta melhor ou pior que o ambiente tradicionalista, mas sim ter a visão de que um vem complementar o outro.

#### **Objetivo**

- valorizar a construção e reconstrução do conhecimento na perspectiva da ação autônoma dos alunos em detrimento de outras possibilidades centradas na transmissão de conhecimentos;
- explorar o potencial pedagógico e as possibilidades educacionais das atividades on-line, bem como ações de interatividade e mediação, aqui consideradas como fundamentais;
- desenvolver competências técnicas e científicas a partir da utilização de recursos das tecnologias da informação e da comunicação;

- formar um profissional com autonomia e responsabilidade na busca de novos conhecimentos;
- ampliar as práticas de ensino aplicadas na graduação adequando-as às necessidades do contexto socioeconômico atual.

### **Como serão ministradas**

De acordo com o cronograma disponível no endereço [www. 'xxx'.br/semipresencial](http://www. 'xxx'.br/semipresencial), o aluno terá acesso a informações sobre quando deverá acessar o Fórum e interagir em cada atividade proposta, e saberá quando ocorrerão as avaliações e encontros.

*Com o objetivo de auxiliá-lo, seguem abaixo, informações sobre a modalidade:*

- **Cronograma:** especifica o local e a data onde as atividades serão desenvolvidas.
- **Vídeo aula:** apresentação dos procedimentos necessários para que o discente possa cursar as disciplinas. Será apresentada no primeiro encontro e disponibilizada na Secretaria online para consulta.
- **Professor/Tutor:** será responsável por disponibilizar e acompanhar as atividades propostas aos alunos.
- **Material Didático (apostila):** estará disponível para download no endereço [www. 'xxx'.br/semipresencial](http://www. 'xxx'.br/semipresencial). Estruturada com 2 (duas) unidades, distribuídas em 16 (dezesesseis) capítulos, sendo a unidade I do capítulo 1 ao 8 e a unidade II do capítulo 9 ao 16. Contêm todo o conteúdo a ser abordado, além de glossário e exercícios. Elas serão disponibilizadas na reprografia das FIS, na Biblioteca e no site, aos discentes matriculados na disciplina. Caso necessite de orientações para fazer o download do material, basta comparecer a um dos Laboratórios de Informática disponível para uso livre e pedir orientações ao estagiário presente.
- **Encontros para Esclarecimentos de Dúvidas** – será disponibilizado aos discentes o sábado, imediatamente anterior as avaliações, um encontro com os docentes/tutores com o objetivo de esclarecimento de dúvidas.
- **Avaliações**  
NTI será baseada na primeira unidade da apostila (capítulos de 1 a 8);  
NPC será baseada na segunda unidade da apostila (capítulos de 9 a 16);  
NEF será baseada nas duas unidades da apostila (capítulos de 1 a 16).

Obs.1: as notas referentes à NPC, NTI e NEF serão divulgadas através do site da Simonsen, na Secretaria Online.

2. Todas as avaliações (1ª e 2ª chamadas) serão realizadas através de encontros presenciais previstos no calendário de disciplinas semipresenciais. Não haverá 2ª chamada da avaliação NTI.

#### *Endereços para Interação/Comunicação*

**Fórum:** O Fórum é uma ferramenta destinada a promover debates através de mensagens publicadas abordando uma mesma questão. Deverá ser acessado através do endereço [www.‘xxx’.br/semipresencial](http://www.‘xxx’.br/semipresencial), com periodicidade semanal, possibilitando a interação com o docente/tutor. Não é permitido qualquer tipo de comunicação que não seja relativo à disciplina. No fórum de discussão, abriremos um espaço abordando tópicos específicos relacionados à disciplina, durante um período de tempo determinado; os alunos deverão acessar, conforme o cronograma de atividades, e participar colocando suas contribuições e/ou dúvidas para que o professor/tutor possa orientá-lo. O aluno que utilizar esse meio de forma inadequada será imediatamente identificado e encaminhado à Coordenação Discente para medidas cabíveis. Para acessar o fórum o aluno deverá utilizar login e senha da Secretaria Online. O Fórum é uma ferramenta destinada a promover debates através de mensagens publicadas abordando uma mesma questão. Deverá ser acessado através do endereço [www.‘xxx’.br/semipresencial](http://www.‘xxx’.br/semipresencial).

Observação: os Laboratórios estarão disponíveis para que os alunos possam acessar o fórum, enviar e-mails e realizar pesquisas. Os estagiários presentes poderão orientá-los para baixar o material didático, acessar e participar do fórum e enviar e-mails.

1. **E-mail:** [semipresencial@xxx.br](mailto:semipresencial@xxx.br), recurso disponível para o aluno se comunicar diretamente com o setor administrativo/semipresencial para as questões de ordem administrativa, tais como lançamento de notas, datas de avaliações. Para isso, o aluno deverá informar seu nome completo, matrícula, disciplina, dados da turma e outro e-mail se a resposta não for para o email de origem.

· **Site:** as disciplinas semipresenciais terão uma página no site da Simonsen, [www.‘xxx’.br/semipresencial](http://www.‘xxx’.br/semipresencial), onde os alunos terão acesso às informações da modalidade.

Tais como:

- **Plano de ensino/aprendizagem e Fichas de Aula:** definem o conteúdo e objetivo geral das disciplinas e estarão disponíveis na Internet: [www.xxx.br/secretariaonline](http://www.xxx.br/secretariaonline),

através de login com matrícula e senha. Em painel de controle do aluno, selecionar “Planos de estudo” e escolher a disciplina;

- **Fichas de aula:** definem o conteúdo e objetivo específico das disciplinas e estarão disponíveis na Internet: [www.xxx.br/secretariaonline](http://www.xxx.br/secretariaonline), através de login com matrícula e senha. Em painel de controle do aluno, selecionar “Fichas de aula” e escolher a disciplina;

- **Mural:** onde os alunos também serão informados sobre os assuntos da modalidade.



## **ANEXO III**

### **PERGUNTAS MAIS FREQUENTES – SITE SEMIPRESENCIAL 2013.1**

#### **MODALIDADE SEMIPRESENCIAL**

##### **1. O que são disciplinas oferecidas na modalidade semipresencial?**

Pautada na Portaria MEC 4.059 de 10/12/2004, apresentamos a modalidade semipresencial onde as disciplinas ministradas serão trabalhadas com suporte de tecnologia de comunicação tais como site, fórum e e-mail.

O dinamismo da vida atual, caracterizado pela crescente evolução da tecnologia e dos meios de informação e comunicação, exige que o indivíduo esteja sempre atualizado e preparado para enfrentar novos desafios.

O aluno aprende a ter autonomia sobre seu conhecimento. As disciplinas na modalidade semipresencial poderão ser oferecidas desde que não ultrapassem 20% da carga horária total do curso.

##### **2. Por que uma disciplina semipresencial vale 3 créditos (66h)?**

As disciplinas ministradas na modalidade semipresencial valem 3 créditos, pelo fato de seu conteúdo programático corresponder a 3 tempos de aulas semanais. Portanto, o aluno deverá dedicar no mínimo 3 horas semanais no desenvolvimento de sua autoaprendizagem nesta modalidade, através da Técnica de Aprendizagem “Aprender a Aprender”.

##### **3. Como proceder se o meu nome não estiver na pauta, mas em meu horário constar a disciplina semipresencial?**

O aluno deverá procurar a CAD (Central de Atendimento ao Discente) para que sejam feitas as verificações junto a Secretaria.

##### **4. Como proceder se o meu nome não estiver na pauta, nem a disciplina semipresencial estiver em meu horário acadêmico?**

O aluno deverá procurar a CAD (Central de Atendimento ao Discente) para que sejam feitas as verificações junto a Secretaria.

## **CRONOGRAMA**

### **1. Para que serve o Cronograma?**

O cronograma serve para que o aluno verifique a atividade que deverá participar. Nele é especificado o local, e a data de cada atividade. Está disponível para consulta no site das semipresenciais e no mural.

Nele consta, por exemplo, o período (semana) em que ocorrerão as avaliações NTI, NPC e NEF. **Todas as avaliações serão presenciais** e serão no dia da semana de sua aula semipresencial, respeitando-se o horário da aula e a sala, de acordo com seu horário acadêmico. Portanto, se você está matriculado em uma disciplina semipresencial na quarta-feira a noite, no terceiro tempo, sala 500, na semana especificada no cronograma para realizar a avaliação você deverá respeitar exatamente o que consta em seu horário acadêmico.

### **2. Podem ocorrer mudanças no cronograma relacionadas as datas das avaliações e outras atividades?**

Sim. A comunicação das alterações realizadas sempre são feitas através de nosso mural, na página das disciplinas semipresenciais [www.xxx.br/semipresencial](http://www.xxx.br/semipresencial) e pelos e-mails de nossos alunos.

### **3. Quando será a próxima aula (na sala)?**

As atividades e os respectivos esclarecimentos referentes ao conteúdo da disciplina serão através do Fórum. Caso o aluno, por qualquer motivo, ainda tenha dúvidas relacionadas ao conteúdo programático da disciplina, ele poderá comparecer ao encontro de esclarecimento de dúvidas no sábado, imediatamente anterior as avaliações, para obter as informações perdidas. Lembrando que esse encontro não é obrigatório

**O aluno tem a obrigação de comparecer presencialmente as avaliações**, conforme determinado no cronograma. As avaliações ocorrerão no dia da semana de sua aula semipresencial, respeitando-se o horário da aula e a sala, de acordo com seu horário acadêmico. Portanto, se você está matriculado em uma disciplina semipresencial na quarta-feira a noite, no terceiro tempo, sala 500, na semana especificada no cronograma para realizar a avaliação você deverá respeitar exatamente o que consta em seu horário acadêmico.

#### **4. Todos os encontros presenciais serão no auditório?**

Não. O aluno deverá respeitar o que consta em seu horário acadêmico para comparecer às avaliações. Qualquer alteração será comunicada.

### **FÓRUM**

#### **1. Estou com dificuldades para acessar o Fórum, o que devo fazer?**

Caso necessite de orientações para acessar o Fórum ou a baixar o material didático(apostila), compareça a um dos laboratórios de informática disponível para uso e solicite orientação ao monitor presente. O aluno também poderá esclarecer suas dúvidas acessando o "Tutorial de uso do site" disponível no link "informações" na página [www.xxx.br/semipresencial](http://www.xxx.br/semipresencial).

#### **2. Os assuntos abordados no Fórum constam na apostila?**

Os assuntos abordados no Fórum serão baseados na apostila da respectiva disciplina, contudo o professor poderá enriquecer o conteúdo debatido neste ambiente indicando outras fontes para serem estudadas, como por exemplo, vídeos, artigos etc; Dessa forma é aconselhável que o aluno acesse e participe dos debates no Fórum já que nas avaliações também serão abordadas questões debatidas no Fórum.

#### **3. O acesso ao Fórum computa frequência?**

O acesso ao fórum não é obrigatório, mas aconselhável, pois o professor poderá utilizar questionamentos discutidos no fórum nas avaliações.

#### **4. Perdi a primeira atividade do fórum, posso comentá-la posteriormente ou só poderei comentar a que está em questão na semana?**

Sim. Caso o aluno ainda tenha dúvidas relacionadas ao conteúdo de atividades passadas, poderá perguntar a qualquer momento. Lembrando que o professor/tutor responderá ao Fórum toda Segunda-feira, Quarta-feira e Sexta-feira.

#### **5. As atividades propostas no fórum valem nota?**

Não. Contudo é aconselhável que o aluno acesse e participe dos debates no Fórum, pois os assuntos debatidos poderão ser exigidos na prova.

## **6. Posso acessar o Fórum a qualquer momento?**

Sim.

## **7. Em quanto tempo minha dúvida será respondida no fórum?**

O professor/tutor acessa o Fórum toda segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira para responder aos questionamentos dos alunos e esclarecer dúvidas.

## **AVALIAÇÕES**

### **1. Como serão as avaliações?**

Tanto a NTI quanto a NPC e a NEF **serão presenciais** e ocorrerão de acordo com o cronograma, respeitando o dia da semana, horário e sala de aula que consta no horário acadêmico do aluno.

As avaliações das disciplinas na modalidade semipresencial serão objetivas e com consulta a respectiva apostila. As respostas deverão ser marcadas no cartão resposta. Ao término da avaliação, o aluno levará a folha de avaliação, e entregará o cartão resposta devidamente preenchido.

Questões debatidas no Fórum da disciplina poderão ser abordadas nas avaliações. É de inteira responsabilidade do aluno o preenchimento correto do cartão resposta com todos os seus dados: matrícula, nome completo, nome da disciplina e etc.

A resposta assinalada no cartão deverá ser preenchida por completo com caneta azul ou preta para que não haja erros na leitura do mesmo. E não será aceito nenhum tipo de rasura.

### **Nesta modalidade não haverá vista de prova.**

As avaliações de NPC e NTI cada uma delas valerá 10,0 pontos. Caso o aluno não consiga atingir o mínimo de 15,0 pontos com a soma da NPC e a NTI, precisará fazer a NEF (nota de exame final) que valerá 10,0 pontos.

### **2. Quais são as datas das avaliações (NTI, NPC e NEF)?**

As avaliações ocorrerão conforme as datas especificadas no cronograma. Todas as avaliações serão presenciais e ocorrerão no dia da semana de sua aula semipresencial, respeitando-se o horário da aula e a sala, de acordo com seu horário acadêmico. Portanto, se você está matriculado em uma disciplina semipresencial na quarta-feira a

noite, no terceiro tempo, sala 500, na semana especificada no cronograma para realizar a avaliação você deverá respeitar exatamente o que consta em seu horário acadêmico.

**3. Em qual conteúdo será baseada cada avaliação?**

**- Apostila da disciplina**

NTI será baseada na primeira unidade da apostila (capítulos de 1 a 8)

NPC será baseada na segunda unidade da apostila (capítulos de 9 a 16)

NEF será baseada nas duas unidades da apostila (capítulos de 1 a 16)

**- Assuntos debatidos no fórum**

**- Material Complementar do fórum**

**4. Posso fazer prova em outra turma embora seja o mesmo professor e disciplina?**

Não. Cada turma possui sua própria pauta. As provas feitas por alunos de turmas diferentes não serão corrigidas. O aluno terá que solicitar segunda chamada, quando for o caso.

**5. É permitido emprestar o material de consulta para outro aluno?**

Não. O material de consulta é de uso pessoal e não será permitido o empréstimo durante a prova, nem o uso de notebook, ou qualquer outro tipo de aparelho elétrico/eletrônico. (dispositivos móveis)

**6. Qual fonte de consulta é permitida em sala para a realização da prova?**

As apostilas das disciplinas semipresenciais e o material complementar do fórum.

**7. Caso eu tenha esquecido de colocar nome e matrícula no cartão resposta, pode ser verificada minha presença pela assinatura da pauta de presença de prova?**

A presença sim, contudo a nota não será lançada pois não haverá como identificar a quem pertence a avaliação, já que as avaliações das disciplinas na modalidade semipresencial serão objetivas.

**8. Rasurei o cartão resposta, posso adquirir outro?**

Não. O SEU CARTÃO-RESPOSTA É ÚNICO e não haverá substituição em caso de rasura. A marcação correta do cartão-resposta é de inteira responsabilidade do aluno.

**9. Como solicito retificação de notas referente ao semestre anterior?**

A solicitação de retificação de notas deverá ser feita via protocolo ou e-mail até 72h após o lançamento da nota. Após este prazo, será mantida a nota do boletim.

**10. Perdi a prova de NTI, como poderei recuperá-la?**

De acordo com o Conselho de Ensino, Portaria CE nº2, de 11 de Julho de 2011, foi extinta a realização de 2ª chamada de NTI. Portanto deverá realizar a NPC e a NEF para tentar atingir, no mínimo, 15 pontos e obter a aprovação na disciplina.

**11. Perdi a prova de NPC, como poderei recuperá-la?**

Poderá realizar a NEF ou solicitar a segunda chamada de NPC dentro do prazo estipulado pela instituição. A segunda chamada terá a realização no mesmo turno, dia da semana, tempo de aula e sala em que cursa sua disciplina semipresencial, mas em data a ser definida e divulgada conforme o **cronograma**.

**12. Perdi a prova de NEF, como poderei recuperá-la?**

Deverá solicitar a segunda chamada de NEF dentro do prazo estipulado pela instituição. A segunda chamada terá a realização no mesmo turno, dia da semana, tempo de aula e sala em que cursa sua disciplina semipresencial, mas em data a ser definida e divulgada conforme cronograma.

**13. Perdi a prova de NPC, mas consegui alcançar os 15 pontos com a soma de NTI e NEF. Precisurei realizar a 2ª Chamada de NPC?**

Não.

**14. Por que está aparecendo, em minha secretaria online, reprovado se eu ainda posso realizar a segunda chamada?**

Após realizar as avaliações o sistema será atualizado.

**15. Haverá trabalho em grupo para as avaliações na modalidade semipresencial?**

Não.

**16. Realizei todas as avaliações, porém não consegui os 15 pontos mínimos para a minha aprovação. Terei como realizar outra avaliação ou trabalho?**

Não. Nas disciplinas oferecida na modalidade semipresencial o aluno realizará a NTI (10 pontos) e NPC (10 pontos). Caso não consiga atingir o mínimo de 15 pontos deverá realizar a NEF (10 pontos) para tentar atingir o mínimo de 15 pontos e obter a aprovação na disciplina.

**COMO ESCLARECER DÚVIDAS**

**1. Onde posso esclarecer minhas dúvidas sobre o conteúdo da(s) disciplina(s) na modalidade semipresencial que estou matriculado?**

Para esclarecimento de dúvidas relacionadas ao conteúdo da disciplina o aluno deverá acessar o Fórum da disciplina na qual está matriculado e enviar sua dúvida ao professor/tutor. Lembrando que no Fórum não serão respondidas dúvidas que não sejam relacionadas ao conteúdo da disciplina.

**2. Como posso esclarecer minhas dúvidas administrativas sobre a modalidade semipresencial?**

Para esclarecer dúvidas que não sejam relacionadas ao conteúdo da disciplina, o aluno deverá utilizar o canal “Fale Conosco” disponível na página [www.xxx.br/semipresencial](http://www.xxx.br/semipresencial).

**3. Com quem posso obter informações presencialmente na faculdade?**

É aconselhável que antes você acesse o link “Dúvidas” na página [www.xxx.br/semipresencial](http://www.xxx.br/semipresencial).pois lá poderão ser esclarecidos muitos dos seus questionamentos. Se verificar que a resposta para sua dúvida ainda não está disponível você poderá utilizar o canal “Fale Conosco” no site: [www.xxx.br/semipresencial](http://www.xxx.br/semipresencial). Se mesmo assim ainda não conseguir obter o esclarecimento necessário, poderá comparecer a CAD, localizada no pátio da instituição.

**4. Como falar com a Coordenação das disciplinas semipresenciais?**

O aluno deverá utilizar o canal “Fale Conosco” disponível no endereço [www.xxx.br/semipresencial](http://www.xxx.br/semipresencial), ou através do e-mail [semipresencial@xxx.br](mailto:semipresencial@xxx.br) e explicar de

maneira detalhada o assunto que deseja tratar. Dessa forma, a questão será analisada e, sendo o caso, o agendamento será marcado e informado através do e-mail.

## **ENCONTRO PRESENCIAL PARA ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS**

### **1. Qual o objetivo do encontro de esclarecimento de dúvidas no sábado, imediatamente anterior as avaliações?**

Caso o aluno, por qualquer motivo, ainda tenha dúvidas relacionadas ao conteúdo programático da disciplina, ele poderá comparecer ao encontro de esclarecimento de dúvidas no sábado, imediatamente anterior as avaliações, para obter as informações perdidas. Lembrando que esse encontro não é obrigatório.

### **2. Receberei falta se não comparecer ao encontro de sábado?**

Não. O aluno é obrigado a comparecer na exibição da vídeo aula e nos dias previstos para as avaliações NTI, NPC e, caso seja necessária, NEF.

### **3. Sou obrigado a comparecer ao encontro de esclarecimento de dúvidas que ocorrerá no sábado?**

Não. Esse encontro é opcional aos alunos que não conseguirem esclarecer todas as suas dúvidas utilizando o Fórum.

### **4. Faltando a uma prova poderei fazê-la no encontro de esclarecimento de dúvidas?**

Não. Esse encontro é exclusivamente para que o aluno tire suas dúvidas sobre o conteúdo da disciplina, portanto não serão aplicadas provas.

### **5. Como saberei em que horário e sala ocorrerão os encontros para esclarecimento de dúvidas no sábado anterior a semana de avaliação?**

Divulgaremos essa informação através do site [www.xxx.br/semipresencial](http://www.xxx.br/semipresencial), e em nossos murais e através de e-mail.

## **MATERIAL DIDÁTICO**

### **1. Como terei acesso ao material didático da disciplina na modalidade semipresencial?**



Todas as apostilas estão disponíveis na reprografia, no site para impressão e na biblioteca para consulta.

**2. Como irei tirar as dúvidas que possam ser relacionadas ao material didático?**

O professor/tutor estará disponível no Fórum toda Segunda-feira, Quarta-feira e Sexta-feira para tirar dúvidas, temos também Encontros para Esclarecimentos de Dúvidas disponibilizado aos discentes em um sábado, imediatamente anterior as avaliações.

## **FREQUÊNCIA**

**1. Faltei a vídeo aula. Já estou com falta?**

Não, contudo é imprescindível que o aluno assista a vídeo aula através da página das disciplinas na modalidade semipresencial [www.xxx.br/semipresencial](http://www.xxx.br/semipresencial), ou em nossa sala de vídeo para tomar conhecimento de informações de extrema importância sobre essa modalidade de ensino.

**2. Os encontros aos sábados são para abonar falta?**

Não. Esse encontro tem como intuito esclarecer possíveis dúvidas referentes ao conteúdo das disciplinas semipresenciais que não foram esclarecidas através do Fórum.

**3. Faltando ao vídeo poderei assisti-lo no encontro de esclarecimento de dúvidas?**

Não. Esse encontro é exclusivamente para que o aluno tire suas dúvidas sobre o conteúdo da disciplina. O aluno poderá assistir a vídeo aula a qualquer momento acessando site [www.xxx.br/semipresencial](http://www.xxx.br/semipresencial).

## **OUTROS**

**1. Qual o horário em que a vídeo aula está sendo exibida na sala de vídeo?**

O aluno pode solicitar ao instrutor que coloque a vídeo aula na sala de vídeo, em qualquer horário fora dos horários da N.A.C.

## ANEXO IV

### QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

#### QUESTÃO I) Quais as diferenças percebidas entre o ensino online e o presencial?

A1 - “No ensino online o aluno tem como organizar seu tempo para estudar, já no ensino presencial o aluno fica com seu tempo tomado pelas disciplinas presenciais”.

A2 - “ No ensino online o aluno busca mais informações, partindo do aluno o interesse em aprender.”

A3 - “Online – comodidade, rotina estressante, família e interatividade, são alguns dos motivos que levam a escolha por ensino a distância. Presencial – tirar dúvidas de imediato, fazer amizades e até mesmo encontrar oportunidades de emprego.”

A4 - “ No online o aluno passa a ser o ator mais importante na construção do saber, porém as aulas são menos dinâmicas. A troca de informação é mais lenta em relação ao presencial, ou seja, menos dinâmica, porém oferece mais flexibilidade ao aluno no momento do estudo. A dificuldade em prestar a atenção devida a um determinado conteúdo é mais frequente do que no ensino presencial.”

A5 - “Ensino online – principal método é a tecnologia – possibilidade de fazer o seu próprio horário de estudo – exige mais disciplina e organização. Ensino presencial – métodos de ensino tradicionais – possibilidade de interação com outros estudantes e com o professor em tempo real”.

A6 - “ No online você não precisa estudar muito, ler e responder os questionários, sem se preocupar, pois a prova é com consulta à apostila. No presencial, já temos que correr atrás da matéria, de ler e estudar mais. A diferença é mais nas provas.”

A7 - “No presencial tem o professor e no online parece que não tem professor, a gente não vê”.

A8 - “No online as dúvidas não são retiradas de imediato, sendo as vezes não sanadas pelo esquecimento.”

A9 - “Ensino online, você acessa e estuda a hora que quiser sem cumprir horário certo. Já no presencial, tem horário, pode tirar dúvidas na mesma hora que surge, pode fazer debates e exercícios”.

A10 - “Online te dá mais flexibilidade para estudar e o presencial é muito tradicional”.

A11 - “Online - quase não temos contato com o professor, fica tudo muito solto. Presencial - conhecemos o professor e podemos tirar dúvidas na hora”.

A12 – “No online temos mais conforto pois podemos estudar a qualquer hora e em qualquer lugar, mas no presencial temos a presença do professor que nos explica”.

A13 – “As vezes no momento em que o professor está falando, surgem as dúvidas e vc pode debater com o seu colega uma dúvida que no momento você nem percebeu que existia, então temos um diálogo mais aberto e portanto mais abrangente”.

A14 – “A diferença é que presencial posso estudar em casa, ou seja com o tempo que eu estiver disponível”.

A15 – “O ensino online depende da pessoa e de seu próprio ritmo, enquanto o presencial tem um ritmo imposto pelo professor e cronograma”.

A16 – “No online não há contato direto com os outros alunos. Não há a presença física do professor. A organização do tempo de aula é muito diferente, pois depende mais do aluno essa organização”.

## QUESTÃO 2

**a.2) entre as diferenças apontadas, destaque a(s) que considera:**

**\* mais relevante(s) para facilitar a aprendizagem dos alunos:**

Nesta pergunta nossa intenção era verificar .....

A1 – “Organização do aluno”.

A2 – “As plataformas online”.

A3 – “Depende da disponibilidade de quem está procurando. Existem alunos que despertam para a aprendizagem de qualquer forma”.

A4 – “O fato do aluno passar a ser o ator mais importante na construção do saber e a troca de informações de maneira mais dinâmica”.

A5 – “Disciplina e organização do estudante”.

A6 – “Não tem”.

A7 – “O aluno é obrigado a estudar sozinho”.

A8 – “No presencial, as dúvidas são tiradas mais rapidamente e há várias exemplificações”.

A9 – “Dependo do aluno, uns preferem online, pois não precisa ter compromisso com a hora, mas outros alunos tem dificuldades de aprendido”.

A10 – “O online é mais relevante”.

A11 – “Há mais leitura no online”.

A12 – “Apostila disponível online”.

A13 – “ *O aprendizado online, precisa mais mobilidade do aluno, ele precisa ser mais concentrado, mais disciplinado, para realizar esse aprendizado, porque temos por hábito de deixar tudo para depois, nesse método o aluno tem que ter essa noção de tempo*”.

A14 – “*Que aula a distância é mais prática*”

A15 – Não respondeu.

A16 – “*A explicação do professor, possibilidade de assistir uma aula várias vezes*”.

**\* mais inovadora(s) em termos da prática do professor:**

A1 – “*O professor não precisar estar em sala de aula para ensinar*”.

A2 – “*O presencial é mais inovador, o professor apresenta aulas diferentes*”.

A3 – “*O online tem várias inovações e a presencial depende do professor e da participação dos alunos para uma boa aula*”.

A4 - “*O papel de tutor/mediador entre o aluno e o saber*”.

A5 – “*O uso da tecnologia como meio de ensino*”.

A6 – “*A não presença na sala de aula para poder explicar a matéria*”.

A7 – “*Na online não há necessariamente boas inovações, já que isso não adianta, pois o professor demora responder*”.

A8 – “*No presencial a criação e manejo do professor em perceber se o aluno compreendeu ou não a matéria*”.

A9 – “*No momento o mais inovador é o online*”.

A10 – “*A online é mais inovadora, pois o professor está online e no presencial, precisa cumprir horários específicos*”.

A11 – “*Utilização do fórum*”.

A12 – “*Fórum*”.

A13 – “*O uso de tecnologia*”.

A14 – “*Que podemos tirar dúvidas online*”.

A15 – Não respondeu.

A16 – “*A administração do tempo*”.

**\* mais mobilizadora(s) da vontade do aluno de aprender:**

A1 – “*Estudamos quando queremos*”.

A2 – “*Nas aulas online é exigida uma maior busca de informações*”.

A3 – “Na minha opinião a mais mobilizadora é a presencial, pois o aluno acaba se incentivando com a ajuda dos amigos”.

A4 – “Acredito que na modalidade online o estímulo à pesquisa, por parte do aluno, é muito superior à modalidade presencial”.

A5 – “ A possibilidade de fazer seu próprio horário de estudo, no caso do ensino online”.

A6 – “A pesquisa pode ser na própria Internet de forma rápida, mas tem que contar com essa vontade por parte do aluno”.

A7 – “A presencial é mais mobilizadora do que a online, na minha opinião”.

A8 – “Ambas, fica a critério do aluno, a necessidade e o interesse” .

A9 – “Os dois modelos são, depende das pessoas que irão estudar”.

A10 – “Neste caso é a presencial, pois os alunos estão mais acostumados”.

A11 – “Pode ser feito de qualquer lugar”.

A12 – “Da vontade do aluno de aprender”.

A13 – “A semipresencial não mobiliza, dependendo do aluno em querer aprender”.

A14 – “Que podemos estudar no tempo que tivermos”.

A15 – “Depende mais da vontade do aluno de aprender”.

A16 – “O aluno deve estar mais focado em se inteirar sobre os assuntos”.

**\* mais desestimulante(s) em termos de ensino-aprendizagem:**

A1 – “Há muitos lugares para visitar na Internet, pode tirar a atenção mais facilmente”.

A2 – “Parte do aluno o interesse, há alunos que nada buscam no online e nem no presencial”.

A3 – “Nas duas formas, a falta de auxílio e estímulo de alguns professores”.

A4 – “Acredito que este seja o ponto fraco da modalidade online, pois a troca de conhecimento, existente na modalidade presencial entre o professor e aluno, não atinge tanta eficácia”.

A5 – “Impossibilidade de interação com outros estudantes e com o professor em tempo real, no caso das disciplinas semipresenciais”.

A6 – “Por não ter o professor cobrando atenção o tempo todo como acontece na sala de aula, no semipresencial é mais difícil de prestar atenção na matéria”.

A7 – “A online é mais desestimulante, pois lê muito”.

A8 – “A online é mais desestimulante, pois penso que no online, se tenho certa dificuldade tento sanar, se não conseguir acabo desistindo na maioria das vezes”.

A9 – “O online, pois o aluno estuda o dia e hora que quiser”.

A10 – “Para mim, pessoalmente, é o presencial, pois prefiro escolher o que estudar e quando, no presencial tenho que ir as aulas”.

A11 – “Não tem o acompanhamento do professor”.

A12 – “Provas”.

A13 – “Não possui o contato físico com os professores e com os colegas”.

A14 – “Que temos que ter a consciência de estudar, ter compromisso”.

A15 – Não respondida.

A16 – “Dependência da Internet”.

**\* mais inadequada(s) à situação de aprendizagem online:**

A1 – “Só tem o fórum., poderia ter mais coisas”.

A2 – “Não observada”.

A3 – Sem resposta.

A4 – “A ineficácia na troca de conhecimento, dada à demora na constituição de um diálogo, seja ela por motivo de não acesso à plataforma de ensino online, demora no acesso por parte do professor e até mesmo na não familiarização do aluno com o tipo de ferramenta”.

A5 – “Não possui”.

A6 – “Na minha opinião a matéria semipresencial é inadequada”.

A7 – “O layout da secretaria online e do site é ruim”.

A8 – “Metodologia redundante (nem sempre suficiente)”.

A9 – “Não ter o professor para perguntar na hora que surge a dúvida”.

A10 – “Apesar de preferir o online, acho o ambiente virtual da faculdade um pouco confuso, poderia ser mais claro”.

A11 – “Provas com consulta”.

A12 – “Nenhuma”.

A13 – “Falta de costume em aprender dessa forma”.

A14 – “Ter o tempo necessário”.

A15 – Não respondida.

A16 – “*Tempo de espera de feedback do professor*”.

**Faça um comentário livre sobre as diferenças observadas:**

A1 – “*Apesar das diferenças entre o presencial e o online, eu prefiro o online pois eu estudo quando eu quero*”.

A2 – “*As duas modalidades apresentam os mesmos objetivos – parte do aluno o interesse em buscar informações. Geralmente os alunos no presencial estudam apenas o que é abordado em aula, já no online, costumam pesquisar mais*”.

A3 – “*A presencial ao meu ver vai continuar sendo a melhor*”.

A4 – “*A meu ver, ambas as modalidades de ensino possuem suas vantagens e desvantagens. Cabe aos que forem utilizar dessas ferramentas saberem extrair ao máximo as vantagens para que as desvantagens sejam ofuscadas*”.

A5 – “*Acredito que independentemente das diferenças e da minha preferência pelo ensino presencial, o ensino online satisfaz a necessidade de um grande público*”.

A6 – “*Como já foi dito a diferença é nas provas, não precisamos nos preocupar em estudar para a matéria que é semipresencial e assim sobra mais tempo para estudar para que é presencial*”.

A7 – “*Prefiro o presencial, pois tenho contato com o professor e com os colegas*”.

A8 – “*As metodologias presenciais ou online, ambas tem seus conceitos, porém a real base está na comunicação entre o docente e o discente*”.

A9 – “*Nos tempos de hoje, os jovens preferem a Internet, tudo tem que ser online, pois eles não saem do computador um minuto, já para os que não se adequaram, as novas tecnologias, o ensino semi-presencial é melhor*”.

A10 – “*Prefiro o online, mas acho que sou minoria*”.

A11 – “*Prefiro o presencial, pois tenho contato direto com o professor e os colegas da turma*”.

A12 – “*Acho que a faculdade ganha mais do que os alunos*”.

A13 – “*O aprendizado online, precisa mais mobilidade do aluno, ele precisa ser mais concentrado, mais disciplinado, para realizar esse aprendizado, porque temos por hábito de deixar tudo para depois, nesse método o aluno tem que ter essa noção de tempo*”.

A14 – *“Na minha opinião aulas presenciais são boas, e estudamos o tempo que temos no nosso dia a dia e com isso certamente precisamos ter compromisso”.*

A15 – *“Acho o ensino semi-presencial uma opção válida para matérias que exijam mais pesquisa do que teoria”.*

A16 – *“A interação entre professores e alunos não ocorre em tempo real e por esse motivo o tempo de resposta fica muito comprometido”.*

**Questão b) vantagens e dificuldades dos alunos no ensino de noções de Inglês na modalidade semipresencial.**

**b.1) aponte as dificuldades que encontra na aprendizagem de noções de inglês na modalidade semipresencial:**

A1 – *“Só pelo fórum e pela apostila, não dá para aprender muito”.*

A2 – *“Particularmente não tive muitas dificuldades com a disciplina, porém pude ver que quem nunca teve contato com Inglês perderam-se pelo fato da prova ser toda em Inglês”.*

A3 – *“Não encontrei muitas dificuldades, principalmente na avaliação que foi com consulta, assim, não precisei estudar muito”.*

A4 – *“Por se tratar de uma língua que, muitas vezes, a pronúncia é bem diferente da escrita, penso que a oferta desta disciplina na modalidade semipresencial deve usufruir de um aporte muito bem elaborado. Ou seja, ferramentas que possibilitem uma troca de informação entre aluno e professor muito além da forma escrita”.*

A5 – *“Não encontrei dificuldades”.*

A6 – *“Não tive muita dificuldade, pois as questões foram mais de complete”.*

A7 – *“Por não saber muito inglês, o online dificulta, pois não há muitas dicas, faltam recursos”.*

A8 – *“Não encontrei muitos exemplos e não teve nada relacionado à pronúncia”.*

A9 – *“Hoje em dia todos sempre estão na correria do dia a dia, então nunca acham tempo para fazer um curso de inglês paralelo aos estudos”.*

A10 – *“Nenhuma”.*

A11 – *“Não aprendi quase nada, não estudei pois sabia que a prova era com consulta”.*

A12 – *“O inglês da escola foi muito básico e não aprendi muita coisa e na faculdade não consegui aprender muito também”.*



A13 – *“Primeiro porque eu tenho pouca noção de inglês, somente o da escola, depois percebo que a presença do professor é fundamental, independente da disciplina a ser lecionada”.*

A14 – *“Única dificuldade era que tinham capítulos que não tinha aprendido antes e sendo sem um professor tive um pouco de dificuldade, porém fora isso tentei aprender pesquisando”.*

A15 – *“Não encontrei dificuldades, visto que já conhecia inglês. Mas o tempo da disciplina é muito curto”.*

A16 – *“Nenhuma”.*

## **b.2) a que atribui essas dificuldades?**

### **\* em termos do docente da disciplina:**

A1 – *“O professor não está todo o tempo online”.*

A2 – *“Falta de mais encontros com o professor”.*

A3 – *“Não tive contato, não fui aos encontros presenciais e entrei no fórum somente algumas vezes antes das provas para verificar se tinha alguma coisa diferente”.*

A4 – *“Imagino ser pouca a interferência, pois o professor apenas utiliza as ferramentas, sabendo que o professor pode, sim, apontar outras fontes que podem ser usadas neste processo do ensino”.*

A5 – Não respondido.

A6 - Não respondido.

A7 – *“Ele não está presente”.*

A8 – *“Pouco tempo para se trabalhar os conteúdos”.*

A9 – *“Dificuldade de passar a matéria e todos conseguirem acompanhar”.*

A10 – *“Não acho que tenha dificuldades”.*

A11 – *“O professor não estar presente”*

A12 – *“O professor não trouxe exemplos variados. Não trabalhamos com a parte oral. Ficamos concentrados nas partes gramaticais do inglês”.*

A13 – *“Faltou maior contextualização dos temas da apostila com a nossa vivência”.*

A14 – *“Ele não está presente e com isso depois esquecemos de perguntar online”.*

A15 - Não respondeu.

A16 - Não respondeu.

**\* em relação à instituição:**

A1 – *“Não melhora o site para ficar mais fácil de acessar”*.

A2 – *“Ela disponibiliza todos os meios, mas não uma boa plataforma online”*.

A3 – *“Disponibiliza a apostila online e coloca o professor para responder as dúvidas dos alunos, somente”*.

A4 – *“Bom, acredito ser de grande interferência, pois ao adotar tal modelo de ensino deve estar ciente de todas as ferramentas que deverá disponibilizar ao professor e aluno. Para que haja um ensino de qualidade”*.

A5 - Não respondeu.

A6 - Não respondeu.

A7 – *“Pode melhorar o oferecimento da disciplina, de forma presencial”*.

A8 – Não respondeu.

A9 – *“Seria melhor de oferecesse curso de inglês básico gratuito”*.

A10 - *“Não acho que tenha dificuldades”*.

A11 – *“Lucra mais, pois não precisa ocupar sala de aula e é um professor só para várias turmas”*.

A12 – *“Poderia ter mais atividades no site, além da apostila e do fórum”*.

A13 – *“Forçam disciplinas para fazermos”*.

A14 – *“O portal de aprendizagem poderia ser melhor, poderia ter vídeo aulas e encontros mais frequentes”*.

A15 - Não respondeu.

A16 - Não respondeu.

**\* em relação a você mesmo:**

A1 – *“Às vezes não dá vontade de entrar no site para estudar”*.

A2 – *“A falta de interesse”*.

A3 – *“Não me senti muito estimulado para fazer essa disciplina, não por causa da matéria, mas da forma”*.

A4 – *“Suma interferência, pois é o principal ator neste cenário. Influyente direto em qualquer resultado que for obtido”*.

A5 - Não respondeu.

A6 - Não respondeu.

A7 – *“Falta de interesse”*.

A8 – *“Pouco tempo para estar com o professor para aumentar a aprendizagem e tirar dúvidas”*.

A9 – *“Seria melhor fazer um curso de inglês”*.

A10 - *“Não acho que tenha dificuldades”*.

A11 – *“Me acomodei, pois não precisava estudar muito para tirar uma boa nota. Na prova podia consultar a apostila”*.

A12 – *“Não me senti muito estimulado a aprender”*.

A13 – *“Tive dificuldades com a disciplina pois não sabia muito inglês e a prova era toda em inglês o que dificultou mais”*.

A14 – *“Precisei me organizar em relação ao tempo para estudar”*.

A15 - Não respondeu.

A16 - Não respondeu.

**\* considerando o programa da disciplina:**

A1 – *“Bom. Não tenho muito a comentar”*.

A2 – *“Bastante explícito, mas com pouco conteúdo”*.

A3 – *“Bom”*.

A4 - *“Deve ser elaborado de maneira coesa com relação a plataforma utilizada e o desenvolvimento da disciplina junto ao alunos”*.

A5 - Não respondeu.

A6 - Não respondeu.

A7 – *“O conteúdo é fácil”*.

A8 – *“Aponta uma boa ideia e bom conteúdo, porém muito expresso”*.

A9 – *“As matérias são básicas e objetivas para que todos consigam estudar e acompanhar”*.

A10 - *“Não acho que tenha dificuldades”*.

A11 – *“Fácil, bem básico”*.

A12 – *“Se concentrou na gramática. Não trabalhamos com conversação e nem textos”*.

A13 – *“Parecia ter a intenção de realmente auxiliar a termos conhecimentos básicos sobre inglês”*.

A14 – *“Não tive muitas dificuldade, o que não sabia pesquisei”*.

A15 – *“Conteve conhecimentos básicos de inglês”*.

A16 - Não respondeu.

**b.3) aponte as facilidades que encontra na aprendizagem de noções de inglês na modalidade semipresencial:**

**b.4) a que atribui essas facilidades?**

**\* em termos do docente da disciplina:**

A1 - *“O professor sempre responde a uma pergunta, mesmo sendo em outro dia”.*

A2 - *“Qualificação e clareza do professor”.*

A3 - *“Quando algum aluno tinha dúvida, o professor respondia”.*

A4 - *“Não observado”.*

A5 - *“No fórum, o docente responsável sempre tirava as dúvidas postadas pelos estudantes”.*

A6 - *“Não tive contato com o professor”.*

A7 - *“O trabalho para ele fica mais fácil, ele responde as questões online, se perguntarem”.*

A8 - *“Na correção de provas, as respostas são mais exatas, dadas pelo professor”.*

A9 - Não respondeu.

A10 - *“Acho que é um pouco mais complicado para o professor no online”.*

A11 - *“Não vejo facilidade por parte do professor”.*

A12 - *“Respondia as perguntas que faziam no fórum”.*

A13 - *“Não houve facilidade”.*

A14 - *“Não precisar ficar em uma sala cheia de alunos falando alto”.*

A15 - Não respondeu.

A16 - *“Professor sempre atento às dúvidas”.*

**\* em relação à instituição:**

A1 - *“Não vejo”.*

A2 - *“A flexibilidade dos horários para os encontros”.*

A3 - *“Não tem”.*

A4 - *“Não observado”.*

A5 – “*Não há*”.

A6 – Não respondeu.

A7 – “*Não há facilidade*”.

A8 – “*Praticidade, carga horária reduzida dos professores e mão de obra mais barata*”.

A9 – “*Não precisa de espaço para acomodar os alunos*”.

A10 – “*É mais fácil e econômico*”.

A11 – “*menor custo*”.

A12 – “*O site estava sempre no “ar”*”.

A13 – “*Não houve facilidade*”.

A14 – “*Para a instituição é bom, pois economiza*”.

A15 – Não respondeu.

A16 – “*Sistema de fácil acesso*”.

**\* em relação a você mesmo:**

A1 – “*Quando quero estudar, estudo. Ninguém diz a hora certa de estudar*”.

A2 – “*A questão do interesse está centrada em mim*”.

A3 – “*Não me facilitou em nada*”.

A4 – “*Não observado*”.

A5 – “*Estudei a matéria, pois me interessei*”.

A6 – Não respondeu.

A7 – “*Não há*”.

A8 – “*Pouca vantagem, pois posso tirar uma boa nota, mas sem necessariamente aprender*”.

A9 – “*Tirar minhas dúvidas sem precisar ir ao professor*”.

A10 – “*O online é mais fácil*”.

A11 – “*No online é mais fácil de se acomodar para estudar*”.

A12 – “*Como não me senti muito estimulado, conseqüentemente não encontrei muitas facilidades, somente a prova por ser com consulta e isso permite passar na disciplina sem ter que estudar muito*”.

A13 – “*Não houve facilidade*”.

A14 – “*Pesquisa quando não entendia alguma coisa*”.

A15 – Não respondeu.

A16 – *“Foi uma possibilidade de atualização do inglês básico”*.

**\* considerando o programa da disciplina:**

A1 – *“Bom. Parece fácil”*.

A2 – *“Conteúdo claro”*.

A3 – *“Bom”*.

A4 – *“Não observado”*.

A5 – *“O programa da disciplina estava bem básico, simples e claro. Facilitou a aprendizagem dos alunos”*.

A6 – *“Estava simples, não foi muito difícil”*.

A7 – *“Acho que seria o mesmo no presencial e no semipresencial”*.

A8 – *“A facilidade está no tempo, para o aluno e na hora da execução da prova por haver consulta”*.

A9 – Não respondeu.

A10 – *“É o mesmo do presencial”*.

A11 – *“Não apresentou nenhuma dificuldade”*.

A12 – *“Bem básico”*.

A13 – *“Apostila online, dava para ler sem ter que tirar xerox”*.

A14 – *“Algumas dificuldades”*.

A15 – *“A apostila possuía um bom resumo do que é o inglês”*.

A16 – *“Muito básico”*.

**Questão c) posição dos alunos em relação à oferta de disciplinas semipresenciais no curso presencial.**

**c.1) explique a sua posição diante da oferta de disciplinas a distância em um curso presencial:**

A1 – *“O aluno ganha tempo e obtém maior rendimento e a instituição ganha maior lucro, pois ao ter uma matéria “virtual” ganha espaço físico para ocupar com outras turmas”*.

A2 – *“Apesar das vantagens do online, prefiro o presencial”*.

A3 – *“O curso presencial é mais benéfico nos pontos informados no item a1 e a distância vai beneficiar quem tem uma rotina turbulenta”*.

A4 – *“A principal facilidade é a flexibilidade que o aluno encontra. Ou seja, na presencial se o aluno faltar uma aula expositiva terá em seu processo de ensino, uma lacuna por conta da ausência na referida*

*aula. Já na modalidade semipresencial, o aluno acessa no momento em que dispõe de tempo para desenvolver o seu conhecimento”.*

*A5 – “Acredito por que a oferta é válida e pode agregar valor para o curso presencial”.*

*A6 – “A distância não precisamos nos preocupar com a presença já que a falta excessiva reprova. Na presencial, em algumas matérias, você só aprende assistindo as aulas, já outras não basta ter o conteúdo”.*

*A7 – “Acho que deveriam mudar a metodologia da disciplina, isso já facilitaria”.*

*A8 – “Dentro da graduação, torna-se vantajosa pelas questões de carga horária e preenchimento das eletivas”.*

*A9 – “A disciplina elimina carga horária eletiva”.*

*A10 – “Muito importante, pois estimula aos alunos a estudarem sozinhos, preparando para o mercado de trabalho”.*

*A11 – “Preferiria que todas as disciplinas fossem presenciais”.*

*A12 – “No começo não gostei muito da ideia de ter aulas online, pois não sabia como seria. Acho que os alunos ficam muito soltos, não há a presença do professor a todo o momento para nos dizer o que fazer. Estudamos muito sozinhos”.*

*A13 – “Prefiro um curso presencial, sou contra já que foi ofertado curso presencial, se fosse para fazer a distância eu teria escolhido outra instituição”.*

*A14 – “Gostei da disciplina online, mas faltaram algumas coisas. Acho que tem disciplina que dá mais certo do que outra”.*

*A15 – “Acho bom, para buscar aprender coisas que eu tenha interesse. É parecido com o que se faz na Internet, quando se quer estudar algo”.*

*A16 – “A atualização do conteúdo já visto no ensino médio, fácil organização e otimização do tempo, porém, por vezes acrescentam disciplinas que não fazem relação com o curso”.*

**c.2) comente as posições de seus colegas sobre esta questão, que considera importantes:**

*A1 – “O aprendizado”.*

*A2 – “Não houve muito comentário”.*

*A3 – “Não observei os comentários dos meus colegas”.*

*A4 – “A maioria compartilha da mesma ideia”.*

A5 – *“Aqui na instituição, a maioria dos alunos vêm a modalidade semipresencial como uma maneira fácil de alcançar carga horária para o término do curso”*.

A6 – *“O tempo é uma das coisas mais comentadas, pois pode estudar onde tiver sem se preocupar”*.

A7 – *“A maioria gosta por que é fácil”*.

A8 – *“Nem todos pensam da mesma forma por estarem interessados também no conhecimento do conteúdo”*.

A9 – *“Cada um pensa de uma forma, muitos não se adequaram nessa modalidade, em questão de não acessarem ou esquecerem”*.

A10 – *“Não percebi comentário”*.

A11 – Não respondeu.

A12 – *“Eles gostam pela questão da carga horária e da consulta na prova”*.

A13 – *“Muitos concordaram comigo, mas há os que gostaram também”*.

A14 – *“Eles não reclamam, somente reclamam quando perdem o dia da prova”*.

A15 – Não respondeu.

A16 – *“Acham fácil, pois a avaliação é com consulta”*.

### **c.3) você visualiza vantagens nesta oferta:**

#### **\* para a instituição:**

A1 – *“Não há ocupação do espaço físico”*.

A2 – *“Sim, pois mostra uma adequação diante de um mundo cada vez mais globalizado”*.

A3 – *“Não vejo vantagens”*.

A4 – *“Economiza por não ocupar sala, gastar energia elétrica, etc”*.

A5 – *“Não vejo”*.

A6 – Não respondeu.

A7 – *“Normal. Não há diferença”*.

A8 – *“Praticidade e mão de obra barata”*.

A9 – *“Pouco gasto, facilidade”*.

A10 – *“Vantagem puramente econômica”*.

A11 – *“Não há muitos gastos”*.



A12 – “Economia com os professores e salas de aula”.

A13 – “O semi presencial só tem vantagens para a instituição, porque este professor não está na instituição para o cara a cara com o aluno, um desenho feito, uma palavra dita tanto pelo professor quanto pelo aluno acaba muitas das vezes tirando as dúvidas, o que não acontece quando você faz online”.

A14 – “Economizam mais”.

A15 - Não respondeu.

A16 – “Custos reduzidos”.

**\* para os alunos:**

A1 – “Comodidade no aprendizado”.

A2 – “Há maior flexibilidade com os estudos e horários”.

A3 – “Somente para alguns alunos”.

A4 – “Mais flexibilidade no horário”.

A5 – “Agrega uma carga horária considerável”.

A6 - Não respondeu.

A7 – “É um dia a menos que não vai para a sala de aula estudar”.

A8 – “Poucos, tirando a questão de horas e carga horária, não vejo outras”.

A9 – “Flexibilidade de horário, pode acessar de qualquer lugar e a qualquer hora”.

A10 – “Interesse em buscar novos conhecimentos”.

A11 – “Não há muita, se o aluno não se interessar em aprender, nada adiantará”.

A12 – “Para os alunos que não tem muito tempo, a modalidade é vantajosa”.

A13 – “Somente a prova com consulta”.

A14 – “Podem estudar em qualquer lugar e na hora que quiserem”.

A15 - Não respondeu.

A16 – “Autonomia dos alunos em aprender a qualquer tempo e lugar e o comprometimento em aprender”.

**\* para os docentes:**

A1 – “Não precisam ficar em sala de aula”.

A2 – “Não tem”.

A3 – “*Não vejo tantas vantagens*”.

A4 – “*Não observado*”.

A5 - Não respondeu.

A6 - Não respondeu.

A7 – “*Não precisam ir a aula*”.

A8 – “*A nível profissional, vejo a possibilidade de flexibilização dentro da carga horária*”.

A9 – “*Tem a flexibilidade para executar outras tarefas*”.

A10 – “*Nenhuma*”.

A11 – “*Não há facilidade*”.

A12 - “*Acho que ficam com muitos alunos para orientarem e tirarem dúvidas*”.

A13 – “*Não há vantagens*”.

A14 – “*Não sei*”.

A15 - Não respondeu.

A16 – “*Pedagogia inovadora, com interatividade entre alunos, professores e tutores*”.

**\* para a formação profissional:**

A1 – “*Agrega conhecimento*”.

A2 – “*É uma oportunidade para quem não possui tempo*”.

A3 – “*Não vejo.*”

A4 - “*Não observado*”.

A5 – “*Adaptação a uma nova modalidade de ensino*”.

A6 - Não respondeu.

A7 – “*O conteúdo ajuda na formação, mas a forma como é a disciplina, não*”.

A8 – “*Nenhuma, uma vez que não há o conhecimento adequado para execução do idioma*”.

A9 – Não respondeu.

A10 – “*Muito importante, pois se tornará um profissional mais dinâmico*”.

A11 – “*Aprendemos a lidar com a Internet para geração de conhecimento*”.

A12 – *“Um pouco, pois me deixa em contato com o mundo digital”.*

A13 – *“Pelo menos há o uso do computador com mais frequência o que estabelece um contato com o mundo digital”.*

A14 – *“É bom, pois o inglês é falado em vários lugares do mundo”.*

A15 – Não respondeu.

A16 – *“Complementa o currículo”.*

**Faça um comentário livre sobre a oferta de disciplinas na modalidade semipresencial:**

A1 – *“As disciplinas semipresenciais ajudam no complemento das demais matérias e também agregam conhecimento”.*

A2 – *“Não houve resposta”.*

A3 – *“Acho um pouco chata. Só ajuda para eliminar carga horária, pois vale três créditos”.*

A4 – *“Enxergo que isto é uma exigência feita pelo Ministério da Educação. Eles possuem todo um embasamento pedagógico, entre outros. Mas como aluno se torna um tanto complicado a compreensão. Penso ser muito conturbada a maneira com que é feita a oferta destas disciplinas. Acredito que poderia ser tratada de uma forma menos obrigatória, até mesmo, por parte das instituições que as utilizam. Pois a maneira como é feita deixa o aluno receoso e relutante quanto a modalidade. Particularmente não me agrada”.*

A5 – *“Acredito que a língua inglesa é muito complexa para ser ofertada no módulo semipresencial, porém, como eu já havia feito um curso básico de inglês, não foi difícil alcançar a aprendizagem proposta pela instituição. Já a questão da modalidade semipresencial, acho que a oferta é válida, porém deveria ser reformulado o método de avaliação”.*

A6 – *“Matéria fácil sem necessidade de aulas presenciais”.*

A7 – *“Se a disciplina tivesse sido presencial, acho que eu tiraria mais proveito, ia aprender mais”.*

A8 – Não respondeu.

A9 – *“A maior vantagem da disciplina está na flexibilização do tempo para o aluno, pois não terá uma hora específica para estudar e nem o lugar”.*

A10 – *“Não encontrei nenhuma dificuldade. Acho que seria uma boa aluna a distância”.*

A11 – *“Para instituição há mais vantagens, pois paga um professor só para vários alunos e sem gastar sala de aula, para os alunos e os professores não e para minha formação profissional mais ou menos,*

*pelo menos vou ter tido contato com algum material básico de inglês”.*

A12 – *“Acho que a semipresencial tem tudo para dar certo, apesar de ter que contar com a vontade dos alunos”.*

A13 – *“Preferiria a disciplina presencial”.*

A14 - *“Um a distância vamos lá algumas vezes na semana e fazemos a prova já no presencial temos 1 aula para tirar dúvidas e os outros nos resta estudar em casa”.*

A15 – *“Existem muitas coisas que não precisam de uma disciplina presencial, é muito mais leitura e pensamento”.*

A16 – *“As disciplinas ofertadas deveriam fazer relação com o curso de graduação do aluno, mas nem sempre isto acontece”.*

## ANEXO V

### ENTREVISTA

#### **1 - Qual a principal diferença, na sua opinião, entre a modalidade presencial e a semipresencial? Explique.**

E1 – *“A principal diferença é que na modalidade semipresencial, o aluno torna-se o principal autor na construção do seu próprio saber, pois há menos interação entre aluno-professor do que na modalidade presencial. Modalidade esta que, juntamente, o aluno e o professor são os principais responsáveis pela construção do saber”.*

E2 – *“O contato com o professor: Na minha opinião a melhor forma de esclarecer certas dúvidas seria presencialmente”.*

E3- *“Na modalidade presencial você tem a presença do professor por mais tempo, as dúvidas podem ser tiradas na hora e na maioria das vezes, o professor passa a matéria e passa atividades, no semipresencial há uma certa pesquisa, depende do interesse do aluno a leitura da apostila, fazer os exercícios, mas não temos que participar das atividades, nada vale pontos, apenas a prova que é diferente da presencial, pois podemos consultar toda a apostila, sem precisar estudar antes”.*

E4 – *“No presencial tem o contato com o professor, facilidade em aprender. No online tem tempo disponível a qualquer hora, busca do aluno por seu interesse ou foco”.*

E5 – *“As principais diferenças que acho que tem, tem haver com o contato de forma diferente com o professor e com os colegas. Outra diferença é a de estudar, uma é no computador e outra na sala de aula. O tempo é diferente também”.*

#### **2 - Você observou vantagens da disciplina (Noções de Inglês) na modalidade semipresencial no que se refere a sua aprendizagem? Quais?**

E1 – *“Muito poucas vantagens. A principal foi proporcionar ao aluno maior flexibilidade para cursá-la. O que acontece com qualquer disciplina na modalidade semipresencial”.*

E2 – *“Não observei vantagens. Acho que quando temos um contato mais direto com o professor aprendemos mais e não vi no fórum atividades que pudéssemos praticar mais, não só com exercícios mais também com atividades mais dinâmicas, jogos, vídeos, ou outras coisas desse tipo”.*

E3- *“A vantagem que observei foi em relação ao tempo para estudar. Eu estudava a hora que podia e como estava online, eu pesquisava em outros sites sobre coisas que não sabia e que estava nos capítulos da apostila, mas na matéria do inglês, achei a apostila mais simples, nas outras matérias tem muita coisa para ler e fica mais chato. Eu senti falta de mais atividades, mais exercícios. Tive algumas vezes vontade*

*de falar em inglês, mas a matéria foi só teórica, podia ter sido mais prática também”.*

E4 – *“Não há diálogo com o professor, não houve a prática do inglês. Senti que não aprendi muita coisa, apesar de ter tirado boas notas”.*

E5 – *“A única vantagem foi a prova para contar como nota e passar na matéria, mas para a minha aprendizagem não percebi muitas vantagens por que não tive muito interesse em estudar”.*

### **3 - Você observou desvantagens da disciplina na modalidade semipresencial no que se refere a sua aprendizagem? Quais?**

E1 – *“Sim. Ao meu ver, uma disciplina que lida com um idioma, seja estrangeiro ou não, aborda muito mais do que apenas a linguagem escrita. Este é um ponto negativo ao oferecimento da disciplina na modalidade semipresencial”.*

E2 – *“Sim, poderia ter um pouco mais de dificuldade pois as respostas ficam muito na cara e facilita muito ao aluno, por ser assim alguns alunos fazem de qualquer maneira essas disciplinas”.*

E3- *“Não tive contato com o professor, nem sei quem é, acho que isso é uma desvantagem. Um grande desvantagem foi a falta de atividades diferentes que estimulassem os alunos. Acho que para aprender uma língua você tem que praticar e não teve prática”.*

E4 – *“Sim, acho que seria melhor essa disciplina ter sido presencial, mas com poucos alunos na sala, se tivessem muitos, não adiantaria nada. No semipresencial tem muita leitura, isso é importante, mas fica chato, além de ser muita coisa para imprimir”.*

E5 – *“Acho que o aluno que quer aprender dá para aprender, mas no meu caso eu aprendi pouco, pois tive preguiça de ler a apostila na secretaria online e imprimir ela só para fazer a prova. Achei que ficamos muito presos na apostila, só tem isso”.*

### **4 - Para você, quem tem mais a ganhar com o oferecimento desta modalidade? A instituição, o professor ou o aluno? Por quê?**

E1 – *“Sinceramente, há ganho para todos. A instituição obtém um gasto menor ao pagar um professor tutor da disciplina. O professor, não necessita estar presente na instituição para lecionar a disciplina, podendo até, ter mais um dia de aula em sua carga. O aluno, ganha na flexibilidade de estudo para tal disciplina. Mas ao meu ver quem obtém maior ganho é a instituição”.*

E2 – *“A instituição. pois reduz a quantidade de alunos por salas impedindo a super lotação”.*

E3- *“Todos tem a ganhar. A instituição pois segue a legislação, eu acho, e com isso pode ser bem avaliada. O professor, tem menos a ganhar, por que acho que tem mais alunos no semipresencial, mas em*

*compensação não fica na sala de aula o tempo todo. E o aluno que estuda quando e onde quiser, se tiver Internet e se quiser também por que não é forçado”.*

*E4 – “Acho que é a instituição porque economiza, economiza com professor, pode colocar um monte de alunos para fazer a mesma disciplina ao mesmo tempo e não tem que ter sala de aula para dar todo mundo”.*

*E5 – “A faculdade ganha mais, tem mais economia de energia, paga um professor para muitos alunos, fica com mais salas de aula disponíveis, mas o professor e o aluno não ganha muito. Acho que o professor trabalha mais e o aluno tem que aprender a estudar sozinho”.*

## **5 - Quais são as suas sugestões para melhorar o oferecimento da disciplina Noções de Inglês na modalidade semipresencial?**

*E1 – “Uma plataforma mais eficiente. Não somente um ambiente de discussão, e sim, um ambiente onde possa haver uma interação mais real. Por se tratar de uma disciplina de idioma estrangeiro, a pronúncia é crucial para o manuseio correto de todo o conhecimento teórico.”*

*E2 – “Poderia ter um pouco mais de dificuldade pois as respostas ficam muito na cara e facilita muito ao aluno, por ser assim alguns alunos fazem de qualquer maneira essas disciplinas”.*

*E3- “Tem que melhorar a avaliação e colocar a disciplina como semipresencial e presencial e aí o aluno escolhe qual a forma que quer estudar. Acho que o semipresencial não dá muito certo”.*

*E4 – “Acho que a disciplina podia ter sido dada no modelo de cursinhos de inglês, na forma presencial, trabalhando com a audição, a escrita e a parte oral. Assim ia ficar mais a compreensão da matéria e por se tratar de noções de inglês, agente tinha que ter falado mais em inglês para praticar a língua”.*

*E5 – “Tinha que ser opcional para o aluno participar, por que eu me matriculei num curso que é presencial, se eu quisesse ter aula a distância eu teria me matriculado num curso a distância, só que a faculdade impõe a fazer a matéria se não você não consegue fechar a carga horária do curso, aí fica difícil. Somos obrigados a fazer uma coisa, a estudar de uma forma de no meu caso, eu não tenho afinidade”.*